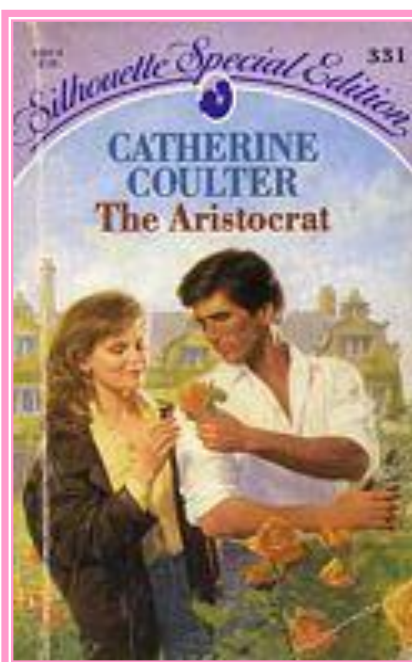
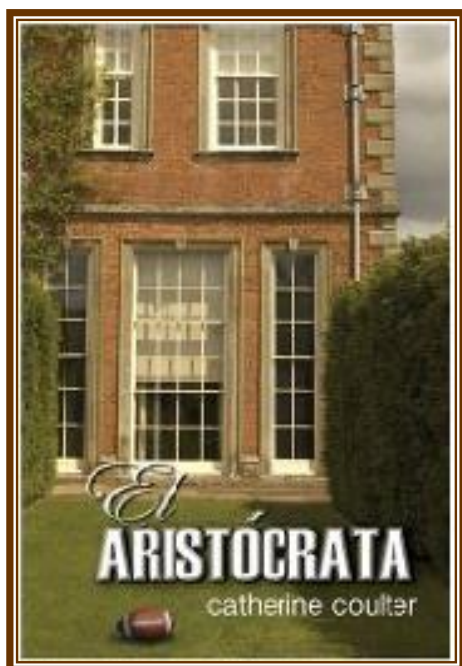


Catherine Coulter



O Aristócrata

Uma história deliciosa de um par improvável que está prestes a descobrir o que eles têm em comum, neste romance clássico que está na lista dos mais vendidos do New York Times da autora Catherine Coulter.

O quarterback¹ Brant Asher tem tudo: fama, boa aparência, dinheiro, mulheres bonitas. A vida do astro do futebol americano segundo o New York é 100 por cento americano - até que um parente distante inglês o nomeia como seu herdeiro. A herança inclui um título, propriedades e... uma mulher?

Daphne Asherwood fica chocada ao saber que seu tio chantageou Brant para se casar com ela. Claro, ela sempre foi simples, negligenciada moça de família, mas isso não significa que ela iria se casar com um estranho - e um norte-americano, ainda! - especialmente depois de uma transformação revelar uma mulher deslumbrante pronto para entrar em seu mundo.

Quando Brant e Daphne se encontram, faíscas voam - mesmo que mal entendem o idioma do outro. A inglesa puritana e um herói do futebol americano podem não ter nada em comum... mas com a química certa, o seu casamento de conveniência só poderia transformar Daphne em uma mulher confiante e Brant no senhor da casa.

¹ **Quarterback** é uma posição do futebol americano. Jogadores de tal posição são membros da equipe ofensiva do time (do qual são líderes) e alinham-se solo atrás da linha central, no meio da linha ofensiva. Sua função é dar o início as jogadas e fazer passes para os recebedores (*wide receivers*) e também, porém nem tantas vezes, para os *tight ends* (último homem na linha ofensiva, sua função depende da preferência tática do treinador, mas suas principais tarefas são: bloquear as costas em execução ou quarterback que está carregando a bola, pegar passes do quarterback, e ajudar a desenvolver uma forte jogada auxiliando seu companheiro atacante durante a passagem no bloqueio das execuções). É ele que dá a bola para o corredor iniciar uma jogada de corrida.



Prólogo

Os defesas da equipe dos Astros de Nova Iorque seguiram a evolução do jogo da linha lateral. Agarrados as grades de seus próprios capacetes, de costas para não olhar o que estava acontecendo no jogo. A equipe de jogadores dos Steelers lançou a bola na linha das quarenta e três jardas com um ligeiro efeito na direita, diretamente para os postes. Brant Asher seguiu o voo da bola que entrou no lugar certo, a pouco mais de um palmo, e aguardou as instruções com tensão.

O lançamento tinha sido bom.

Guy Richardson, jogador dos Astros, jogou seu capacete no chão e chutou a grama com raiva e incredulidade, presa da frustração.

- Maldito seja! - vociferou. - Não posso acreditar, por Deus! Até agora tinha sido incapaz de alcançar semelhante marca. Marcou à distância de cinquenta e três jardas!

Karpatian, autor da proeza, deu um salto no ar de quase um metro e desapareceu, engolido pelo resto de sua equipe que estava com ele para felicitá-lo.

- Os aficionados do Three Rivers Stadium estão fora de si! - exclamou o locutor pelo auto-falante.

Brant teve a impressão de que as arquibancadas do estádio estavam tremendo. Alguns de seus companheiros de equipe soltavam maldições em voz alta, mas a maioria manteve a cabeça baixa e olhava ao chão. Ele olhou para o placar eletrônico e leu o resultado final: 24 a 21. Essa partida já era história. Tudo havia terminado. Tinham perdido todas suas opções de jogar a final do campeonato. Procurou se isolar da gritaria das arquibancadas, pegou o capacete entre suas mãos com força e abriu caminho até o seu treinador. Sam Carverelli não podia ocultar a amargura e Brant reconheceu em sua expressão os mesmos sintomas que se apoderaram dele. as grossas sobrancelhas negras se franziram, tinha os ombros caídos e sua boca era uma linha branca apenas visível.

- Meu Deus! - sussurrou perplexo. - E agora terei que felicitar a esse pestilento do Howard. Foi um golpe de sorte. Esse Karpatian foi o engano maior de toda sua carreira como treinador.

Brant passou seu musculoso braço sobre os ombros de seu treinador.

- Suponho que a sorte também joga - assinalou Brant sem muita convicção.

Sam Carverelli recuperou a integridade com muita dificuldade e levantou a

vista para olhar à cara de seu jogador, melhor nome da temporada.

- Demônios, Brant, isto não é justo. É a segunda vez que terminamos ganhadores da temporada regular, mas que sentido tem lamentar-se? Saíamos daqui antes de que os fãs percam os nervos.

A maior parte dos jogadores estavam sobre a grama e felicitavam a seus rivais. A tensão tinha desaparecido. Os seguidores dos Steelers esqueceriam logo a partida e se concentrariam em seu seguinte compromisso. Sem ligar, os Astros de Nova Iorque se retirariam a suas casas e seguiriam por televisão a retransmissão das finais.

Brant pensou que tinham jogado uma boa partida enquanto caminhava a metade do campo para felicitar ao Joe Marks, quarterback dos Steelers. Mas seu jogo tinha gerado muitas dúvidas. Haviām finalizado um total de vinte e quatro jogadas, incluídos dois gols tanto de Lloyd Nolan e Taylor Washington uma corrida de cem jardas. Mas não tinha sido suficiente. Avançava para a corrida, alheio ao ruído ensurdecedor das arquibancadas, sem prestar muita atenção aos pedaços de grama arrancados onde podia tropeçar. Já não haveria mais futebol até o próximo verão.

Joe Marks estava tão eufórico que, em um primeiro momento, não reconheceu Brant.

- Meu Deus! - gritava uma e outra vez, dando tapinhas na costa de Brant até que percebeu. Então relaxou um pouco e freou seu transbordante entusiasmo. - Tivemos sorte, não é certo, Brant?

- Certamente. Jogou uma boa partida, Joe - acrescentou Brant, quase comovido ante o alvoroço de seu amigo.

Os dois apertaram as mãos e Brant se retirou para que Joe desfrutasse de seus quinze minutos de glória. Ainda lhe tocava viver a festa do vestiário, no que correria o champanha, embeber seus uniformes e do álcool sobre suas cabeças.

Brant se reuniu com um grupo de jogadores de sua equipe e eles caminharam juntos, em silêncio, para os vestiários. Tinha trinta e um anos. Estava no auge de sua carreira. Passou-lhe pela cabeça que possivelmente havia chegado a hora de deixar o futebol e retirar-se com dignidade. Depois recordou ao Kenny Stabler, conhecido como a Serpente, que seguia na ativa e tinha aguentado todas os ataques dos novatos. Perguntou-se como se sentiria ante aqueles jovens jogadores, ansiosos para passar sobre ele igual a um rolo compressor. Mas, uma vez que chegavam aos vinte anos, tinha começado a assumir que a idade tinha uma importância relativa no

futebol. Inclusive com trinta e um enfrentava jogadores oito anos mais jovem que ele. Por um momento esboçou um tímido sorriso. Imagine de novo ao Joe Marks, que também havia completado trinta anos, e presumiu que não se sentiria especialmente velho nesses momentos.

O vestiário estava perdido em uma tristeza indescritível. Brant sentiu vontade de gritar a toda sua equipe que uma derrota na final da conferência não era o fim do mundo. Tinham sido os melhores em temporada regular pelo segundo ano consecutivo. Possivelmente o dono da franquia estava puxando seus cabelos nesse instante, mas tinha ganho um montão de dinheiro as duas últimas temporadas graças a eles.

Brant Asher, profissional até a medula, saltou sobre um dos bancos do vestiário e se dirigiu a sua equipe com voz de comando.

- Me escutem bem, bando de fracassados! Antes de que a imprensa entre no vestiário quero que deixem de se comportar como se me tivesse tido relações sexuais com suas mulheres - gritou Brant com a esperança de que seus jogadores se sacudissem da melancolia. Não havia nada que pudéssemos fazer para evitar que a bola do Karpatian cruzasse entre os postes. Ao menos conservou seu posto uma temporada mais graças a esse fato.

Lloyd Nolan soltou uma gargalhada.

- Nem sequer fala inglês - grunhiu Guy Richardson. - E parece um barril de cerveja.

- E além disso teve sorte - concordou Brant. - Me ouçam bem, moços! Vamos sair daqui como ganhadores. George, dê uma toalha a Lance. Vi a uma jornalista aí fora e não queremos que se assuste. Demos-lhe algo em que pensar.

Brant respirou aliviado enquanto descia do banco ao ver alguns sorrisos entre seus companheiros de equipe. Ele olhou rapidamente em direção à horda de jornalistas que não demorou para abarrotar o vestiário. Avistou a Lance Carver, um poderoso e impressionante físico, que tinha atado uma toalha à cintura.

Desde sua época universitária, Brant tinha jogado uma infinidade de partidas e havia conhecido tanto a derrota como a vitória. Ademais tinha sido o centro de atenção em seus três primeiros anos de profissional quando a imprensa o tinha disparado perguntas maliciosas de como tinha adquirido experiência em uma equipe acostumada à derrota. Por tudo isso encarava o perseguição da imprensa com bastante aprumo. Vislumbrou com a extremidade do olho que um repórter tinha conseguido enfurecer a Tiny Phipps, um menino de vinte e dois anos que

jogava seu primeiro ano entre os profissionais. Respondeu uma série de perguntas com rapidez e abriu caminho até chegar junto ao jovem da defesa. Segurou entre seus braços os quase cento e trinta quilos do jogador e tomou a palavra. O microfone do jornalista estava a poucos centímetros de sua cara.

- Verão o autêntico Tiny na próxima temporada, meninos. Tem um futuro magnífico - e sussurrou ao ouvido de seu jogador. - Não dê a eles o que querem, Tiny. Se limite a fazer o sinal da vitória e dedica o melhor de seus sorrisos a sua mãe.

Demorou cerca de três quartos de hora antes de que a imprensa saísse do vestiário e a sala ficasse em paz. Brant ficou de pé sob a ducha enquanto a água quente caía com força sobre seus doloridos músculos. Sentia uma dor aguda e persistente no seu braço direito. Possivelmente teria que se submeter a cirurgia no próximo ano. Pode ter perdido seu toque especial... «Se cale de uma vez, imbecil! Deveria prestar atenção a seus próprios pensamentos».

Uma hora mais tarde eu estava sozinho, afastado do vestiário e de seus companheiros de equipe. Essa mesma noite iam voar de retorno a Nova Iorque. Só desejava descansar um par de horas seu quarto de hotel.

Mas não seria fácil. A jornalista a quem tinha se referido no vestiário horas antes o estava esperando. Era uma repórter enérgica, decidida e seu olhar se posou sobre ele igual a um abutre ao avistar a sua presa. Ia muito elegante, certamente. Era quase uma norma não escrita entre todas as mulheres que cobriam a informação desportiva.

- Senhor Asher - chamou-o JoAnn Marrow, o lápis disposto sobre o caderno. - Queria falar com você uns minutos.

Dedicou-lhe um amplo sorriso e Brant apreciou que seus dentes eram tão perfeitos que desafiava as regras da natureza. Ela soltou uma gargalhada áspera, forte.

- Suponho que agora quererá que nos dirijamos a você como Visconde Asherwood.

Brant piscou várias vezes. Foi um momento antes de que o câmara de televisão se colocasse às escondidas atrás da repórter. Um momento antes de que o microfone pendurasse sobre suas cabeças.

- Como me chamou? Disse visconde?

A risada impostada da repórter flutuava no ambiente, captada pelos microfones.

-Não sabia? Acaba de chegar um teletexto da agência de notícias. Seu tio avô

acaba de falecer na Inglaterra e lhe deixou suas propriedades e um título.

- Né, Brant! - chiou uma voz anônima. - É um aristocrata britânico!

Todo mundo riu com naturalidade e bom ânimo. As brincadeiras ocorreram entre os presentes, que animavam as ocorrências dos assistentes com crescente euforia. Brant os olhava atônito enquanto as lembranças, ainda imprecisas, iam a sua mente. Pensou no nome do Asherwood. Lorde Asherwood tinha reivindicado sua presença na Inglaterra no ano passado. Mas não tinha acudido, enojado depois da carta que o ancião lhe tinha escrito em qualidade de herdeiro. E agora estava morto. Nunca havia sentido o menor interesse pela Inglaterra nem havia sentido o menor apego pelos familiares de seu pai que haviam permanecido sempre no mais absoluto anonimato. Ao menos até fazia um ano. Seu avô Arthur tinha chegado aos Estados Unidos nos anos vinte e encurtou o nome até deixá-lo no Asher. Ele sempre se considerou norte-americano. Estava completamente aniquilado. Mas, quem se importaria se se tinha convertido em lorde Asherwood ou no Conde Drácula?

Tinha um microfone diante de seu nariz. JoAnn Marrow estava esperando uma resposta. Recuperou a compostura antes de responder e exibiu um tênue sorriso.

- É a primeira notícia que tenho. Mas não admira que a imprensa esteja muito mais consciente que eu de tudo o que acontece. Sempre levam a dianteira. Farei uma declaração formal logo que saiba o que ocorreu exatamente.

- Mas, sabia que era o herdeiro de um título nobiliário britânico, Brant?

- Sim, sabia - replicou com um grande sorriso que inclusive eclipsou o da repórter. - E prometo lhes convidar para uma grande festa logo saiba exatamente o que aconteceu.

A nuvem de jornalistas não lhe permitiu escapar tão facilmente. Mas, finalmente, à força de avançar até o Corvette alugado, fechar a porta e ligar o motor do carro, pôde sossegar a corrente de perguntas. Sabia que não podia retornar ao hotel. O estariam aguardando na porta de entrada. limitou-se a conduzir pelas ruas de Pittsburgh, alheio à paisagem, até que chegou a hora de retornar ao hotel, fazer a mala e voar de volta a Nova Iorque.

Pôde entrar às escondidas sem ser visto pela porta de atrás. À saída do hotel estava protegido entre vários companheiros de equipe, mas teve tempo de levantar a vista e ver-se no noticiário das seis, que emitiam na televisão do vestibulo. O volume estava muito alto. Sacudiu a cabeça com desespero ao reconhecer-se, a toda cor, na companhia de JoAnn Marrow. Lorde Asherwood tinha eclipsado o

resultado da partida! Sentiu uma cotovelada nas costelas e meneou a cabeça com desgosto ante o olhar aturdido de seu companheiro Lloyd Nolan.

Brant se sentia mais perto dos sessenta que de seus trinta e um anos quando desceu finalmente pela rampa que dava acesso à garagem de seu prédio, no lado oeste de Manhattan. Tinha os músculos rígidos e um forte hematoma nas costelas por causa de um equipamento bastante duro. Tentou concentrar toda sua atenção na jacuzzi de sua casa enquanto tirava a bolsa do porta-malas de seu Porsche. E depois pensou na cama. Precisava dormir doze longas horas para recuperar-se. Fechou a porta e ligou a secretária eletrônica. Não desejava conceder nenhuma entrevista até que não tivesse tido tempo de falar com sua mãe e averiguar o que tinha ocorrido. Seu apartamento de dois dormitórios estava no piso trinta e cinco. O elevador nunca lhe tinha parecido tão lento. encontrou com dois vizinhos e se mostraram tristes pela derrota de sua equipe. Graças a Deus não mencionaram nada a respeito de sua recém-adquirida nobreza e Brant o agradeceu em silêncio.

Abriu a porta principal, deu um passo à frente e a fechou com alívio. Ao fim estava em casa. Apressou-se a jogar o ferrolho de segurança. Atravessou o salão às escuras, apertou o botão para ligar a secretária eletrônica de seu telefone e seguiu seu caminho até o imenso banheiro. Despiu-se e começava a sentir o efeito benéfico da água quente sobre seu machucado corpo quando escutou um ruído. Abriu um olho e olhou em direção à porta aberta do banheiro.

Marcie Ellis estava de pé na soleira da porta e sua figura, esbelta e sinuosa, se recortava contra a luz. Brant forçou um leve sorriso, mas não teve ocasião de terminar o desenho de seus lábios. Ela o interrompeu de um modo seco e abrupto.

- Não posso acreditar que não me disse isso, Brant! Parecia uma idiota enquanto essa cadela da JoAnn Marrow saltava sobre mim para entrevistar-me.

- Marcie, estava centrado na partida, igual a todo mundo. Além disso, quem se preocupava com uma entrevista com a equipe perdedora?

- Não estou falando desse ridículo jogo. É um aristocrata inglês e não tinha a menor ideia - disse com o olhar inflamado, seus grandes olhos marrons como carvão, enquanto se apartava uma mecha de sua abundante juba acobreada.

- Ridículo jogo, Marcie? Asseguro-te que meu corpo não está de acordo contigo neste preciso instante. Não esqueça que eu ganho a vida assim.

Marcie se ruborizou e baixou o olhar. Sabia que quando Brant falava muito devagar, em um tom quase neutro, significava que estava zangado.

- Eu... sinto muito, carinho. Lamentou profundamente a derrota dos Astros. Sei o muito que significava para a equipe e para você chegar a grande final - encolheu-se os ombros e uma alça da camisola escorregou sobre a pele de seu braço. - O ano que vem o conseguirão. Estou convencida.

- Sim, é possível - concedeu Brant. - O que está fazendo aqui, Marcie? Já sabe que volto meio morto depois de cada partida.

Nunca tratava de ocultar a verdade, em especial ao Brant, que possuía uma estranha habilidade para decifrar tudo o que pensava.

- Não tinha intenção de vir - justificou-se, - mas depois das notícias, queria saber por que não me havia isso dito em pessoa.

Era uma das qualidades que Brant apreciava em Marcie, além de sua deliciosa sensibilidade na cama. Se a animava adequadamente, podia se terrivelmente franca e direta. Era uma qualidade que fazia dela uma excelente jornalista.

- Nunca lhe tinha concedido excessiva importância - afirmou Brant com honestidade. - Sabia que o ancião estava doente, mas nunca me importaram os títulos nobiliários. Pelo amor de Deus, Marcie! Sou mais americano que os cachorros-quentes. Na verdade não entendo por que a imprensa se agitou tanto.

- Não seja estúpido - replicou Marcie com malícia. - Não é precisamente um ninguém de terceira categoria.

- Tampouco sou Joe Montana para a Califórnia.

- Mas é famoso. E as pessoas enlouquecem com uma história assim. Já posso imaginar a manchete de JoAnn amanhã: O aristocrata atleta. Não é justo. Teria que havê-lo sabido antes que ela.

«Não foi a única injustiça do dia», pensou Brant.

- Acredito que preferirá algo menos brega - disse. - Ou ainda melhor, nada absolutamente.

- Pode atirar na privada suas preferências, Brant. Passará uma semana antes de que a notícia se esfrie e passe a segundo plano.

A outra alça da camisola também escorregou pelo ombro e o decote ficou bastante baixo. Brant sentiu como seus músculos se curaram de um modo quase milagroso. Adorava os seios de Marcie.

- Faremos uma coisa - disse enquanto saía da banheira e procurava uma toalha. - Você concederei uma entrevista exclusiva quando descobrir exatamente o que está acontecendo, de acordo?

Marcie esqueceu por um momento sua irritação enquanto seu olhar percorria

o corpo empapado do Brant.

- Tem um machucado muito feio nas costelas - assinalou.

- Sim - assentiu e sorriu abertamente. - Crie que poderá limitar seu campo de atuação à zona central?

- Acredito que prestarei especial atenção à região sul - respondeu com picardia.

Capítulo Um

Daphne Claire Asherwood se sentou com as pernas cruzadas sobre a toalha de flores azuis do hotel e contemplou aos turistas, alemães em sua maioria, enquanto atracava o seu pequeno barco no cais do Hotel de Praia Elounda. A grande maioria dos inquilinos tomaram o dia livre para ir nadar ou a pescar em uma das muitas ilhas desertas que faziam fronteira com a costa noroeste de Creta.

O calor era tão intenso que, depois de trinta minutos de exposição ao sol, sentiu que os joelhos lhe ardiam. Lamentou a brancura e a delicadeza de sua pele enquanto se sentava para procurar o protetor solar. Enquanto espalhava o creme sobre a pele ardente, esboçou um sorriso triste ao ver as duas peças de nylon laranja que cobriam seu corpo. Pensou que seu tio Clarence teria sofrido um enfarte se a tivesse visto tão metida alguma vez.

Mas agora o tio Clarence tinha morrido e já não controlaria sua vida. Dificilmente sentiu pena ante a notícia de sua morte, aos noventa anos, ou possivelmente uma leve esperança de escutar de seus lábios, em seu habitual tom queixoso, um apelo angustiante para ajudar disfarçado de uma enérgica ordem. O ressentimento para com seu rosto, tão habitual, tinha ganhado novas forças. Para combatê-lo, havia dito a si mesma que não era mais que um ancião solitário incapaz de mudar de atitude. Sempre a tinha tratado como uma governanta, uma servente e enfermeira a um tempo, sempre ao seu dispor, dia e noite. Era mais que uma posse porque se ocupou dela quando seus pais tinham morrido. Uma ladainha que tinha ganho peso com os anos. Mas agora se liberou de seu jugo. Suspirou e tampou o protetor solar. Tia Cloe lhe diria que deixasse para trás esses longos anos vividos na mansão Asherwood: «A vida», diria pomposamente, «a vida, minha querida menina, está esperando».

Daphne levantou o queixo, em um gesto altivo, e pensou que estava

preparada para confrontar esse novo desafio em sua vida. Mas, como poderia desfrutar da vida plenamente se desconhecia os mecanismos que moviam o mundo? Que faria logo retornasse a Inglaterra? Já era uma mulher adulta. Tinha completado vinte e três anos e já estava pronta para tomar suas próprias decisões. Olhou sua figura, vestida apenas de biquíni, e balançou a cabeça um pouco confusa. Nunca esqueceria a expressão de sua tia Cloe quando a tinha visto sair do provador de uma luxuosa boutique de Atenas, avançando com passo sinuoso, enquanto procurava tampar seu corpo com as mãos.

- Louvado seja o Senhor! - havia exclamado sua tia. - E eu que pensava que não foi mais que uma moleca magricela. Minha mãe, que seios! Agora que o penso, sua querida mãe estava magnificamente dotada. Não devo perder a esperança, não senhor. Não devo perder a esperança.

A que se estaria referindo? Daphne o tinha perguntado. O comentário a respeito de seu seio tinha sido exato, mas havia permanecido oculto ao longo dos anos debaixo de amplos pulôveres e jaquetas. A verdade era que ela se sentia um pouco desproporcionada, já que era extremamente magra.

- Não, carinho, não está magra - havia replicado sua tia com perspicácia. - Eu diria que tem uma figura esbelta e incrivelmente bem formada. É como uma modelo, ao menos, da cintura para baixo.

E agora estava na Grécia, na ilha de Creta, um lugar com o que sempre havia sonhado, sentada na praia e com um corpo de modelo. Ao menos, da cintura para baixo. Deslizou uma mão distraída entre seus longos cabelos. Deixou-se arrastar até ali por sua tia Cloe sem opor resistência. E não podia dizer que a paisagem a havia decepcionado, posto que era um dos lugares mais belos que tinha visto em toda sua vida. Sua tia sempre tinha sabido que ela tinha sonhado tendo a possibilidade de visitar algum dia a Acrópole e as ilhas gregas. E, muito em especial, o Palácio do Rei Minos nos subúrbios da capital de Creta, que tinham restaurado pela metade. Além disso, a tia Cloe não tinha albergado a menor dúvida sobre o efeito que causaria em sua sobrinha a vila de São Nicolás, seus pitorescos canais e o porto, sortido com barcos de todas as cores.

- E bem, menina - tinha dito sua tia com certa irritação ao apreciar sua hesitação, - pensa em apodrecer nesta mansão até que o novo visconde te mande embora? Chegou a hora, querida menina, de que tome a iniciativa.

Daphne se tinha deixado convencer por sua tia e tinham abandonado a Inglaterra depois do funeral do tio Clarence. Pensou que não era mais que uma

parva sem critério. Sempre claudicava ante outros. Mas ao menos a tia Cloe queria que desfrutasse e o passasse bem. Isso era uma mudança em sua vida.

Consciente de que tinha monopolizado a atenção de um homem, cujo intenso olhar escuro não conseguia apartar-se de seu proeminente seio, Daphne se cobriu com uma bata e se afastou da praia a um bom ritmo. Os homens iam ser outro problema. O que se podia fazer com eles? Onde demônios se teria metido a tia Cloe?

Cloe Sparks estava ocupada em conseguir um horário com o cabeleireiro francês de São Nicholas, o senhor Etienne.

- Sempre teve o aspecto de uma menina, Monsieur - explicava. - Mas já completou vinte e três anos e segue parecendo uma menina de quatorze. Já sabe, usa um corte de adolescente. Temos que encontrar algo mais dramático, mais chamativo. Um toque especial, se é que me entende.

- Compreendo-o, madame - disse o cabeleireiro com certo aborrecimento no olhar, mais ocupado em seus próprios pensamentos. - Quando desejaria marcar um horário com a senhorita?

O cabeleireiro procurou sua agenda e dirigiu um sorriso cheia de cumplicidade a sua cliente.

- Amanhã pela manhã às nove - indicou com segurança.

No táxi que a conduzia de volta ao hotel, Cloe se mordeu o lábio inferior, dolorosamente rachado por causa do sol impiedoso. Tinha obrigado ao Daphne a acompanhá-la nessa viagem de qualquer maneira, dobrando sua resistência, depois do enterro do velho rabugento. Primeiro tinham pirado até Atenas e depois tinham desembarcado em Creta. Aproveitou-se do caráter débil da garota do mesmo modo que o tinha feito durante anos o defunto Clarence. Mas ela só o tinha feito por seu bem. Tinha decidido que Daphne também merecia uma oportunidade. Era uma garota muito atraente, embora teria que convencê-la para que tirasse esses ridículos óculos que levava e apresentá-la a sociedade. Conteve a respiração um momento. Mas tinha que ir pouco a pouco. Cada coisa ao seu devido tempo. Recordou que tinha que enviar um telegrama ao Reggie Hucksley a Londres. Ainda necessitaria uma semana mais.

Brant estreitou a sua mãe entre seus braços com ternura.

- Por fim, um pouco de paz e tranquilidade. Muito amor, cuidados e nenhum problema. É estupendo estar de volta em casa. Está mais bonita do que nunca,

mamãe.

Ela estava acostumada brincar sempre que seu filho a elogiava desse modo porque tinham os mesmos traços e características físicas.

Alice Asher ficou em silêncio durante uns instantes, enquanto contemplava orgulhosa a seu querido filho. Agradeceu ao céu que não se parecesse com seu pai, sempre envergonhado de mostrar seus sentimentos em público como se fazê-lo o fizesse parecer menos masculino aos olhos de outros.

- Bem-vindo a casa, Brant. É estupendo te ter aqui de novo. Para não trair suas expectativas, preparei-te seu jantar favorito. Costeletas de porco recheadas e macarrão caseiro - assinalou Alice.

- Meu corpo vai acreditar que morri e está no céu se lhe der uma autêntica comida caseira, mamãe - abraçou-a de novo e a soltou. - Temos muito que falar.

Sua mãe procurou seus olhos com o olhar um instante. Parecia cansado, estranhamente confuso e cauteloso.

- Sim, estou segura. Mas primeiro, céu, por que não descansa um momento?

Brant tomou assento e se recostou confortavelmente sobre as almofadas do velho sofá de veludo de sua mãe. Colocou um dos travesseiros sob sua cabeça e fechou os olhos.

- Imagino que estes últimos dias tem sido bastante duros - disse Alice Asher, seus brilhantes olhos azuis, tão parecidos com os de seu único filho, descansavam sobre o rosto cansado do Brant. - Alegra-me que tenha podido escapulir até aqui em segredo. Os caras da imprensa também estiveram rondando esta casa. Felizmente, não puderam localizar a Lily.

- Está fazendo um cruzeiro pelo mar Egeu, verdade? - perguntou Brant com um olho aberto.

- Sim. E desta vez foi com seu marido - replicou com aspereza sua mãe.

- Está em sua lua de mel, mamãe - recordou Brant com um sorriso.

- É sua terceira lua de mel! E além disso deixou aos meninos com a mãe dele.

- Não se preocupe tanto - apontou Brant. - Me cai bem e aos meninos também. E Deus sabe que tem dinheiro mais que suficiente para contentar a Lily.

- Tem quase minha idade - ressaltou Alice.

- Sabe tão bem como eu que Lily necessitava de alguém mais velho para mantê-la calma.

- Deveria escutá-lo falar com seu sotaque texano!

- Já o fiz. Não se estará transformando em uma esnobe somente porque agora

vai ser uma espécie de viscondessa viúva ou algo assim? A maneira que tem essa gente da nobreza para dirigir-se uns aos outros é uma loucura.

- Tem razão - admitiu com um sorriso melancólico. - Sou uma velha tola e falo igual a uma dessas horrendas sogras de filme. Pergunto-me o que diria seu pai.

- Teria soltado uma gargalhada, grande e sonora, e teria enterrado o tema. Teria se desprendido por completo do título e dessa desmantelada mansão.

- Desmantelada? - arqueou uma sobrancelha. - Sabe algo que eu desconheço, Brant?

Brant sentiu uma repentina inquietação e se incorporou de repente no sofá. Começou a falar por cima de seu ombro enquanto se inclinava para o terraço com vista para o primoroso jardim dianteiro que sua mãe cuidava em sua casa de Connecticut.

- Ontem estive reunido várias horas com meu advogado, Tom Braden, e um procurador veio diretamente de Londres para informar-me a respeito de minha boa sorte, em palavras exatas, tal e como indicou com seu ridículo sotaque inglês. O tipo se chamava Harlow Hucksley e devia ter minha idade. Mas se comportava de um modo pomposo e ridículo. Usava um terno e era tão magro como os caules de seus azáleas. Não tinha um só músculo em todo o corpo.

Alice Asher não teve dificuldades para fazer uma ideia bastante precisa do aspecto do jovem e sorriu com vontade. Seu filho não tinha um bom conceito dos homens brandos e se sentia mas a gosto entre seus companheiros de equipe.

- Foi o idiota que descobriu o bolo à imprensa - adicionou a contra gosto.

- Seguro que lhe deu uma bela reprimenda - apontou sua mãe.

- Bom, Tom intercedeu em seu favor - recordou Brant com um sorriso calmo. - Intentei me adiantar a ele, mas não tive êxito. O tipo confiava, melhor dizendo exigia, que fosse a Londres para arrumar tudo o mais rápido possível.

- Suponho que vai, verdade?

- Por que... diabos teria que ir? - contestou Brant algo impulsivamente. - Não estou nem ligando para o que aconteça com essa herança.

Alice dirigiu a seu filho um largo olhar, profunda e serena.

- Já sei que seu pai nunca falou de seus familiares ingleses e tampouco seu avô. Mas a Inglaterra faz parte de seu passado, céu. É meio inglês. Inclusive eu tenho um pouco de sangue britânico correndo por minhas veias. Recorda a carta que lhe envio seu tio o ano passado? Sabia muitas coisas a respeito de você.

- Uma carta repugnante - recordou Brant.

- É possível. Tornei a lê-la depois de que me telefonou. Era patética.

- Escuta, mamãe. Harlow me disse muitas coisas, mas cheguei à conclusão de que não há propriedades nem dinheiro. Tão somente essa velha mansão abandonada rodeada por alguns hectares de terra baldia em um lugar chamado Surrey.

- A mansão se chama Asherwood Hall e está em uma pitoresca aldeia chamada East Grinstead - assinalou Alice.

- E não esqueça que o título, nas palavras do Harlow Hucksley, somente eu posso herdá-lo. Parece que o velho não deixou outra alternativa. E certamente me deixou em herança o resto porque sabia que não tinha nenhum valor. Talvez pensou que o ramo americano da família tinha suficiente dinheiro para investir nesse mausoléu.

- Bom, filho, é certo que tem dinheiro - disse sua mãe com lógica. - Acredito que não faria mal que fosse dar uma olhada. Afinal, a temporada de futebol já terminou para você. Está de férias, não é certo?

- Tenho um compromisso com uma marca esportiva para filmar um anúncio - indicou com indiferença, - mas ainda não há data.

- Ao menos não se trata de uma espuma de barbear - respirou sua mãe aliviada.

- É verdade - Brant riu com vontade. - Lily me advertiu que não me voltaria a dirigir a palavra se aparecia ante o mundo com a cara coberta com uma espuma branca.

- Não se sinta culpado por essa classe de... lapso, carinho - disse Alice e se levantou. - Suponho que te levará um tempo para voltar a normalidade. O ano passado demorou quase dois meses depois do anúncio. E com respeito a sua irmã...

Alice fez uma careta e levantou um ombro, imitando um gesto característico de seu filho.

- Olhe, mamãe - assinalou Brant, consciente de que já tinha perdido o combate, - possivelmente deveria ir você em meu lugar. Poderia tomar conta de tudo e me dar sua opinião.

- Brant - replicou com o olhar repleto de malícia, - eu já adquiri uma cultura. É hora de que você resolva suas responsabilidades. As raízes são importantes, Brant. Faz-o como um favor pessoal a sua mãe, de acordo?

- Demônios! - murmurou. - Eu também tenho um pouco de cultura. Viajei pela Europa e fui à universidade.

- Sim, céu, já sei.

- Não necessitei um supervisor como acontece com a maioria dos atletas.

- Sim, céu, recordo-o.

- Meu título universitário pode ser muito útil. Licenciiei-me em Ciências da Comunicação. Possivelmente trabalhe em publicidade quando deixar o futebol.

- Sim, céu, teria um grande futuro.

- A Universidade do Duke é uma das melhores de todo o país.

- Claro que é. Fez ornamento de muita previsão. Estou muito orgulhosa de você, igual ao esteve seu pai. E agora, por que não pensa nisso um pouco? Vou terminar o recheio para as costelas de porco.

- Sim, carinho, uma excelente ideia - imitou Brant a sua mãe, rendido ante a evidência.

Brant atendeu ao telefone em um estado de aprazível serenidade depois do jantar gigantesco. A voz de Lily, a cinco mil quilômetros de distância, soou estrepitosa do outro lado da linha.

- Lorde Asherwood em pessoa! - chiou. - Isso me converte em uma espécie de condessa ou um pouco parecido, irmão querido?

- Olá, Lily - respondeu Brant. - Que tal está Atenas e seu marido?

- Ambos estão se mostrando incrivelmente quentes, querido - disse com uma sonora risada.

- Com certeza que sim. Quando pensa voltar para casa?

- A Connecticut ou a Londres?

- Ao Texas. Seu marido não vive ali?

- Em Houston, querido. Mas faz muito calor, inclusive nesta época do ano. Não sei se poderei suportá-lo - soltou uma risada aguda. - E deixa de fazer caretas para me imitar. Posso vê-lo, embora não acredite. E você te chama desportista? Já sei que o faz porque sou sua irmã. Possivelmente um verdadeiro aristocrata inglês deveria ser educado, mas...

- Lily - interrompeu Brant, - vou ao Londres a semana que vem para não decepcionar a mamãe. Quer que te compre alguma coisa?

Brant teve que afastar o telefone do ouvido para que não o ensurdessem os gritos de sua irmã. Podia escutar como gritava a seu marido.

- Já o convenci, amorzinho - ouviu-a dizer. - Somente necessitava um empurrão para...

Felizmente não escutou nada mais porque Dusty Montgomery tirou das mãos

o telefone da esposa.

- Bem feito, Brant - disse o homem com seu habitual tom comedido, cadencioso. - Lamento a derrota em sua última partida. Te teria ido melhor se tivesse assinado contrato com os Cowboys de Dallas. Mas tenho que admitir que o lance ao Nolan no segundo tempo esteve impressionante. E a jogada do empate foi boa.

- Obrigado. Dusty. Foi uma boa partida, apesar de tudo.

- Esse maldito estrangeiro e seu lançamento lhes tiraram das finais - recordou e Brant pôde imaginar ao Dusty meneando a cabeça com desgosto enquanto o dizia.

- Sim, bom. Estão se divertindo por aí?

- Não há ninguém como sua irmã por aqui, Brant. Este lugar é muito antigo. E não há um só poço de petróleo. Possivelmente encontremos algo interessante no cruzeiro. Estas ruínas estão começando a me cansar.

Falando de ruínas... mas Brant sabia que não podia dizer algo assim nem de brincadeira. Em seguida voltou para o assunto em questão sobre o cruzeiro.

- Obrigada, querido - disse Alice Asher depois de desligar, após um bate-papo de dez minutos com sua filha.

- Não há nenhuma razão para que me diga obrigado - disse Brant.

- Claro que sim. Sei que vai a Londres e que o faz por mim. Agradeço-lhe isso - fez uma pausa e limpou as mãos no avental. - Irá com o Marcie?

Marcie, a encantada Marcie, que tinha decidido em apenas uma semana que seria muito feliz se se casava com um famoso jogador de futebol que além disso ostentava um título de visconde na Inglaterra.

- Não - replicou perplexo. - Claro que não.

- Hoje te ligou duas vezes.

Brant passou a mão pelo espesso cabelo negro que, de acordo com sua mãe, tinha o mesmo brilho que o piano de mogno.

- Preferiria que levantasse um pouco o pé do acelerador - disse Brant.

- Tem trinta e um anos, Brant. Com Marcie é sério, verdade?

- Acaso está insinuando que quer outro neto, mamãe? Asseguro-te que Marcie não terá o trabalho de ter filhos. Depois de tudo, tem uma carreira brilhante pela frente.

- Sim, isso é certo - disse Alice com absoluta solenidade. - Mas não se trata disso. Não pense que vivi na pobreza todos estes anos. Faz muito tempo que se comporta com muita alegria. Houve muitas mulheres.

- Sim. Mas a maioria só procuravam sair nas notícias ao lado de um famoso desportista de elite ou um bom titular de imprensa - apontou Brant.

- Também é um homem muito atraente e amável. Acredito que nem você nem essas mulheres tenham sido beneficiadas com tudo isso. Acredito que se tornou um pouco cínico. Suponho que é compreensível. Mas me alegra que vá para a Inglaterra. Veem aqui um momento. Quero mostrar um álbum de fotos que faz muito que não vê. Desempoeirei-o que entre os baús do sótão antes que chegasse.

- Não precisava rebuscar no baú das lembranças, mamãe. Sabia que me convenceria sem recorrer a umas velhas fotografias.

- Nunca é demais os reforços - assinalou sua mãe com certa ironia.

Brant se sentou junto a sua mãe no sofá da sala de estar. Segurava uma xícara de café entre as pernas, que balançava suavemente.

- Tanta gente que nem sequer chegamos a conhecer.

Havia fotografias borradas do bisavô Asherwood, de aspecto imponente apesar de que as imagens impressionantes pertenciam a década de vinte. Tinha um aspecto irremediavelmente severo, sério, quase infernal. Mas sua expressão não era mais terrível que a do grupo de mulheres que o rodeavam, fossem quem fosse.

- Este é seu pobre tio Henry, que morreu na Segunda guerra mundial com só vinte e um anos. E aqui tem a sua tia Loretta que, se não me equivoco, faleceu em 1976. Nunca se casou. Assim, como pode ver, você é o único herdeiro direto que fica. E esta é a mansão Asherwood.

Brant se surpreendeu ante a impressionante fachada do edifício. Claro que apresentava um aspecto escuro e sombrio com toda aquela hera que cobria as paredes. Havia um caminho de cascalho sem asfaltar e um velho automóvel dos anos quarenta na porta. Não sentiu o mais leve apelo de seus antepassados ante a contemplação daquelas velhas fotografias.

- Este é seu avô, Edward Charles, quando não era mais que um menino.

- Certamente melhorou com os anos - dando uma sonora gargalhada.

- Não te caiba dúvida - afirmou sua mãe. - Curiosamente, você era idêntico a ele quando pequeno.

- Sabe que isso não é certo! - queixou-se Brant com um sorriso. - Sempre há me disse que fui sua viva imagem desde que nasci. Não posso me parecer com os dois, mamãe.

Havia mais fotografias de meninos, todos vestidos segundo as convenções da época. Mas não havia imagens do avô do Brant em sua juventude.

- Por que? - perguntou Brant.

- Bom, chegou aos Estados Unidos em 1919, pouco depois da Grande Guerra, acompanhado por sua prometida inglesa, Melanie. Acredito que houve algum confronto entre os dois irmãos depois da morte de seu bisavô. Nunca se falou disso.

- Seguro que Asherwood se enfureceu ao pensar que seu título podia chegar à mãos de um selvagem, sobretudo se tinha brigado com seu avô.

- Sim, suponho que se sentiria bastante decepcionado - admitiu sua mãe.

- Bom, suponho que toda esta hera se terá enraizado - disse enquanto deslizava o dedo do meio sobre a fotografia da mansão. - Está segura de que não quer acompanhar-me, mamãe?

- Não, Brant. Trata-se de sua família. Eu quase sou cem por cento de Boston, recorda? Uma província colonial sem nenhuma importancia.

Capítulo Dois

- Não posso acreditar que essa daí sou eu! - exclamou Daphne Asherwood aniquilada ante a imagem que lhe devolvia o espelho. Haviam escolhido para ela, seguindo as instruções de sua tia Cloe, lentes de contato coloridas. Agora seus olhos eram de um verde intenso. Por um momento recordou que não se tratava de sua cor natural. Nunca antes em seus vinte anos de vida tinha experimentado nada parecido com a vaidade. E tinha que admitir que a sensação lhe agradava.

- É você, querida - assegurou satisfeita a tia Cloe, embora ela mesma se havia surpreendido ao ver os resultados. - A cor verde de seus olhos combina à perfeição com seus cabelos loiros e o bronzado de sua pele.

- Uma juba loira com mechas, tia - assinalou Daphne. - O senhor Etienne se mostrou muito rigoroso nesse ponto. Não te parece?

- Sim, certamente, foi muito consciencioso. Mas, olhe o resultado! Alegra-me que decidisse te deixar o cabelo comprido. Fica perfeito. Estão confortáveis as lentes de contato?

- Nem sequer noto que as levo postas - disse Daphne e piscou várias vezes em uma rápida demonstração. - E o oculista me disse que posso as levar até uma semana seguida sem tirar isso inclusive durante a noite.

- Não te jogarei em cara todos os motivos sem sentido que esgrimiui para não seguir meus conselhos, minha menina. Agora que você entendeu que eu tinha razão

estamos prontas para ir renovar seu guarda-roupa na loja de Mademoiselle Fournier.

- Não voltei para Paris desde que estive com quinze anos - disse Daphne. - E só passei três dias. O tio Clarence me permitiu ir três dias acompanhar ao pároco e a sua família. É uma maravilha, verdade, tia?

Cloe pensou que, em pleno mês de fevereiro. Paris era mas uma cidade terrivelmente triste, sombria e com um clima nefasto.

- Sim, carinho, certamente - assentiu com um sorriso.

Cloe as arrumou para conseguir um táxi na saída da consulta do oculista nos Champ Elysees e indicou ao motorista que as levasse a Praça da Ópera.

- Número quatorze - indicou com um timbre metálico na voz.

- Bem - respondeu o taxista sem olhar atrás.

Enquanto o carro ziguezagueava entre o tráfico crescente Cloe escutava agradada as reações do Daphne ante a vista. Não podia imaginar como teria sido sua primeira visita junto ao pároco. Um homem tão intratável como Clarence. Como se atreveu a reter a pobre Daphne naquela sombria mansão afastada do mundo? Sem amigos, sem ir as aulas e sem ver o sol. Tinha discutido com ele e lhe tinha pedido que a deixasse levar o bebê para viver com ela na Escócia, mas se tinha negado.

- Impossível! - tinha rugido seu ancião pai em mais de uma ocasião. - Voltaria convertida em uma dessas insuportáveis jovens modernas. Não o permitirei!

Recordou em silêncio as cláusulas do testamento e apaziguou o persistente sentido de culpabilidade. Só ela e Reggie sabiam o que se estava tramando. Repassou mentalmente as fotografias que tinha estudado do futuro visconde enquanto revisava toda a informação que Reggie tinha obtido sobre ele. Era um tipo incrivelmente atraente. Sufocou-se ao pensar em tudo o que um homem como aquele poderia ensinar a uma garota como Daphne. Ruborizou-se um pouco. Afinal, não era uma mulher tão velha. Tinha decidido irrevogavelmente que ele tomaria a batuta e dirigiria as operações depois que Reggie lhe tivesse notificado as condições do testamento e lhe houvesse pedido conselho respeito ao Daphne.

- Essa garota não está preparada, Cloe. Não tenho a menor ideia do que vou fazer.

Mas Cloe tinha as ideias muito mais claras. Em um momento de lucidez e inspiração tinha compreendido o que era o que tinha que fazer. Então Reggie lhe tinha facilitado o relatório que o velho Clarence havia preparado sobre o jovem Brant Asher. Tratava-se de uma pasta que incluía toda a informação que o ancião

tinha reunido sobre o futuro herdeiro, incluídos recortes de imprensa e fotografias.

- Aqui tem, Cloe - havia dito Reggie ao entregar-lhe. Não se trata de nenhum tolo, tal e como teria sido de esperar de um esportista americano. Um solteiro muito solicitado, diria eu. Note a mulher que o acompanha na foto. Além disso, tem bastante dinheiro. Isso pode ser um problema.

- O dinheiro nunca foi um problema - tinha replicado Cloe com segurança. - Asseguro-te que virá. E não se acovarde agora, Reggie. Já vou ter suficientes problemas com Daphne para cuidar de você.

Mas, o que faria com Lucinda? Voltou a amaldiçoar a memória de Clarence. Por que teria pensado precisamente em Lucinda? Era óbvio que desejava o mesmo que ela. Mas não queria preocupar-se com a Lucinda depois. Não havia necessidade, no momento. Voltou-se no táxi para o Daphne e exibiu um sorriso complacente.

Para a satisfação pessoal de Cloe, o taxista nem sequer examinou que a quantidade que lhe tinha entregue para pagar a corrida fora a exata posto que sua atenção tinha recaído por inteiro na figura de Daphne. Aquilo sim era um triunfo, posto que sempre tinha considerado os taxistas franceses como a viva imagem da mais absoluta indiferença.

Brant não pôde pensar em nenhum lugar mais deprimente que Londres no mês de fevereiro. Olhando pela janela do avião, tratou de discernir a paisagem enquanto o 747 sobrevoava em círculos o aeroporto de Heathrow. Tudo indicava que fazia frio. A neblina era intensa e conferia um aspecto ainda mais triste à vista. Mas não pensou na neve suja que tinha deixado em Boston, desenhando um cenário igualmente sombrio. Tinha sido uma boa ideia viajar da casa de Logan. Desse modo pode evitar à imprensa, entrincheirada no aeroporto J.F.K. de Nova Iorque para cobrir a notícia de sua viagem a Inglaterra.

O homem que tinha sentado junto a ele todavia dormia placidamente quando o avião pousou no aeroporto. Uma das aeromoças, que atendia pelo nome de Laurie e sorria perpetuamente, muito mais atenta que seu companheiro de viagem, o estudava com atenção. Assim que sentiu o olhar escrutinador da jovem sobre ele, Brant colocou os óculos de sol. Especulou que, ao menos em Londres, seria capaz de passar despercebido. Sorriu ante a ideia de que teria que comprar um paletó de tweed para assegurar-se de que encaixava na cidade.

Assim que cruzou a alfândega foi a seu encontro Harlow Hucksley em pessoa. Perguntou-se se todos os ingleses resultariam tão estirados e tão incultos. O

designer de óculos que usava era a gota que enchia o copo.

- Lorde Asherwood, é um prazer voltá-lo para ver!

- Pode me chamar senhor Asher, ou inclusive Brant - sorriu desinteressado.

- Nesse caso lhe rogo que me chame Harlow. Tenho a impressão de que chegaremos a ser muito bons amigos antes de que tudo isto termine - aventurou com uma sonora gargalhada, que acompanhou com um movimento pendular, de cima abaixo, de sua protuberante pomo de adão.

- Muito bem, Harlow.

Depois de uma leve inclinação da cabeça por parte do Harlow apareceu um empregado que se encarregou da bagagem de Brant. Este arqueou uma espessa sobancelha com assombro.

- O velho Frank se ocupará de tudo - disse Harlow. - Não tem motivo para preocupar-se.

Uma rajada de ar gelado, acompanhado de um redemoinho de flocos de neve, deu as boas-vindas ao Brant à saída do aeroporto.

- Estamos padecendo um clima terrível - apontou Harlow sem maior ênfase.

- Sim, é verdadeiramente espantoso – admitiu Brant.

- A verdade é que Londres é um lodaçal estes dias, mas não deve lhe importar. A limusine está a sua inteira disposição, certamente.

- Um serviço de primeira - disse Brant ao ver o carro negro de grande capacidade que se aproximava lentamente, perto do meio-fio.

- Certamente - assegurou Harlow por cima de seu ombro enquanto subia à parte de trás e estirava as pernas, longas e doentes.

- Um pormenor da imprensa, Harlow? Acaso não me disse que minha herança não incluía dinheiro? - interessou-se Brant.

- Virtualmente nada, velho amigo - assinalou Harlow. - Mesmo assim, meu pai insistiu em que lhe proporcionássemos o melhor tratamento possível.

- Muito amável de sua parte - indicou Brant.

- Não o cria. Somente se trata de negócios. Ao menos, isso foi o que me disse. O velho sempre está atento a cada detalhe. Devo reconhecer, Brant, que este carro me pareceu monstruoso a princípio. Mas agora que te vejo dentro recorda a um desses pequenos utilitários alemães. Seu físico resulta impressionante.

- Teria tido problemas para entrar em um carro mais pequeno.

- Todos os jogadores de rugby são tão grandes como você?

- É futebol, Harlow. chama-se futebol. A verdade é que sou um pouco

pequeno se me compara com os jogadores da primeira linha. Só peso cem quilos.

- Vá, isso é quase de duzentos quilos de carne! - admirou Harlow depois de um consciencioso cálculo, e em seguida prosseguiu seu discurso. - Sim, é claro que sim. Quem teria imaginado a um esportista americano reclamando um título nobiliário britânico? Terá que estar preparado para fazer frente a mais de uma cara de surpresa, amigo. As falações já se dispararam. Mas ninguém sabia com exatidão quando chegava. O velho insistiu em que o mantivéssemos em segredo.

- Brindo por isso - disse Brant. - Devo supor que o velho ao que te refere é o seu pai?

- É obvio. Reginald Darwin Hucksley - sentenciou com orgulho e acrescentou. - Mas não temos nenhuma relação com o famoso Darwin.

Brant se virou para olhar pela janela para as fileiras de casas, dispostas em filas igual a caixas de sapatos. A neve, que não deixava de cair, outorgava à paisagem um aspecto relativamente pitoresco. Mas imaginou que, assim que a neve se derretia, a fumaça negra das chaminés romperia o feitiço.

- O velho esteve tratando de reunir a seus parentes.

- Parentes? - Brant se voltou para o Harlow imediatamente. - Não mencionou a nenhum parente em Nova Iorque?

- Não, é certo. Não estávamos muito seguros de quantos eram e onde se encontravam. O velho não gosta de antecipar eventos até que não está seguro do que vai dizer. Eu lhe assegurei que sairiam até de debaixo das pedras se tivesse existido uma importante quantidade de dinheiro. Mas esse não é o caso, certamente. Não se encheria nem um chapéu, assim que meu pai me confiou a informação.

- Minha mãe nunca me falou que nenhum parente - assinalou Brant perplexo.

- De quem se trata?

- Os ianques têm a tendência a se dispersar pelo mundo, verdade? E logo vos perdem a pista uns aos outros. Bom, vejamos. Acredito que há uma tia em algum lugar do Escócia. No Glasgow, se não me equivoco.

- Uma tia - repetiu Brant, que começava a sentir complexo de louro ao repetir tudo o que dizia Harlow.

- Isso. Uma filha adotiva do defunto lorde Asherwood, casada com um tal Sparks. Carl Sparks, de origem escocesa. Um nome decididamente ridículo, tal e como notifiquei a meu pai. Mas aí está. Cloe Sparks, viúva. Antes de casar-se com esse indivíduo era uma representante da casa Asherwood, certamente.

- Algum parente mais que deva conhecer? - perguntou Brant.

- Mais ou menos. Há uma jovem, prima da primeira mulher do irmão menor de seu pai - explicou Harlow.

Brant guardou silêncio enquanto tratava de capinar sua própria árvore genealógica. Referia-se, sem dúvida, a seu tio Damon, ao que nunca tinha chegado a conhecer. Tinha morrido quando ele ainda era um menino. Uma filha da prima de sua primeira esposa.

- E essa jovem, tem nome? - perguntou Brant.

- Era uma Bradberry. Mas depois da morte de seus pais em um acidente de carro em 1974, lorde Asherwood se encarregou dela e passou a ser uma Asherwood com todos os direitos. Não recordo nestes momentos seu nome. O velho saberá. Criou -se na mansão do Asherwood. Depois de que o patriarca passou para a melhor vida partiu a Grécia, se não me equivoco.

- Não posso acreditar que a obrigasse a mudar o sobrenome para converter-se em um membro do clã Asherwood!

- Bom - raciocinou Harlow, - sem dúvida fez um favor à menina. O sobrenome Asherwood é muito mais apreciado que um simples Bradberry.

- Mesmo assim - assinalou Brant - parece-me que as pessoas têm direito a conservar sua própria identidade e suas raízes.

- Não sei, companheiro, note em seu caso. Asher em vez do Asherwood. A propósito, há outra mulher. Uma vampiresa, não sei se me explico.

- Sim, explica-te perfeitamente - disse Brant, estupefato ante o olhar lascivo de Harlow.

- Acredito que vem por parte de alguma das tias. Possivelmente Loretta, mas não estou seguro. Chama-se Lucinda. Uma peça de caça maior, isso ouvi.

- Também tem um desses sobrenomes complicados?

- Não, nada disso. Está casada com um industrial alemão chamado Meitter e vive Bonn. Não acredito que tenha que preocupar-se por eles. Solo lhes interessa o dinheiro e duvido muito que mostrem o menor interesse pela maldita casa.

- É uma mansão - retificou Brant. - A mansão Asherwood, acredito.

- Em efeito, moço, em efeito.

- Onde estamos? - perguntou Brant.

- Estamos perto da ponte do Westminster. O velho disse-me que te mostrasse um pouco da cidade. Quer que se sinta em casa. Essa grande manta cinzenta que ondula sob nossos pés é o Tâmis.

Brant levantou a vista para admirar o Big Ben e os outros edifícios públicos ocupados pelos principais órgãos do governo. O condutor os levou até Downing Street e em seguida retornou ao Horse Guards Road.

- O parque do St. James, velho. Pensei que você gostaria de conhecê-lo. Chegaremos em seguida ao palácio do Buckingham. É a residência da rainha.

Havia muitíssimo tráfego. Brant pensou que não se diferenciava muito de Nova Iorque, salvo porque os táxis eram negros e circulavam em direção contrária.

- Isto é Hyde Park. Note ali...

Mas Brant estava muito cansado e não prestou atenção. Começava a notar os efeitos da mudança de horário e só desejava deitar um momento, fechar os olhos e deixar de escutar todos aqueles advérbios que martelavam seu cérebro com insistência.

- Chegamos a seu hotel, colega. É muito silencioso e bastante discreto. Se lhe apetece, pode te dar uma volta pelo Hyde Park para se limpar um pouco.

Brant leu a placa da rua. Era um lugar muito tranquilo, acolhedor e com muito encanto. A neve caía como uma cortina de renda sobre a rua e sossegava com seu manto branco qualquer incidência que pudesse perturbar a serenidade da paisagem. O Hotel Stanhope era um edifício pequeno, antigo e com um inegável aroma vitoriano. O vestíbulo estava deserto. Brant o agradeceu porque não teria resultado singelo abrir caminho até o balcão da recepção entre a variada coleção de cadeiras, sofás e mesas que obstruíam a passagem. O recepcionista, magro e pequeno, olhou ao Brant com interesse.

- Não estão acostumados a receber turistas neste hotel - indicou Harlow. - E muito menos se tiverem seu físico. Desculpe! Este é lorde Asherwood. Reservamos seu melhor quarto.

Brant tirou o passaporte e assinou em um velho livro de registro. Espionou, com a extremidade do olho, a um ancião curvado que soprava enquanto arrastava sua bagagem.

- Permita que o ajude para entrar no elevador - disse Brant e se aproximou do ancião.

- Como diz? - replicou o homem assombrado.

- Refere-se ao elevador de carga - interveio Harlow. - Eu tive o mesmo problema nos Estados Unidos. Não pode imaginar as olhadas das pessoas.

Brant fechou os olhos um momento e desejou não ter realizado essa viagem. Voltou-se para o Harlow e levantou a mão para solicitar uma trégua.

- Acredito que preciso descansar um momento, Harlow - disse com um sorriso.

- É obvio, amigo. O carregador o acompanhará a seu quarto. Mandarei a limusine para te buscar amanhã às dez. Parece-te bem?

- Iremos ver o velho?

- Certamente - admitiu Harlow.

- Bem-vindo a Londres, moço! Sente-se, por favor. Betty, traga uma xícara de chá para lorde Asherwood.

Brant teve a sensação de que havia viajado no tempo até o século passado. Os escritórios da empresa Hucksley, Hucksley e Maplethorpe eram sombrios, tristes e pensou que tão somente admitiriam as solicitações de candidatos do sexo masculino para cruzar as portas daquele reduto. Com relação ao velho, era um homem de queixo quadrado, virtualmente calvo e usava óculos rígidos de cobre. Vestia um terno negro, muito sério, o casaco abotoado e estirado sobre seu volumoso ventre. Não lhe custou muito imaginar ao velho com uma daquelas perucas brancas tão características nos tribunais.

- Senhor Hucksley - disse Brant e estreitou a mão do velho com vigor. - É um prazer conhecê-lo, senhor.

- Não me havia dito que lorde Asherwood tivesse tão boa aparência - disse o senhor Hucksley a seu filho. - As garotas o rodearão como um enxame de abelhas, começando pela pobre Betty.

Betty o olhou, em efeito, com seus grandes olhos esbugalhados do que nunca enquanto lhe servia o chá. Deixou escapar um leve suspiro antes de retornar a suas tarefas. Brant deu obrigado em silencio pelos dois cafés que tinha tomado para tomado no café da manhã enquanto sustentava em sua mão a taça de chá, que tanto detestava. Ainda tinha que enfrentar a um bom número de problemas e tratou de apaziguar sua impaciência. Apesar da surpresa geral, pois quando o velho se acomodou em sua ampla poltrona de couro, Brant estava bastante descontraído.

- Agora, moço - disse o velho em um tom mais adequado para um homem de negócios, - chegou a hora de decidir o que vamos fazer contigo.

- Acredito que não lhe entendo, senhor - disse Brant e arqueou uma sobrancelha. - Harlow há me disse que todo se reduz à Mansão Asherwood e ao título nobiliário.

- Isso é certo, até certo ponto - admitiu Reginald Hucksley, enquanto golpeava

a ponta do nariz com uma caneta dourada e dirigia a seu filho um olhar insosso.

- Até certo ponto? - repetiu Harlow da sua cadeira igual a um colegial impaciente.

Brant teve a impressão de que essa mesma cena se repetiu entre pai e filho ao longo dos anos em mais de uma ocasião. Não cabia dúvida de que o velho tinha o costume de guardar para si certa informação, de vital importância, em cada um dos casos que aceitavam. O pobre Harlow parecia um cachorrinho enquanto aguardava impaciente que seu amo lhe desse um osso.

- Bom, há algumas condições no testamento do defunto.

- Condições? - repetiu Harlow.

Brant não disse nada. Não tinha a menor ideia do que estava ocorrendo, mas sentia-se cada vez mais tenso.

- Suponho - disse o velho dirigindo-se ao Brant, - senhor, que meu filho terá mencionado às três mulheres.

- Sim - assinalou Brant sem mais.

- Na realidade, somente as duas mais jovens devem nos preocupar. Daphne Claire AsherWood e Lucinda Meitter. Ambas são primas distantes do senhor. Devo dizer que não pode haver duas mulheres mais distintas no mundo. Em vez de proceder à leitura do testamento, que me temo possa resultar um pouco confuso, limitarei-me a explicar-lhe em minhas próprias palavras.

- Interpretei, pelas palavras do Harlow, que não tinha nada de que me preocupar - disse Brant com calma. - E para ser honesto, senhor, a única razão pela que vim a Inglaterra foi para fazer um favor a minha mãe.

- Possivelmente deva começar com uma desculpa, senhor. Tenho que admitir que ocultei deliberadamente alguns dados, sempre seguindo as instruções precisas do defunto lorde Asherwood. Verá, seu tio Clarence desejava ferventemente que você viesse ao Inglaterra e me deu carta branca para que fizesse o necessário e o trouxesse até aqui, a qualquer preço.

- Nesse caso lhe sugiro que me explique o que está acontecendo o antes possível - assinalou Brant. - Tenho previsto deixar Londres o mais logo possível.

- Bem, certamente, senhor - disse o velho Hucksley. - Em primeiro lugar temos a encantadora Daphne Claire, educada como uma verdadeira senhorita. Lucinda Meitter, entretanto, é uma ave de pelagem muito diferente. De fato me informaram ontem de que se separou de seu marido alemão. Aparentemente já tinha iniciado os trâmites antes do falecimento de lorde Asherwood. Está a caminho de Londres,

embora realizou uma breve parada na Riviera Francesa para procurar consolo.

- Não me disse isto! - disse Harlow evidentemente molesto. - Eu assegurei ao Brant que ainda estava casada.

- Não lhe disse isso? Bom, agora já sabe, moço.

- O que têm que ver elas comigo? - perguntou Brant com tranquilidade. - Quais são essas condições?

- A verdade - disse o velho Hucksley com a caneta de ouro na ponta do nariz - é que o defunto lorde Asherwood deixou uma certa quantidade de dinheiro. Depois de pagar todos os impostos legais, a soma é cerca de umas quatrocentas mil libras. Isso equivale a perto de meio milhão de dólares.

- Senhor! - gritou Harlow enquanto saltava em sua cadeira. - Não tinha nem ideia.

- Se acalme, filho. E sente-se. Agora bem, senhor, herdará todo o dinheiro e a mansão Asherwood se...

-O que? - perguntou Brant, que sentiu o impulso de atacar o velho e sacudi-lo para terminar com aquela charada de uma vez. - Você se casar com a encantadora Daphne Claire Asherwood.

Brant o olhou fixamente, a sobrancelha levantada quase um palmo, a boca apertada e a expressão perturbada. Era muito ridículo.

- Não lhe ficou claro, senhor? - e Brant se limitou a assentir.

- Bem. Escute atentamente, senhor. A verdade é que tudo está bastante detalhado e vem muito bem especificado. Se renúncia a casar-se com a senhorita Daphne, não receberá nada. A senhorita herdará a quantidade de quinhentas libras, Lucinda ficará com a metade do dinheiro e a mansão. E o resto do dinheiro se doará à Fundação para Meninos Imigrantes Abandonados. Está tudo claro, senhor?

- Oh, certamente - disse Brant, que não podia acreditar o que acabava de escutar. - Perfeitamente claro. Estou impaciente por escutar o resto.

- Se, pelo contrário, ocorre o impossível - prosseguiu o velho detrás ignorar o sarcasmo do Brant - e a senhorita Daphne o rechaça, você não obteria nada, ela receberia tão só cem libras e Lucinda ficaria com todo o resto.

O olhar de assombro e estupefação do Brant se fez ainda mais evidente. De repente, jogou a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada.

- Não estou seguro que entenda bem as condições do testamento - assinalou perplexo o velho Hucksley. - A verdade, senhor, é que o defunto lorde Asherwood podia dispor livremente de seus bens.

Brant tratou de rearmar em sua cabeça aquele disparate. Aparentemente, se se casava com essa tal Daphne recebia o lote completo, incluído uma esposa. Do contrário, não obteria nada e a garota somente uma quantidade irrisória de dinheiro. E estava essa tal Lucinda. Além disso, se era Daphne quem renunciava a casar-se com ele, nenhum dos dois herdaria virtualmente nada.

- Pelo amor de Deus! Meu tio avô devia ter sido um bode - murmurou e levantou a vista para o velho Hucksley. - O que quer dizer isso de que pode dispor livremente de seus bens?

- Vocês, os americanos! - exclamou o velho.

- Isso quer dizer, Brant - interveio Harlow, orgulhoso de contribuir com sua parte para o drama que estava desenvolvendo-se nesse mesmo instante, - que o defunto Lorde Asherwood só estava obrigado a legar o título ao seguinte varão na linha de sucessão. Mas, segundo nossas leis, podia fazer o que quisesse com seu dinheiro e seu patrimônio, incluída a mansão Asherwood.

- Não terá ideia, por acaso, de quais foram as razões que impulsionaram a meu tio avô a redigir umas condições tão ridi. . . tão peculiares? - perguntou Brant.

- Não queria que a futura viscondessa do Asherwood fosse norte-americana. Desejava manter o parentesco por consanguinidade.

- E não lhe importava que o visconde sim fora norte-americano? - apontou Brant.

- Nisso não tinha escolha - assinalou o velho Hucksley. - Além disso, em suas veias ainda corre um pouco de sangue britânico.

- Disso não cabe dúvida - acrescentou um entusiasta Harlow.

- E o que ocorreria com o dinheiro se tanto eu como essa prima longínqua decidimos a um tempo que não desejamos nos casar? - perguntou Brant, cuja confusão aumentava por momentos.

- Nesse caso, tudo iria parar nas mãos da Lucinda. Você deve compreender, senhor, que lorde Asherwood desejava que alguém se encarregasse e cuidasse da jovem Daphne Claire.

- Isso resulta bastante óbvio, senhor - replicou Brant, que começava a imaginar que a garota tinha alguma tara. - E também é uma chantagem bastante ruim.

Sentiu a fúria crescer em seu interior ao pensar na jogada de seu tio avô. Nem tanto por ele, mas sim mas bem por essa prima dele. A verdade é que lhe importavam um nada tanto a arruinada propriedade como o dinheiro. Mas a ideia

de deixar a pobre garota desamparada se não cumpriam com a última vontade de um testamento totalmente absurdo...

- Parece claro que meu tio avô se afeioou profundamente com essa tal Daphne - ironizou com certa malícia. - Estava tão afeioado que inclusive estava disposto a nos condenar a ambos se eu não acessar a casar-me com ela. É totalmente incrível!

- Bom, bom, moço - disse o velho com tom conciliador. - Reconheço que o velho possivelmente foi um pouco longe. Com relação a Daphne, senhor, duvido muito que rejeitasse uma proposta de matrimônio de sua parte. E se for você quem renúncia ambos perdem tudo. E nesse caso me temo que a pobre Daphne ficaria sem um teto.

- E o que ocorrerá se não sentir a menor atração um pelo outro?

- Isso não é possível - assinalou Harlow com firmeza. - Nem sequer se aparecesse vestida como um gnomo em um desfile de monstros.

- Tenho outra pergunta, senhor - disse após refrear uma gargalhada. - O que aconteceria eu já tivesse estado casado? Que valor teriam todas essas condições nesse caso?

- O defunto lorde Asherwood sabia de boa fonte que nunca se casou. Essa possibilidade nem sequer se contemplou.

- E se lhe dissesse que estou comprometido com uma mulher de meu país? - disse Brant.

Houve um momento de intenso silêncio.

- Estou convencido de que está você de brincadeira - disse o velho com um olhar de desaprovação. - Devo dizer que lorde Asherwood levou a cabo uma investigação profunda de sua pessoa. Sabemos que é normal vê-lo acompanhado por muitas mulheres, mas não temos razão para acreditar que não há nenhuma especial.

- Acredito, senhores, que vou visitar a Torre de Londres - disse e se levantou. - Quero jogar uma olhada ao local de tortura e ver se a guilhotina ainda funciona. Espero que passem um bom dia. Harlow, senhor Hucksley.

- Mas...

- Acredito, moço...

- Falarei com vocês mais tarde - disse Brant por cima do ombro.

- Não deixe de visitar as joias da coroa! - apontou Harlow.

- Dá-me a impressão - acrescentou Brant repentinamente da porta - de que

meu tio avô não estava bem da cabeça, faltava-lhe um parafuso, escapou do manicômio.

- Isso é ridículo! - disse Harlow.

- A verdade, moço, é que quatrocentas mil libras é uma quantidade nada desprezável - assinalou o velho Hucksley com sábia parcimônia.

Brant soprou, deu meia-volta e saiu a grandes pernadas do escritório.

- Temo que o menino está um pouco irritado - sentenciou o velho Hucksley.

Capítulo Três

- Está-me pressionando, Harlow, e o sabe.

- Só demoraremos uma hora mais de viagem e estaremos ali.

- Não referia a isso - replicou Brant. - Não deixei que pensar em toda esta confusão e estou disposto a entregar uma boa soma de dinheiro a Daphne. Dessa forma não se verá jogada à indigência e poderá seguir com sua vida sem necessidade de...

- Pelo amor de Deus, Brant! Não pode fazer algo assim! Quero dizer que isso não foi o que lorde Asherwood estipulou. . . - Brant voltou a olhar ao Harlow com estupor. - Não pode pensar em fugir, Brant! Estou seguro de que você adorará a mansão Asherwood. Tem que vê-la antes de tomar uma decisão, e quanto a Daphne...

- Você viu a casa alguma vez?

- Bom, tecnicamente, a verdade é...

- Isso imaginava. Eu, em troca, vi fotografias da casa e não posso dizer que me tenha provocado um comichão especial. Somente senti indiferença. A verdade é que poderia enterrá-la no fundo de meu memoria sem o menor reparo.

- Bom, sim - disse Harlow um pouco esmagado. - Chegaremos dentro de quarenta e cinco minutos, velho amigo.

Brant se recostou na limusine e fechou os olhos. A paisagem era preciosa, mas já se havia cansado de admirar os pastos perfeitamente delimitados entre si por muros de pedras simétricas perfeitamente alinhadas. O velho Hucksley o tinha retido em Londres durante toda uma semana até que havia insistido em que fosse visitar o velho mausoléu em Surrey. Todas os espetáculos teatrais às que tinha ido em Londres já tinham passado por Nova Iorque. Sabia que se comportou como um

idiota e um mentiroso. Havia-se sentido profundamente emocionado ante a visita à abadia do Westminster e o Museu Britânico. Quem não se haveria emocionado ao ter acesso à Carta Magna? Sempre que tinha podido separar-se do Harlow tinha saído para perder-se pelas ruas de Londres. Tinha desfrutado enormemente de suas correrias e o Museu de Cera do Madame Tussaud o havia fascinado.

Com relação à mansão Asherwood, o velho Hucksley o tinha informado, sem entrar em detalhes, durante um jantar excessivamente formal no Hotel Savoy. Ao contrário que seu filho, Reginald Harlow tinha visitado o lugar em várias ocasiões.

- É feita de tijolo vermelho, moço, e contrasta com o verde que a rodeia. É uma visão cativante. O rio Wey cruza a propriedade com contínuos meandros e lhe outorgam uma aura de romantismo inigualável. Foi o mesmíssimo Enrique VIII quem entregou a propriedade ao notável Richard Worton. A família Worton deixou de ser proprietária em 1782 e um cavalheiro chamado John Gebbe ficou com o lugar. A arquitetura é impressionante. Um dos exemplos mais belos da época Tudor em toda a Inglaterra. Acredito que inclusive ficam algumas janelas pintadas com os brasões de armas que pertenceram ao Eduardo IV.

- Seriamente? Isso é algo surpreendente. Está seguro de que não se trata de uma áspera imitação? - tinha ironizado Brant com insolência.

- Absolutamente, amigo - tinha indicado Harlow, sempre ao estorvo. - Não há nada igual.

- Quantos quartos tem? - havia perguntado aproveitando uma pausa do velho Hucksley enquanto sorvia sua sopa morna de cogumelos.

- Não é muito grande. Acredito que tem mais de vinte dormitórios.

- Apenas suficientes para as mascotes - tinha assentido Brant.

Depois daquele jantar, Brant não pôde sequer sopesar a ideia de retornar a Nova Iorque. Organizou-se uma recepção formal para lhe dar as boas-vindas a cargo do conde de Rutherford.

- Esse daí - indicou Harlow enquanto tirava sua jaqueta - é o rio Wey. Esplêndido, não te parece?

- Absolutamente - confirmou Brant com um olho posto no viscoso caudal de água marrom, corrompida pelo barro da borda.

- Estamos atravessando o condado do Guildford. Chegaremos em um minuto.

Guildford era outro daquelas encantadoras aldeias letárgicas, rodeado de árvores frondosas, botequins pitorescos e jardins primorosamente cuidados. Inclusive podiam ver-se alguns patos atravessando tranquilamente a ponte sobre o

rio. Brant se sentia inquieto. Somente pensava em retornar a seu apartamento. Nem sequer sentia o menor desejo de conhecer sua prima Daphne.

- Disse-me que Daphne está na Grécia? - perguntou de repente.

- Isso foi o que me disse meu pai.

- E não conhece as condições do testamento? - acrescentou, consciente de que a garota podia estar em qualquer parte.

- Isso foi o que...

- Sim, sei. Isso foi o que te comentou o velho - adiantou-se Brant.

- Já chegamos! Bom, isso acredito.

A limusine virou em um caminho, entre dois grandes pilares de pedra. Sobre sua cabeças, havia um portão enferrujado de ferro forjado, podia ler-se Asherwood Hall. O caminho de cascalho estava circundado por fileiras de árvores frondosas de ambos os lados. Possivelmente fossem carvalhos ou faia. De repente, sentiu uma sensação muito estranha. Foi como se um defensor da primeira linha o golpeasse na boca do estômago. Teve a impressão de ter um déjà vu, um sentimento de que pertencia a esse lugar que o ligava a esse ambiente em seu passado mais distante.

Ficou olhando fixamente a imponente mansão. Lentamente desceu da limusine sem afastar a vista da elegante estrutura que tinha ante seus olhos. Tinha três andares e não era exatamente quadrada. Havia hera que subia pelas paredes até as chaminés no telhado Gable e depois desciam normalmente. Encheu-o uma sensação de orgulho ao sentir-se, por um momento, proprietário. Sentiu o desejo de limpar as janelas até as fazer brilhar. Queria cortar toda a hera e deixar que a luz entrasse nos quartos. Desejava reparar o telhado e repor todas as telhas danificadas. Pensou que estava envelhecendo. Mas por sua mente corriam imagens da porta, de dupla folha de carvalho maciça, polida até que pudesse deslizar seu dedo sem encontrar uma lasca. Ou o brilho das aldravas douradas brilhando ao sol em uma piscada mútua.

Conteve a respiração. De repente se abriram as portas e escutou como rangiam as dobradiças. Curvaram-se com o passar do tempo. Brant se perguntou como poderia as arrumar. Uma mulher um pouco desalinhada apareceu na soleira. Secou as mãos em um avental. Parecia um duende saído dos bosques.

- Ei, vocês! - saudou olhando ao Harlow e Brant igual ao moço do supermercado que fora a cobrar a conta do pão.

- Suponho que é você a senhora Mulroy - adiantou-se Harlow. - Este é lorde Asherwood.

- Vá! - e, para surpresa do Brant, a senhora fez uma reverência. - Bem-vindo,

lorde Asherwood.

- Não o esperava, verdade, senhora Mulroy? - perguntou Harlow.

- Aha -disse a senhora Mulroy. - Não são as boas-vindas que o senhor merece, mas duas garotas do povoado e eu mesma estamos tentando arrumar a casa tal e como o senhor Reginald nos indicou. O senhor Winterspoon segue de férias. A velha Maddy concordou em cozinhar algo até que o senhor encontre a uma pessoa de seu gosto. Deus senhor, você é enorme! Nunca antes tinha visto um visconde tão grande, se me permitir que o diga.

- Certamente - assentiu Brant, que se fixou em que os degraus principais estavam quebrados ou lascados.

- Estupendo - disse Harlow. - Você gostaria de visitar o interior, Brant?

- Sim.

Brant era consciente de que Harlow o estudava com certa perplexidade, mas não se importou. A realidade era que Harlow mal ocupava espaço em seus pensamentos. A mulher coçou o coque cinza sobre a cabeça e se encaminhou para a entrada, um enorme vestibulo de mármore branco e negro. Brant não deixava de pensar em soluções para recuperar o esplendor de cada ladrilho, para curar cada ferida da mansão. O teto era, simplesmente, o reverso do telhado. Tinha uma altura de quase quinze metros. Frente a eles se levantava uma preciosa escada de madeira nobre, em espiral, que conduzia ao segundo piso. Aproximou-se e deslizou a gema dos dedos sobre a madeira. Teria jurado que, por um momento, havia sentido o tato de milhares de mãos que, ao longo dos séculos, tinham apoiado seus dedos sobre esse mesmo corrimão.

- Esta é a sala das armaduras - anunciou a senhora Mulroy enquanto abria as portas da esquerda sem nenhuma pompa.

Brant se voltou para a contra gosto e a seguiu. Harlow se situou a suas costas. Cruzou a soleira da porta, de quase cinco metros de altura, e ficou boquiaberto. Nunca antes tinha imaginado que uma sala daquelas proporções pudesse existir. Era gigantesca. O teto o atravessavam grandes travessas de madeira vista, havia uma chaminé ao fundo, janelas altas e estreitas que davam ao pátio da entrada e uma mescla eclética de mobiliário. A ambos os lados havia uma tonelada de armaduras. Muitas delas não tinham alguma parte. Estavam de pé ou sentadas. O efeito recordava a um estranho exército de soldados bêbados. Sobre as paredes, por cima das armaduras, havia uma coleção imensa de armas medievais. Lanças, tochas, maças e um sem-fim de artefatos dos que desconhecia o nome formavam um

desdobramento assombroso. Aproximou-se para examinar uma cadeira medieval, mas escorregou sobre o puído tapete e voou pelos ares.

- Caramba! - gritou Harlow. - Tome cuidado, Brant.

Brant se levantou e sorriu ante a reação de espanto que tinha mostrado a senhora Mulroy. Harlow ficou impressionado e começou a examinar a peça com mais atenção. Soprou ante o enorme trabalho de restauração que lhe aguardava. Jogou uma olhada à chaminé. Era tão grande que podia assar uma vaca inteira. E estava tão negra que parecia uma caverna. O mobiliário, de madeira de carvalho em sua maior parte, não tinha sido polido ao menos nos dois últimos séculos.

- Desculpe, senhor - disse a senhora Mulroy com tom imperativo. - Temos que ver o resto da casa. Não posso passar uma tarde em cada sala. Essas garotas estarão provavelmente na cozinha, bebendo chá sem minha permissão, esperando minhas ordens.

Brant sentiu vontade de zangar-se diante de semelhante ogro.

Somente no piso principal havia outras dez salas. Uma sala de jantar que teria sido perfeita para, iluminada com candelabros, contar histórias de fantasmas. Um salão de baile repleto de sofás e poltronas de estilo vitoriano. O Salão Dourado, no qual sentiu de novo essa estranha sensação de reencontro. Carecia de qualquer noção a respeito de arquitetura, mas ao entrar sentiu o esforço de gerações de artesãos empregados na decoração daquele espaço. Não havia nada decadente em sua distribuição. Era um espaço aberto, leve e que resultava assombrosamente luminoso uma vez que tivessem arrancado a hera das paredes e as janelas. Havia querubins e outros adornos nas molduras. E uma preciosa lareira de mármore que algum idiota havia decidido pintar de dourado. Os móveis formavam pequenos espaços independentes dentro do salão e se separaram por épocas. Havia delicadas esculturas nos parapeitos das janelas. Algumas peças esculpidas em mogno que suspeitava pertenceriam à época vitoriana. E inclusive algumas cadeiras e sofás do século vinte. Havia um montão de fotografias em branco e preto de gente que nunca tinha conhecido. Algumas fotografias eram mais modernas. Fixou-se na imagem de uma mulher com uns olhos deslumbrantes, que parecia zombar do mundo, e outra de uma jovem que tratava de evitar a lente da câmera, usando óculos de aros grossos. Levava o cabelo recolhido em um coque no alto da cabeça e vestia um casaco fora de moda. De repente, eles riram. A legenda dizia que se tratava do Daphne Asherwood. Vá, era sua prima! De repente se incorporou muito reto. Acaso esperavam que se casasse com esse despropósito? Cerrou os punhos

dentro dos bolsos de sua calça. Enquanto prosseguia a visita comprovou que o chão estava em um péssimo estado de conservação.

Depois subiram ao piso superior. A próxima meia hora transcorreu em um estado de atordoamento. A meia dúzia de quartos que visitaram apresentava um estado lamentável, mas cada um fascinou ao Brant em maior ou menor medida. Havia um sem-fim de rincões chamativos, armários de todo tipo, e inclusive um confessionário. Também visitaram uma galeria de retratos. Em sua major parte estavam tão enegrecidos que resultava impossível distinguir os traços de seus modelos. Brant tragou saliva ao pensar no que poderia custar que um restaurador limpasse aquela imensa coleção. Somente havia um banheiro em todo o primeiro piso e era tão antiquado que clamava ao céu. Brant ainda estava tratando de imaginar o que poderia fazer para modernizá-lo quando a senhora Mulroy o conduziu ao quarto de lorde Asherwood.

Meu Deus! Brant, ainda aturdido, não podia assimilar que aquela seria sua habitação. Era tão rica, tão profusamente decorada como o salão Dourado do piso de abaixo, e sua estranha combinação de estilos resultava mais atrativa ainda. Adiantou-se e abriu as pesadas cortinas cor borgonha. Pensou que teria que pintar as paredes de uma cor clara e desfazer do papel escuro que havia nas paredes. A senhora Mulroy chamou sua atenção a respeito do tapete vermelho. A cama, com dossel, era gigantesca e estava sobre uma plataforma elevada. Brant se imaginou subido sobre aquele gigante e sorriu. A colcha carmesim teria que desaparecer. Tinha alimentado a várias gerações de traças.

- Espero que não esteja muito desiludido, Brant - disse Harlow enquanto desciam as escadas. - A casa se encontra em um estado lamentável. O velho não me disse nada a respeito. Mas está cheia de tradicion...

- Sim, as raízes.

- Confio em que não esteja muito desiludido - repetiu Harlow.

Desiludido! Olhou-o como se fosse um louco.

- É simplesmente perfeita - disse com calma, enquanto sua cabeça esta repleta com um montão de ideias para o futuro.

Capítulo Quatro

- Não vejo nenhuma fotografia de minha prima, Lucinda Meitter.

- Não vem muito frequentemente por aqui - bufou a senhora Mulroy. - Faz dois anos era a senhora Outrake. E antes foi a senhora Vargas.

- Uma mulher cosmopolita, sem dúvida - sorriu Brant. - Não há nenhuma foto dela?

- Se não houver nenhuma aqui, não acredito. O senhor estava acostumado a rir muito com a senhorita Lucinda. Dizia que quando estava sem marido era como o chá sem limão - recordou e exclamou. - Vá, mas quem está aqui! É o senhor Winterspoon, senhor.

- Winterspoon?

- Lorde Asherwood?

Brant ficou olhando a diminuta figura que tinha frente a ele. A cabeça calva do homem ficava emparelhada com seu próprio queixo.

- Sou Oscar Winterspoon, senhor. O mordomo pessoal do defunto lorde Asherwood - disse com seus intensos olhos azuis sobre a figura do Brant. - Estou a seu serviço para cuidar de você. Lamento não haver estado presente quando chegou você, mas estava de férias. Subiram as coisas a seu quarto? Se for assim, ocuparei-me agora mesmo de desfazer a bagagem, senhor.

Brant estava perplexo. Não lhe havia passado pela cabeça a ideia de que fosse ter um mordomo. Sorriu ao recordar um personagem de um de seus autores favoritos, Woodhouse. Confiou em que aquele homem tão bonito não o considerasse um incompetente, incapaz de fazer alguma coisa direito. Guardou a mão no bolso antes de tomar a palavra.

- A verdade é, Winterspoon, que ainda não sei se vou ficar - disse Brant.

- Certamente, senhor. Mas suponho que ficará até que chegue a senhorita Daphne, verdade?

- E não esqueça à senhorita Cloe - acrescentou a senhora Mulroy.

- Sim, certamente. E também a senhora Meitter, se não me informaram mau.

- Bom, Winterspoon - disse Brant dirigindo-se ao digno mordomo. - Digamos que ficará a meu serviço enquanto eu permaneça na Inglaterra. Isso lhe parece bem?

- Sim, senhor. É perfeitamente adequado. Possivelmente deseje que me encarregue também do resto da casa, em vistas de que o senhor Hume já não retornará a seu antigo posto.

- Né! - protestou a senhora Mulroy. - Eu posso me ocupar perfeitamente de abrir a porta e receber aos convidados.

- É possível - assinalou Brant - que o melhor seja que você, senhora Mulroy, ocupe-se de pôr em ordem a casa. Suponho que a senhora Meitter decidirá em seu momento o mais conveniente para a casa.

- A senhora Meitter! - exclamou a senhora Mulroy. - E a senhorita Daphne?

- Já falaremos mas tarde - resolveu Brant, que não queria entrar em dar explicações nesse momento. - Se pudessem ater-se a suas respectivas responsabilidades seria, no momento, o mais idôneo.

Ambos os serventes saíram da sala. A senhora Mulroy anunciou, enquanto saía, que o café da manhã estaria preparado na sala de jantar.

- Iremos em seguida - respondeu Brant.

- Onde está o senhor Ou'Reilly? - perguntou Winterspoon com parcimônia.

- Quem é o senhor Ou'Reilly? - perguntou Brant ao entrar na sala de jantar.

- Era o cozinheiro de lorde Asherwood, senhor - disse Winterspoon.

- Partiu - respondeu a senhora Mulroy após precaver-se do olhar do Brant. - Roubou uma garrafa do melhor conhaque de lorde AsherWood e partiu. Maldito canalha!

- Um irlandês, senhor - disse Winterspoon a modo de explicação. - Tenho que supor, senhora Mulroy, que há uma pessoa competente a cargo dos fogões.

Brant interveio ante a atitude de claro confronto que tinha adotado a governanta frente ao mordomo.

- Seguro que todos são enormemente competentes - assinalou.

- Dormiu bem, Brant? - perguntou Harlow quando ficaram a sós.

- Sim, dormi muito bem.

- Não viu fantasmas nem ouviste ruídos estranhos?

- Não - respondeu, enquanto pensava que se havia sentido como em casa. - Foi uma experiência dormir em uma cama tão grande a mais de um metro do chão.

O café da manhã estava um pouco pobre. Apenas um ovo frito, umas torradas úmidas e um café demasiado fraco.

- O velho me pediu que te comunicasse - disse Harlow - que a empresa arcaria com os encargos do serviço até que todo se arrume.

- Uma lástima que esse cozinheiro irlandês fugisse - disse Brant com uma careta enquanto sorvia um pouco de café.

- Se te parecer bem, Brant, posso pedir a uma agência que nos envie um cozinheiro.

Brant tinha centrado sua atenção no papel sujo e estragado das paredes da sala, e nos revestimentos enegrecidos pelo passar do tempo. Essa mesma sala podia ser assombrosamente acolhedora com um pouco de luz. Teria que fazer algo a respeito se pensava tomar três refeições ao dia nesse lugar.

- Parecer-te-ia bem, moço? - insistiu Harlow.

- O que? Oh, certamente, Harlow. Sabe? Estaria bem se pudesse me aproximar de Londres esta tarde para que pudesse alugar meu próprio carro.

- Não irá partir te do Asherwood Hall hoje mesmo?

- Vou voltar. Há muito trabalho pela frente. Há outra coisa que pode fazer por mim, Harlow. Estaria bem que contatasse com uma agência de serviço e me conseguisse um cozinheiro - acrescentou Brant.

- Para que período de tempo, Brant? - limitou-se a perguntar Harlow enquanto mastigava placidamente a torrada.

- Duas semanas será suficiente - apontou Brant, mas em seguida retificou ao olhar o papel das paredes. - Não, melhor que seja um mês.

Meu Deus! Daphne olhou boquiaberta do guichê do táxi enquanto avançava lentamente pelo caminho de cascalho que conduzia ao Asherwood Hall. Havia dois homens podando os arbustos e outro estava cortando a grama. A hera havia desaparecido por completo e as janelas reluziam ante o tímido sol do entardecer de fevereiro. Viu outro homem, vestido com calças jeans, uma camisa de algodão e sapatilhas de esporte, no alto de uma escada, trabalhando no telhado.

- É aqui, senhorita? - perguntou o taxista.

- O que? Oh, sim! Obrigada. Por favor, deixe minhas malas na entrada.

Nenhum dos homens se virou para olhá-la. Compreendeu que não haviam escutado a chegada do táxi, afogado pelo ruído de uma serra elétrica. Ficou um momento de pé enquanto procurava decifrar os motivos que tinham obrigado a tia Cloe a permanecer em Londres e seu insistência em que ela se adiantasse.

Brant não soube o que foi o que lhe fez girar-se no alto da escada. Ao fazê-lo, avistou a um táxi afastar-se da propriedade pelo caminho de entrada e depois baixou a vista até uma deslumbrante jovem que, de pé frente à casa, parecia assombrada ante o que tinha frente a ela. Imediatamente pensou que se tratava da Lucinda Meitter. Recordou que a tinham pontuado de vampiresa. Tinha uma figura bonita e seu rosto era perfeito. Começou a dascer lentamente e terminou aterrissando no chão úmido de um salto. Ficou olhando à mulher um momento.

Queria desfrutar daquela juba loira um pouco ondulada que caía brandamente sobre os ombros, os olhos de um verde intenso e suas intermináveis pernas. Levava um casaco de lã azul com cinturão, que rodeava sua estreita cintura.

- O que está você fazendo? - perguntou Daphne ao sentir seu olhar.

- Os drenos estavam obstruídos com folhas e outras coisas - disse, consciente de que a estava olhando com evidente lascívia. - Estava-o limpando.

- Parece que o novo visconde tomou o controle. A casa tem um aspecto tão distinto sem toda essa hera nas paredes. Agora resulta encantadora, caseira.

- Obrigado, senhora. Eu... estamos fazendo o possível - disse Brant.

Daphne estudou com maior atenção ao homem ao cair na conta de seu peculiar sotaque. Era um tipo muito arrumado e não a incomodou absolutamente que estivesse sorrindo.

- É você amigo de lorde Asherwood? Seu sotaque parece americano, acredito.

- Sim, somos muito bons amigos - e estendeu a mão para ela. - A verdade é que somos como unha e carne.

Daphne entortou os olhos um par de vezes e estreitou sua mão sem pensar muito. O aperto de mãos resultou forte e quente.

- Vá, sinto muito! - disse Daphne. - Suponho que não esperava encontrá-lo no alto do telhado. Você é o jogador de futebol.

- Assim é - fez uma pausa e alargou o contato com ela. - Acredito que você não necessita apresentação. Deduzo que é minha prima, Lucinda Meitter, verdade?

Ela esboçou um tímido sorriso e afastou a mão.

- O que lhe faz pensar isso? - perguntou.

Brant limpou as mãos nos jeans e Daphne seguiu seus movimentos com os olhos. Tragou saliva. Era um homem terrivelmente atraente e tinha um corpo estupendo. Mas a tinha confundido com a Lucinda. Brant lhe dirigiu outro encantado sorriso e ela se limitou a esperar, sem deixar de olhá-lo.

- A verdade é que não faz falta ser muito inteligente para chegar a essa conclusão. Informaram-me que minha prima Lucinda era uma beleza e vi a foto de minha outra prima, Daphne, no salão - explicou Brant.

Então ela recordou a fotografia do Salão Dourado em que saía feita um verdadeiro despropósito. Apesar de tudo se incomodou ante a rabugice de...

- Tenho entendido que Daphne mudou muito - disse enquanto agarrava a sua bolsa e confiava em que seu recém adquirido aprumo não a abandonasse.

- Sério? Bom, ao igual a esta casa, imagino que qualquer acerto haverá produ-

zido um efeito imediato. Conhece-a você bem?

- Pois sim, bastante bem - assentiu.

- Então também conhecerá as condições do infame testamento.

- Não, a verdade é que não me detive em Londres para ir ver o senhor Hucksley. A tia... bom, imagino que me inteirarei antes ou depois.

- Demônios! - exclamou Brant e começou a rir. - Bom, posto que Asherwood Hall será seu dentro de pouco, posso sugerir que entremos no salão Dourado? Infelizmente, a senhora Mulroy foi ao povoado e não posso lhe oferecer um refresco.

Brant se encarregou das malas e se encaminhou para a entrada. Falava por cima de seu ombro.

- Estou esperando um cozinheiro em qualquer momento. Aparentemente, o senhor Ou'Reilly fugiu com o melhor conhaque de seu antigo senhor.

Por um momento. Daphne se limitou a olhá-lo sem atender ao que dizia. O que tinha querido dizer com isso de que Asherwood Hall não demoraria para passar à mãos da Lucinda? Isso era absolutamente impossível! Tinha que pertencer a ele. Seguiu-o até o vestibulo em uma nuvem sem precaver do mármore reluzente da entrada. De repente, deu-se conta da mudança e piscou com assombro.

- Me acompanhe, Lucinda - disse Brant guiando-a. - Faz dois dias que terminei todos os trabalhos no salão Dourado. Comecei por aqui, posto que não havia muito mais que pudesse fazer. Também estive trabalhando na salinha. Confio em que aprovará minhas mudanças. Caso contrário... - levantou os ombros com indiferença.

Daphne não sabia o que dizer. Se a casa ia parar nas mãos da Lucinda, por que se estava incomodando em restaurar tudo? Deteve-se na porta e olhou em silêncio. A luz clara do inverno iluminava o salão. Tinham pintado as paredes em um tom claro e o mobiliário se reduziu ao estilo regência. Os grandes móveis de mogno que tanto havia detestado tinham desaparecido.

- É precioso! - disse em tom admirativo. - E os tapetes estão limpos. Nunca havia imaginado que fossem tão bonitos.

- Obrigado. Me alegro que aprobe minhas iniciativas. Eu mesmo estou surpreso de que tenham ficado tão bem. Estava quase convencido de que teria que os substituir. Deixe-me te ajudar com o casaco - tomou o casaco azul e o deixou no respaldo de uma cadeira. - Não quer se sentar?

Daphne tomou assento em sua cadeira favorita, pequena e de respaldo muito alto, recoberta de cetim azul e que, antes da morte do tio Clarence, viu-se relegada

ao rincão mais afastado. Cruzou as pernas, alheia ao escrutínio pormenorizado ao que Brant a estava submetendo.

- Assim - apontou Brant, esforçando-se por olhar à cara, - desconhece seu fortuna?

- Em efeito - admitiu. - Seria tão amável de me informar sobre o testamento?

A verdade era que não tinha o olhar de uma vampiresa. E tampouco parecia tão mais velha para os três maridos que lhe haviam concedido. Seu aspecto era fresco, juvenil e...

- O testamento? - repetiu Daphne.

- Lamento-o - desculpou-se. - É que foi uma surpresa te conhecer. Sabia, certamente, que foi uma mulher adorável. Mas pensava que seria mais velha.

- Procuro me cuidar - disse com aparente calma, sem decidir a revelar sua identidade.

- Sim, o testamento. Não te parece que deveríamos esperar a que estivesse presente o senhor Hucksley? - perguntou Brant.

- Não vejo o motivo.

- A verdade é que é um pouco complicado e, em minha opinião, extremamente estranho. Basicamente, tudo se reduz a um ponto. Herdaria todo o dinheiro e Asherwood Hall se concordarem me casar com minha prima Daphne Asherwood.

- Se casar com o Daphne! Por que? É ridículo.

- Isso mesmo penso eu - admitiu Brant com a voz neutra. - Evidentemente o velho Asherwood queria que alguém se ocupasse dela. Não entendo porque não lhe deixou o dinheiro para que se cuidasse sozinha. Por isso ouvi, ademais, é provável que a garota não tenha a menor ideia do que pode fazer.

- E que ocorreria caso não queira se casar com ela?

- Aí começa o gracioso - disse Brant. - Nesse caso você, prima Lucinda, e uma fundação de caridade repartiriam isso tudo. E a pobre prima Daphne somente receberia um cheque no valor de quinhentas libras. E se ela me rechaçasse, ambos ficaríamos sem nada e você ficaria contudo.

De repente tudo encaixou. Era como se se houvesse feito a luz de repente. Tinha ouvido seu tio Clarence murmurar algo a respeito de que desejava que alguém cuidasse dela. Mas não podia acreditar o acabava de ouvir. Estava segura de que sua tia Cloe tinha estado a par. Que razão teria tido para insistir tanto em transformá-la da cabeça aos pés?

- Quanto dinheiro há em jogo? - perguntou.

- Bom, se ainda não é uma mulher rica, Lucinda, será-o breve. A quantidade chega às quatrocentas mil libras - indicou Brant.

- Quatrocentas mil libras! Por que não investiu parte desse dinheiro na reforma da casa? Supliquei que o fizesse durante anos para que não deixasse que a mansão se arruinasse. Era um homem impossível! Tenho vontade de estrangulá-lo.

- Chega um pouco tarde - brincou Brant.

- Assim que se supõe que Daphne tem que casar-se contigo - repetiu aniquilada. - Mas eu, ela não te conhece. E você não a conhece ela!

- Não posso dizer que morra por que chegue esse momento - disse Brant.

- Por que?

- Parece-me bastante claro - disse com indiferença. - O testamento, as ridículas condições do tio Clarence, a própria Daphne...

- O que ocorre - chiou de um modo excessivo - com a própria Daphne?

- Já te disse que vi uma fotografia dela - repetiu com uma franqueza devastadora. - Não responde precisamente à ideia que me tinha feito da que seria algum dia minha esposa. E duvido que sua personalidade seja muito atraente. Sempre se referiram a ela em termos pouco satisfatórios.

Daphne recorreu a todos os insultos que conhecia e que se amontoavam em sua cabeça, um após o outro, enquanto os enumerava em silêncio.

- E por que, se não ter intenção de casar-se com ela, está perdendo tempo nesta casa, fazendo todo o trabalho?

- Não sei - disse e juntou as mãos entre suas coxas. - A verdade é que nem sequer queria vir a Inglaterra. Não tinha nenhum interesse na casa, mas quando a vi... tive a impressão de que já tinha estado aqui antes, em um remoto passado. Tenho imagens em minha cabeça a respeito de como deveria ser. Suponho que te parecerá uma tolice.

- Não, a verdade é que não. Absolutamente - replicou. - Parece-me uma grande ideia que tenha decidido conservar os móveis da regência neste salão. É meu estilo preferido. Muitas vezes me imaginei recostada sobre esse sofá, simulando que era uma atrativa e milionária mulher vestida com uma traje de musselina branco. Seguro que você também pensa que estou um pouco louca.

- Não acredito que nenhum dos dois tenhamos perdido o juízo - assinalou com um sorriso, seus grandes olhos azuis agradados, e se levantou. - Então, também pode sentir a atração que exerce a mansão?

- Atração? Quer dizer se experimento uma certa afinidade com a casa? Bom, sim, acredito que sempre a senti. Por isso me incomodou tanto que o tio Clarence se retirasse de seu cuidado e a abandonasse a sua sorte - apontou e acrescentou a seguir. - Não parece um visconde.

Meteu as mãos nos bolsos, o que provocou que lhe baixassem um pouco as calças e a conseguinte secura na boca de Daphne.

- Espera para conhecer meu mordomo, Winterspoon. Certamente estará escondido em um armário, lamentando o fato de que eu seja um americano tão pouco formal. Mas somente tem que esperar de noite. Converte-me em um verdadeiro lorde inglês, tanto se quiser como se não.

- Winterspoon está aqui? É fantástico. Senti falta dele.

- Tinha-me dado a impressão de que não visitava Asherwood Hall com tanta frequência - apostilou Brant com um olhar um pouco confuso.

Daphne se viu obrigada a levantar os ombros em silêncio. Mal podia acreditar que estivesse mantendo uma conversa com um homem. Mas isso era exatamente o que estaria fazendo Lucinda. Daphne se teria sentado um pilha e teria ficado calada como uma menina assustada.

- Ao melhor gosta de Daphne - escutou-se dizer.

- É bastante improvável. Suponho que não estou sendo muito justo, mas hei pensado nela como em um cachorrinho.

- Como?

- Quero dizer que não pude evitar pensar nela como em um mascote, um animal de companhia. Certamente um ser muito doce e carinhoso, mas um cão afinal.

Daphne estava tremendo. Não deixava de repetir-se que tudo tinha sido culpa dela. Era igual a quando bisbilhotava atrás das portas. Nunca escutava nada bom sobre ela. Mas jamais a tinham comparado com um cão.

- Pode que ela pense o mesmo de você.

- É possível. Não deveria te dizer estas coisas, trata-se de sua prima também. É somente que toda esta situação me deixa louco – mexeu nos cabelos. - Pensa ficar? Posto que vai ser a nova proprietária, deveria deixar de lado meus planos e permitir que tome as rédeas de tudo.

A amargura que detectou em seu tom de voz fez que Daphne pestanejasse. Não cabia dúvida que se apaixonou por Asherwood Hall. Bom, ao diabo com ele! Lucinda herdaria tudo e sempre se importou muito pouco com Asherwood Hall. Se

levantou de um salto.

- Não - respondeu, - não é meu assunto. Pode estar seguro disso.

- Mas já te disse que não penso em casar-me com Daphne. Penso retornar aos Estados Unidos em breve e tudo isto será teu.

- Nada disto será meu por que eu não...

De repente se escutou um ofego na porta.

- Senhorita! Graças a Deus que tornou! Olhe você. Está... deslumbrante.

- Senhora Mulroy - disse Daphne com um sorriso. - Me alegro muito de voltar a vê-la. O senhor me informou que Winterspoon já está de volta.

Brant teve a impressão de que algo não se enquadrava. Não deixava de olhar às duas mulheres alternadamente, convencido de que havia algo que não funcionava.

- Não é Lucinda Meitter? - perguntou com calma.

- Não, não o sou, meu senhor - replicou depois de uma reverência exagerada.

- A senhora Meitter! - a senhora Mulroy não saía de seu assombro. - Claro que não, senhor. Esta é a senhorita Daphne.

- Sim - confirmou ela. - Sou Daphne, o cachorro indefeso.

Brant se ruborizou imediatamente e amaldiçoou em silêncio cada palavra que havia dito.

Capítulo Cinco

Estavam sentados frente a frente na mesa da sala de jantar. Brant ia vestido de acordo com os gostos de Winterspoon, de negro com uma camisa branca. Daphne usava na ocasião um vestido cinza escuro que tia Cloe tinha insistido em que comprasse quando o tinha visto em Paris. Agarrava-se a seu corpo com alarmante desespero e ressaltava ainda mais seu proeminente busto. As dobras do vestido apareciam pela abertura do decote circular como uma promessa. Não levava nenhum adorno adicional. Não tinha joias. Por uma vez não sentiu a necessidade de jogar os ombros para frente. Dedicou ao Brant um olhar estudado, insolente, que havia praticado em frente ao espelho e bebeu um pouco de vinho.

Tinha-o abandonado essa tarde e não o havia voltado a ver desde o desastre. Brant tinha conseguido manter-se inteiro, mas o pertinaz silêncio do Daphne o estava tirando do sério.

- Teria que me haver dito quem foi desde o começo - disse com uma voz tão fria como seu olhar. - Comportou-se como uma menina, uma adolescente caprichosa desejosa de interpretar um papel que não lhe corresponde absolutamente.

Os dedos do Daphne se fecharam com uma forte pressão sobre a taça de cristal. Por estranho que pudesse parecer, era a primeira vez em seus vinte e três anos de vida que não se sentia envergonhada ou intimidada na presença de um homem. Estava muito furiosa para isso. Jogou os ombros para trás e Brant não teve mais remédio que fixar-se em seus peitos.

- Eu - replicou com o mesmo tom gélido - nunca pretendi imitar a minha prima Lucinda. Por outro lado, comportou-se tal e como era de esperar. Mostrou-se brusco, insultante, arrogante, vaidoso...

- Acredito que já ficou suficientemente clara sua postura - interrompeu.

- ... e além disso levava esse agasalho de péssimo gosto.

- Então, você não gosta de minhas calças jeans?

- Ainda não sei como pode te agachar com isso. E além disso...

- Por favor, não te esprema o cérebro em busca de mais qualificativos.

- Eu nunca espremo o cérebro.

- Pois possivelmente deveria considerar a possibilidade de fazê-lo neste caso concreto. Repito, senhorita Asherwood, que sua atitude esta tarde foi tão ridícula como a minha, inclusive mais. E sim, admito que me passei que a raia.

- Supõe-se que isso é uma desculpa? - perguntou com muita doçura.

- Pode supor o que te agrada - disse e cravou com o garfo um pouco de carne assada muito dura. - Confio em que não lhe deve desagradar meu traje esta noite. Winterspoon me assegurou que era o mais adequado para um visconde.

- O hábito - replicou Daphne - não faz o monge.

- A mim a roupa diz muito a respeito do que a mulher tem que oferecer - assinalou embora não afastasse o olhar do decote de Daphne.

- Meu Deus! - exclamou enquanto mastigava o guisado de carne, incapaz de pensar em uma réplica. - Não sabe até que ponto sinto falta da Ou'Reilly. Isto está indigesto. Como sobreviveu todo este tempo?

- Alimento-me a partir de hambúrgueres - respondeu. - Não é fácil estragar um hambúrguer.

Brant deixou o garfo sobre o prato, recostou-se sobre sua cadeira e cruzou os braços.

- Por que não me explica como é possível que seja tão diferente da garota que aparece na fotografia do salão? Acaso forma parte de uma brincadeira? Quem é a garota da fotografia?

- Não estou segura de que fotografia me está falando - disse enquanto molhava uma parte de pão no molho da carne.

- A fotografia dessa garota que parece desalinhada, antiquada, sem o menor atrativo nem pingo de estilo, com uma expressão que daria um susto ao medo...

- Acredito que a lista já resulta suficientemente elaborada! A verdade é que essa foto é da Lucinda. Claro que então era muito mais jovem. Faz muito que não a vejo, mas acredito que trocou muito de um tempo a esta parte.

- E por que está seu nome ao pé da fotografia? - perguntou Brant.

Ela o olhou com seus grandes olhos abertos, inocentes. O olhar do Brant revelava, em troca, um profundo receio.

- Isso diz? Bom, possivelmente alguém o trocou para fazer uma brincadeira.

- E por que todo mundo se refere a você como a pobre, pequena e doce Daphne?

- Bom, temo que isso agora tem bastante sentido - disse com um sorriso gritante que inclusive surpreendeu a ela. - Qual era exatamente minha herança? Quinhentas Libras esterlinas?

- Só no caso de que rechace a ideia de me casar contigo.

- E certamente sou muito doce - acrescentou Daphne.

- Mas não é absolutamente pequena - retificou Brant sem apartar a vista de seu peito.

- Tampouco sou tão alta! - replicou, decidida a que ele não a envergonhasse.

- Possivelmente - disse com um brilho especial no olhar, - mas terá que comprová-lo.

- Em que sentido?

- Terei que comprovar se encaixar bem comigo - disse Brant.

Ela abriu os olhos de par em par. Não pôde evitá-lo. Sentiu o rubor subir até suas bochechas do pescoço.

- Todos os americanos são tão presunçosos e tão grosseiros?

- Acaso todas as moças inglesas se ruborizam como uma rosa vermelha quando não podem controlar a excitação?

- Rosas vermelhas! Que excitação?

- Está ruborizada e não respondeu com muito aprumo - disse Brant. - E assim

que mencionei a excitação perdeu um pouco o controle.

- Mencionei por acaso o aspecto tão musculoso de seu torso quando toma ar e os botões da camisa se estiram de um modo tão... provocador?

- Bravo! Minha pequena rosa inglesa está começando a tomar o pulso ao combate.

Ela não podia acreditar que houvesse dito algo assim. Estava maravilhada.

- Desfrutei muito quando te colocou as mãos nos bolsos da calça - entreabriu os olhos. - Uma paisagem fascinante.

- Me alegro que o pensasse. Mas acredito que eu gostaria ainda mais de sentir suas mãos em meus bolsos - apontou Brant.

Os olhos do Daphne se separaram de sua cara ao ir a sua imaginação uma corrente de imagens excessivamente concretas.

- De acordo! - disse Brant. - E agora, se já terminou seu pequeno jogo de esgrima verbal, possivelmente possamos falar a sério.

- Falar a sério do que? - perguntou

Daphne, aliviada de que tivesse trocado de tema, e mais viva que nunca.

- A respeito das razões que impulsionaram a meu tio avô Clarence a redigir um testamento tão ultrajante - assinalou Brant.

- Acredito que me considerava incapaz gerir-me por mim mesma -disse Daphne enquanto mordiscava o pão.

- Acaso estava cego? - Brant sacudiu a cabeça. - É preciosa, ardilosa, inteligente. Eu diria que é perfeitamente capaz de sair de qualquer situação.

Todos esses galanteios, encadeados um após o outro com absoluta seriedade, deixaram a Daphne sem fala por um momento. Quis certificar-se de que realmente era preciosa e inteligente e sopesou a ideia de perguntar-lhe mas se calou.

- Você não o entende - disse com um suspiro. - Vim viver em Asherwood Hall sendo uma menina. Criei-me aqui, completamente sozinha, excepto pela companhia do tio Clarence e dos criados.

- Suponho que ia à escola.

- O tio Clarence fez vir a um tutor. Era um tipo repugnante que sempre me tratou como se fosse meio tola. Foi embora quando fiz dezessete anos. O tio tinha previsto outras obrigações para mim.

- De que tipo?

- Bom, encarregava-me de que todo estivesse em ordem aqui, no Asherwood Hall - disse com aparente indiferença. - Já sabe, ocupava-me da limpeza, o jardim, as

faturas e algo que me encomendasse.

- Um escravo pessoal, de fato.

- Não era algo tão... degradante. E além disso permitia que a tia Cloe viesse me visitar de vez em quando. Inclusive fui passar uns dias com ela a Escócia.

- Estou seguro que desfrutou muitíssimo da viagem - apontou Brant, que não deixava de amaldiçoar ao velho.

- A tia Cloe me quer muito. De fato foi sua ideia me levar a Grécia depois do funeral - explicou Daphne.

- Onde está agora a tia Cloe? - perguntou Brant.

- Em Londres, acredito. Pediu-me que me adiantasse. Mencionou algo a respeito de uns assuntos que devia resolver com o senhor Huckslei.

- Já.

- O que significa isso?

Mas Brant não respondeu. Em lugar disso ficou olhando ao Daphne atentamente, muito pensativo.

- É você a garota da fotografia do salão, verdade?

- Sim - admitiu, - sou eu. Menti sobre a Lucinda. Foi uma mulher preciosa desde o dia em que veio ao mundo. Era eu a que necessitava um reajuste e suponho que pensará que a tia Cloe também se deu conta disso.

- Nunca teria conseguido um resultado tão perfeito se a base não fosse real - assinalou.

- Meus olhos não são realmente de um verde tão intenso. Mas bem têm uma cor avelã. Agora estou com lentes de contato de cor. A tia Cloe insistiu em que as provasse.

- Chegou a hora da confissão? E seu cabelo... é uma peruca?

- Não, é meu. Mas o senhor Etienne me pôs mechas.

- E a roupa?

- A tia Cloe me levou a Paris.

- A transformação começou depois do funeral? - e ela assentiu. - A verdade, Daphne, é que me alegro profundamente de que alguém se tenha esforçado para fazer algo assim. Obviamente, só necessitava um empurrão.

- Isso é muito amável de sua parte.

- Não, limito-me a ser sincero - de repente, sorriu. - Obviamente a tia Cloe conhecia as condições, ao igual ao velho Reginald Hucksley. Apostaria algo.

- Não te entendo - disse Daphne perplexa.

- De verdade? Eu acredito que sua tia Cloe e o velho Hucksley o planejaram juntos. Acredito que sua tia queria que tivesse uma oportunidade para jogar o seu trunfo e procurou a forma de que se apresentasse ante o novo visconde com sua nova cara.

- Isso é ridículo! Não te conheço. Ademais, é americano.

- Não deixava de me perguntar por que o velho Hucksley insistia tanto em que permanecesse na Inglaterra - prosseguiu Brant sem prestar atenção a Daphne. - Levou-me passear por todo o país e ao final insistiu para que viesse a Asherwood Hall.

Daphne não respondeu. Estava pensando nas palavras de Brant e soube que tinha razão em suas pesquisas. Tinham planejado apresentá-la ante os olhos do novo visconde com tantos adornos como o peru de Natal. Levou-se as mãos à cara e apoiou as palmas nas bochechas.

- Isto é terrível! E nem sequer eu gosto.

- Ah, não? - perguntou Brant.

- Não! Bom, acredito que é... enfim, não quero te insultar. E o que passa comigo e meus sentimentos?

- Já terminaram o jantar, senhor? - interrompeu a senhora Mulroy.

- Sim - disse com cara de poucos amigos. - Pode servir o café no salão, por favor.

- Tudo estava muito bom, senhora Mulroy - acrescentou Daphne com não pouco esforço por sua parte. - Muito obrigada.

- Bom, senhorita, a verdade é que mal provou um bocado - assinalou a faxineira.

- É por culpa da excitação - apontou Brant. - Acompanha-me, Daphne?

- Mas preparei uns pão-doces para você, senhorita - exclamou a senhora Mulroy.

- Guarde-os para amanhã pela manhã - respondeu Daphne.

A senhora Mulroy se afastou enquanto sacudia a cabeça. Daphne se ergueu e tomou o braço que lhe oferecia Brant. Não passou inadvertido a seus sentidos a força de seu braço.

- Esqueci te dizer que a entrada da mansão ficou muito bem.

- Sim, eu também acredito - disse com suavemente. - Espera um momento, Daphne.

Ela obedeceu, olhou-o aos olhos com uma interrogação no olhar. Aproximou-

se dela muito devagar, lentamente.

- Não é muito alta, inclusive com os saltos postos. Acredito que tem a medida perfeita, sem dúvida. Descalça tem a medida perfeita - Brant apreciou a surpresa em seus grandes olhos, seguida do receio. - Vamos. Seguiremos nosso bate-papo enquanto tomamos café.

Depois de que a senhora Mulroy serviu o café e abandonou o salão, Brant se sentou no sofá e ofereceu assento a Daphne.

- Não se senta? Parece um tigre rondando em busca de uma presa. Neste caso, seria uma tigresa - retificou. - E não o digo porque eu não goste da vista.

- Não, não quero me sentar - replicou Daphne. - Estou muito zangada.

- Vá! Não parecia absolutamente zangada na entrada.

- Deixa de me provocar, quer? Você compreendeu seu plano. Mas, o que acontece comigo? Supõe-se que devo me jogar em seus braços e te suplicar que se case comigo? Nem sequer eu gosto.

- Acredito recordar - disse enquanto a olhava - que lhe tinham definido como uma jovem extremamente tímida. E até agora não vi nem um vislumbre desse acanhamento.

«Salvo quando te atraí junto a mim para medir sua estatura», pensou.

Daphne se aproximou dele, as mãos na cintura e a cabeça inclinada para um lado.

- Tem razão - admitiu, perplexa. - Sou terrivelmente tímida. Ao menos isso havia acreditado sempre. O tio Clarence sempre me chamava sua vergonhosa pavo real. Não o entendo...

- Suponho que romper o gelo sob uma identidade falsa, se fazendo passar por sua prima Lucinda, terá-te ajudado. Depois estava tão zangada que esqueceu a antiga Daphne. A propósito - acrescentou, - o tio Clarence era um completo idiota e um louco.

- Mas, por que redigiu semelhante testamento? - perguntou com o cenho franzido. - Suponho que sabia que não estava casado, mas seguro que tem um montão de amigas e pretendentes na América.

- Sim, é certo - admitiu. - Mas nada sério. Não cabe dúvida de que o velho me investigou a fundo. Queria assegurar-se de que houvesse uma inglesa na descendência que ocupasse seu lugar no Asherwood Hall. Suponho que você é britânica, não?

- Sim, cem por cem inglesa - assentiu e se deixou cair em uma cadeira, as

pernas cruzadas. - O que vamos fazer?

A verdade é que deveria me largar do Asherwood Hall e da Inglaterra o antes possível. Brant acariciou esse pensamento enquanto afastava o olhar das pernas de Daphne. Mas optou por guardar a calma.

- Não nos preocupemos por isso agora. Acabamos de chegar - disse Brant. - Possivelmente possa recrutá-la para que me ajude nos acertos da casa. Ainda fica muito trabalho pendente.

- A casa da Lucinda? Por que teria que me incomodar? Mal seja sua a converterá na Reserva Nacional. Ou a venderá.

- Pode ser que tenha razão - apontou Brant. - Mas, mesmo assim, não tenho que estar de volta nos Estados Unidos até dentro de um mês. E me diverte trabalhar na restauração da casa. Além disso, apostaria algo a que tem um montão de idéias.

- Por que apostaria alguma coisa?

- Você adora esta casa - disse simplesmente. - Seguro que tem suposto para ti uma verdadeira tragédia assistir ao progressivo abandono da mansão.

- Eu mesma plantei as rosas do jardim traseiro - disse Daphne. - Agora não resulta muito chamativo, mas espera a ver como floresce na primavera.

- Raízes - indicou Brant.

- Sim, claro que as rosas têm raízes - afirmou Daphne.

- Não - meneou a cabeça, - refiro-me a que suas raízes estão aqui. Pertence a este lugar. Todos temos raízes em alguma parte.

- E as tuas estão nos Estados Unidos, não é certo?

- Não estou muito seguro. A verdade é que agora mesmo não estou seguro de quase nada. Está pronta para engomar a orelha?

- Para que?

- Para ir dormir.

- Sim - disse sem a menor astúcia, - me encantaria me deitar. Foi um dia terrivelmente instrutivo, não te parece?

- Muito revelador, diria eu - assentiu Brant e acrescentou. - A propósito, não saberá onde posso encontrar peças de reposição para as armaduras?

- Eu mesma me tornei louca com essa mesma pergunta durante anos! - disse Daphne depois de uma gargalhada espontânea. - Disse ao tio Clarence que queria utilizar peças soltas para montar uma armadura completa. Mas não me deixou, certamente.

- Que se foda o tio Clarence!

- E isso o que significa?

- Significa que está bem onde está e que prefiro me esquecer dele.

- A verdade é que os americanos têm uma maneira muito curiosa de se expressar - assinalou Daphne com um sorriso. - Utilizam um montão de vezes a mesma palavra com um significado distinto cada vez. Como consegue não se enrolar?

- A verdade é que essa expressão em particular tem muitos significados - disse Brant. - E há um principal que está por cima do resto.

- E qual é?

- Pode - replicou lentamente - que lhe explique algum dia.

Capítulo Seis

- E você teve a ousadia de criticar minhas calças jeans?

Daphne ficou parada na soleira da sala das armaduras, com um pé no alto, ao escutar a voz tinta de ironia do Brant.

- Oh, vá - murmurou. - Não teria que ter utilizado aquilo como um insulto.

Sentiu a necessidade de cobrir-se de algum modo, mas não sabia onde pôr as mãos.

- Não - disse Brant, - tem razão.

Seu olhar percorreu o corpo de Daphne, do volumoso pulôver de algodão cor nata até os jeans de desenho que usava. Claro que, se o pensava duas vezes, teria resultado mais exato referir-se a eles como uma segunda pele. Estava estupefato. As pernas intermináveis, a figura perfeita... sacudiu a cabeça.

- Está pronta para o café da manhã? - perguntou de repente.

- Possivelmente a senhora Mulroy não sirva os bolos que me preparou ontem à noite - aventurou Daphne depois de assentir à proposta de Brant.

- Deus nos ajude!

- Talvez preparou umas salsichas, algum prato combinado - disse Daphne.

- E uns ovos com toucinho? - sugeriu Brant.

- Impossível! Muito provinciano. Preferiria anjos a cavalo.

- De acordo - aceitou Brant. - Esta vez me pilhou. O que são os anjos a cavalo?

- São ostras envoltas em bacon. Mas se, em lugar de ostras, troca o cheio por passas e molho picante, tem demônios a cavalo.

- E que tal uma combinação de ambos? Muito do um ou do outro poderia resultar aborrecido - disse Brant.

- Tenho a impressão de que já não está falando de ostras - disse Daphne.

- É verdade. E você não resulta nada aborrecida. Absolutamente.

- E tampouco sou tímida - acrescentou, depois de lhe dedicar um sorriso franco, com orgulho e pestanejou um par de vezes.

Brant desejava beijá-la, deslizar suas mãos sobre seu traseiro e por debaixo de seu pulôver. Queria...

- Vá - disse em voz alta com desgosto, - mais torradas.

- Cale-se - disse Daphne entre risadas. - A senhora Mulroy pode te ouvir. Ela o tenta com toda sua boa fé.

- Acredito que a nova cozinheira chega hoje, afortunadamente - disse Brant. - Winterspoon se comprometeu em ir procurar na estação de trem. Depois poderemos comer até arrebentar.

- Não, não poderemos. Se o fizermos não seremos capazes de entrar em nossos respetivos jeans. A tia Cloe me avisou que somente poderia beber chá enquanto usasse calças.

- É uma boa medida - admitiu Brant, que não teve dificuldade em imaginar ao Daphne sem aquelas calças.

- Está chovendo - assinalou Daphne enquanto olhava pela janela.

- Temos muito trabalho na sala das armaduras - disse Brant. - Está preparada para tentar montar todas as peças de uma armadura completa?

- Eu adoraria - disse, enquanto molhava a torrada em chá com leite.

- O que te ocorre? - perguntou Brant depois de um silêncio. - Os jeans lhe apertam muito?

- Trata-se da Lucinda - disse com um tênue sorriso. - Possivelmente não deveríamos trocar nada posto que Asherwood Hall será seu em pouco tempo.

- Aí fica dito - assentiu e acrescentou subitamente. - Eu gosto de seu cabelo.

Ela insinuou um sorriso de agradecimento, animada pelo galanteio.

- E a cara recém lavada.

- Quer dizer que pareço uma estudante afetada e brega - disse Daphne.

- Não era essa minha intenção - negou Brant com a cabeça. - A verdade é que eu não gosto demasiado da maquiagem nas mulheres. E você é afortunada porque não o necessita.

- Frisei-me um pouco as pestanas - disse Daphne e levantou o queixo. - A tia

Cloe diz que me favorece.

- Teria que te olhar mais de perto para dar um veredicto confiável.

Daphne recordava perfeitamente os instantes em que o tinha tido junto a ela a noite anterior. Sua respiração se acelerou.

- Está rindo de mim - disse em uma repreensão.

- Claro que não. Só intento que não perca sua auto-estima - indicou Brant, que desejava que Daphne perdesse as calças.

Como era possível que estivesse tão excitado? Daphne era um nome ridículo. Não cabia dúvida de que era uma garota encantadora, mas Marcie tinha seus mesmos atributos. Uma figura perfeita, um rosto ideal... e estava muito segura de si mesma.

- Brant, no que consiste o futebol?

- Bom, o futebol e o beisebol são os esportes mais populares dos Estados Unidos - explicou com um sorriso. - Parece-se bastante ao rugby, embora desconheça as regras.

- Eu também, assim estamos empatados nisso - disse Daphne. - Mas, o que faz quando joga futebol?

- Sou o organizador do jogo - disse, incapaz de encontrar as palavras para explicar o mecanismo do esporte. - Escuta, Daphne, acredito que o melhor será que chame a minha mãe e lhe peça que me envie um par de fitas gravadas com minhas partidas. Seguro que podemos alugar um equipamento para vê-lo aqui.

- Pois claro. Isto não é a selva, Brant. É famoso? Igual a uma estrela de cinema? - perguntou Daphne.

- Bom, sou bastante bom em meu posto.

- E você adora jogar, verdade?

- Sim, muitíssimo. Mas estou ficando velho.

- Velho? Que absurdo! Quantos anos tem? Trinta?

- Trinta e um. Mas no futebol essa idade começa a pesar. É um esporte de contato muito duro. Cada dia sou mais velho e meus rivais são mais jovens. Mal posso jogar mais quatro ou cinco temporadas mais, sempre que as lesões me respeitem.

- Lesou-se alguma vez?

- Não há nada que faça mais feliz à equipe contrária que lesar ao organizador - indicou Brant com um sorriso. - Seu objetivo é que minha equipe não ganhe metros. Se puderem enterrar-me sob uma pilha de homens, muito melhor. Mas meus

homens me protegem.

- Parece um confronto entre romanos e cristãos - disse Daphne.

- Até certo ponto - concordou Brant. - No princípio de minha carreira jogava em uma equipe bastante fraca e passava quase toda a temporada machucado. Suponho que te resulta complicado entendê-lo sem fazer uma ideia clara. Explicarei-lhe isso quando recebermos os filmes, de acordo?

- Enquanto você jogava e ganhava dinheiro - suspirou Daphne - eu me apodrecia aqui dentro e me perguntava o que faria quando o tio Clarence passasse desta para a melhor.

- Ainda lhe pergunta isso?

- Claro que sim. Quinhentas libras não duram para sempre - disse Daphne. - E não tenho nenhuma preparação para o trabalho.

Em sua voz não se detectava comiseração, tal e como teria suspeitado Brant, a não ser a certeza dos fatos provados.

- Certamente se case com algum inglês de boa família - indicou Brant.

- Sentirei falta de meu jardim de rosas - disse Daphne, que tinha ignorado as palavras do Brant por completo.

- Eu gostaria de ver esse jardim algum dia - disse Brant. - Terminou o café da manhã? Está pronta para enfrentar às armaduras?

- Adiante!

Trabalharam toda a manhã na assembléia das armaduras. Ao meio dia tinham conseguido montar um total de meia dúzia de armaduras completas. As risadas haviam chegado até os ouvidos da senhora Mulroy, que tirava o pó à entrada e que tinha sorrido com benignidade.

- Tem um pouco de carvão na cara - Daphne levantou a mão e limpou a bochecha do Brant com a gema de seus dedos.

Brant sentiu um alarmante desejo ao sentir o contato de seus dedos sobre sua pele. Estava tão perto que podia ver as lentes de contato. Lentamente, levantou a mão e acariciou a juba loira do Daphne. Era sedoso, suave e firme. Daphne deixou cair sua mão. Olhou-o e em sua expressão podia ler a confusão extrema em que se achava.

- Só estava comprovando se tinha carvão no cabelo - desculpou-se e deu um passo pra trás.

- Em meu cabelo?

- Nunca se sabe - disse e se estirou. - Estou preparado para fazer um pouco de exercício. O que me diz, Daph?

- Daph? É um apelido comum nos Estados Unidos?

A voz do Daphne estava entrecortada. Estava absorta nos músculos que se desenhavam nos braços do Brant enquanto este estirava seu corpo.

- Não, é minha coisa. Nunca antes havia conhecido a nenhuma garota com seu nome. Já quase deixou que chover. Por que não procuramos um guarda-chuva e me mostra o jardim de rosas?

- De acordo - concordou ela. - Voltarei em seguida.

Brant ficou com o olhar fixo em seus quadris ondulantes enquanto se afastava graciosa-mente da sala. Daphne o encontrou minutos mais tarde no salão Dourado, frente à chaminé.

- Estou preparada - disse.

Brant se voltou e ela viu que sustentava entre suas mãos o espantoso retrato.

- Acredito que já podemos queimá-lo - disse com calma.

- Mas temo que ela ainda existe - apontou Daphne.

- Seriamente? - estendeu a fotografia para Daphne que, depois de uns segundos, começou a rir para deleite do Brant.

- Deus santo! - disse Daphne e olhou ao Brant com os olhos sorridentes. - Miúdo cão!

Passaram a tarde sentados sobre o tapete, em frente à chaminé. Era muito acolhedor, íntimo e caseiro.

- Já falei com minha mãe. Enviará um par de filmes por correio urgente. Quer um pouco mais de conhaque?

- Acredito que já estou um pouco enjoada. Será melhor que não beba mais.

- Eu gosto de seu vestido - disse Brant. - Sim, já sei. A tia Cloe insistiu em que os objetos de seda cor pêssego lhe favoreciam.

- É seda pura. O primeiro objeto de seda que tenho. E sim, senhor vaidoso, a tia Cloe insistiu. Eu não deixava de pensar que era demasiado...

- Atrevido? Revelador?

- Não estou acostumada a me exhibir além de certo limite - e cobriu com uma mão o pronunciado decote em forma de v.

- Não faça isso - disse e tomou sua mão até que a soltou sobre seu regaço. - Não sou mais que um homem de gostos singelos e obtenho prazer com a vista.

Ela avermelhou, envergonhada, entre agradada e confusa por sua atitude e suas palavras. Brant pensou que se estava comportando como um verdadeiro imbecil. Não pensava em seduzi-la. Não haveria nada mais estúpido que isso. Ela não era dessa classe de mulher. Era exageradamente inocente. E Brant pensava abandonar a Inglaterra breve. E já não veria mas ao Daphne, nem seus peitos incríveis nem aquelas adoráveis pernas...

- Tem irmãos ou irmãs? - perguntou Daphne e se virou para ele, de modo que seus peitos ficaram apontando para ele.

- Uma irmã - disse e se apoiou na cadeira. - Chama-se Lily e é todo um caráter. Também tenho dois sobrinhos e uma sobrinha. Todos vivem no Texas com seu novo marido. É um magnata do petróleo. Teve alguma vez uma mascote?

- Sim, mas era uma menina.

- Bom, pois Lily é um pouco parecido a um mascote para o velho Dusty. Ela necessitava alguém que a controlasse em seus excessos, um patrão antes que um verdadeiro marido. E ele aceitou a provocação.

- Cada vez me fascina mais o modo em que lhes expressam os americanos - assinalou Daphne. - Crie que demoraria muito em aprender a falar como vocês?

- Isso dependeria muito de quem fosse seu professor, temo.

- Disse que pensava retornar para casa dentro de um mês. Vai jogar futebol?

- Não, ainda não começou a temporada. Os treinamentos não começarão até o verão - disse Brant. - Vou rodar um anúncio para a televisão.

- Sério? Vá, estou impressionada. E o que vai anunciar?

- Equipamento esportivo - respondeu Brant. Daphne se ajoelhou e posou as mãos sobre suas coxas.

- Quer que te conte um segredo, Brant? - Brant arqueou uma sobrancelha e se obrigou a sustentar o olhar do Daphne. - É sobre minha tia Cloe. Não tem que lhe dizer que eu lhe hei isso dito, mas adora os homens jovens. Recordo que quase se deprime quando viu um poster de um esportista americano usando roupa interior.

- E você também esteve a ponto de perder o sentido, Daph?

- Eu estava muito ocupada demais com sua reação. Quando compreendeu que me tinha dado conta, afugentou-me com um montão de dramalhões -sorriu com certa malícia. - Não posso esperar a ver sua reação quando te conhecer.

- Deveria saudá-la em roupa interior?

- Seguro que adoraria, mas possivelmente não seja tão boa ideia.

- Já imagino os titulares na imprensa: «Visconde detido por exibição indecente

e a tia Cloe internada por causa de fortes palpitações».

Daphne seguia renda-se quando ficou de pé.

- Bom, não demoraremos para saber o que opina de você. Não deveria demorar para chegar. Agora, lorde Asherwood, acredito que vou retirar-me a meus aposentos. A cabeça me dá voltas por culpa desse diabólico conhaque.

- Acompanharei-te - apoiou sua mão no ombro do Daphne quando chegaram ao quarto. Você gosta de montar a cavalo?

- É obvio. Toda mulher inglesa que vive no campo é uma perita amazona.

- Bem. Se deixar de chover e não faz demasiado frio, você gostaria de ir dar um passeio amanhã pela manhã?

- Eu adoraria. Inclusive estrearei meu traje de amazona.

- Uma sugestão da tia Cloe, certamente.

- Não, esta vez fui eu quem insistiu. Não posso imaginar montar a minha querida égua Julia com essas calças jeans.

- Eu sim - disse Brant, acariciou a Daphne na bochecha e se afastou pelo corredor.

Capítulo Sete

- Querida, que alegria voltar a vê-la! Vá, já não parece uma menina. O que te passou?

- Olá, Lucinda - respondeu Daphne sem muito entusiasmo enquanto sua prima a abraçava. - Este é Brant Asher, o novo visconde de Asherwood.

Estava reagindo ante ele tal e como a própria Daphne teria feito se houvesse o sabido quando o conheceu. Sentia um certo ressentimento.

Lucinda pensou que era um homem incrivelmente bonito enquanto estreitava sua mão, embora seus olhos estavam abertos e percorriam admirativamente cada centímetro de seu corpo.

- Bem-vindo, senhor, a Inglaterra e à mansão Asherwood - disse Lucinda como se ela fosse a rainha do castelo.

- Muito obrigado, Lucinda. Posso chamar-te por seu primeiro nome?

- Certamente, Brant. A pequena Daphne já te mostrou os arredores?

- Estivemos passeando a cavalo, Lucinda, se referir a isso - explicou Daphne, que não podia reprimir um sentimento de ódio para sua prima.

- Pois sim, querida, referia-me exatamente a isso - respondeu Lucinda sem apartar os olhos do Brant. - Espero que não se importe que tenha vindo sem prévio aviso.

- Posto que Asherwood Hall será teu, Lucinda, breve. Como teria que importar-nos? - perguntou Daphne.

- Ah, sim - exclamou Lucinda. - O testamento.

- O que lhes parece se entrarmos, senhoritas? - propôs Brant.

Brant pensou que teria podido resultar extremadamente divertida uma conversa no salão enquanto tomavam chá se não fosse porque Daphne se estava desmoronando por segundos. A verdade era que Lucinda não se mostrou grosseira com ela. Ao contrário, tinha demonstrado uma certa condescendência. Era como se, em efeito, estivesse tratando com uma menina pequena.

- As mudanças que introduziu na casa, as inovações, são muito notáveis - admirou Lucinda enquanto bebia seu chá. - Este velho casarão recuperou todo seu esplendor. Daphne, carinho, me dê uma bolacha? Obrigado, céu. O caminho de entrada ganhou muito. E seu trabalho na sala de armaduras é digno de um artista.

- O visconde é muito criativo - apontou Daphne.

- Um comentário encantador - sublinhou Lucinda enquanto não tirava olho de Brant.

- Suponho que veria o senhor Hucksley em Londres, verdade?

- Sim, certamente. Tudo isto resulta bastante peculiar, não crie? Não deve preocupar-se por nada, querida - e golpeou com ternura o dorso da mão do Daphne.

- Encarregarei-me de pôr cada coisa em seu lugar. Pensei muito nisso durante o caminho. Poderia ir à escola de comércio ou tentar a sorte em decoração de interiores. Isso você gostaria, verdade? Bom, também está o mundo das finanças. Estou segura de que seria uma secretária de primeira.

- A verdade - disse Daphne fazendo provisão de todas suas forças - é que estava pensando em me iniciar como modelo.

- Vá, querida, uma ideia notável!

- Não tão notável - replicou Daphne com contenção. - Ainda tenho que pensar muito na maneira de dar esse passo.

- Bom, suponho que tem razão. A verdade é que teria que verte com um vestido. A roupa de montar a cavalo é um pouco reduzida, não lhes parece?

- Acredito, senhoritas, que é a hora do almoço - disse Brant enquanto se levantava.

Olhou a Daphne, mas ela não tirava os olhos da Lucinda, que escrutinava com insistência o zíper das calças jeans do Brant. Ante a perspectiva de outra comida insípida e pouco apetitosa. Brant suspirou resignado.

- Acredito que a nova cozinheira chega esta tarde - assinalou.

- Não tem importância - assinalou Lucinda. - Desse modo guardaremos a linha, verdade, querida?

- Certamente - assentiu Daphne.

Depois de vários minutos de um silêncio beatífico, Lucinda voltou para a carga.

- Quanto tempo ficará no Inglaterra, Brant?

- Outro mês, possivelmente menos.

- Pareceu-me entender pelas palavras do senhor Hucksley que é esportista.

- Sim, sou jogador de futebol profissional nos Astros de Nova Iorque.

- Impressionante! Certamente tem o corpo para um trabalho como esse.

Seguro que se sente muito a gosto com seu recém adquirido título - Daphne quase se engasgou com a sopa. - Também ouvi que tem uma amiga especial que te está esperando em Nova Iorque. Uma mulher independente com uma grande carreira pela frente.

Brant sentiu a tentação de responder que tinha mais de uma amiga, a qual mais deslumbrante, esperando-o em Nova Iorque. Mas era consciente do olhar de ansiedade de Daphne, que procurava uma resposta em seu rosto.

- Tenho sorte de ter um montão de amigos em Nova Iorque, tanto homens como mulheres - assinalou com calma.

- E todos eles americanos - acrescentou Lucinda. - Seguro que se sente um pouco estranho aqui.

- Absolutamente - replicou com agrado, consciente da Lucinda que estava jogando com dois baralhos. - Embora tenho que admitir que Daphne me está ajudando muito nesse campo para me integrar o antes possível.

- Daphne? - Lucinda arqueou as sobrancelhas com incredulidade por cima de seus incríveis olhos azuis.

- Sim - apontou Daphne com prazer. Eu também acredito que Brant encaixa perfeitamente com seu novo título.

- Minha querida pavo real, assim a chamava o tio Clarence, está transformando-se diante de meus olhos - disse Lucinda com uma risada alegre. - O que te tem feito nos olhos, querida?

- Simplesmente os tenho aberto e agora vejo as coisas com mais clareza.

- Estou muito orgulhosa de ti, querida - voltou-se para o Brant. - Falei de Daphne a meu marido e estaria encantado de conhecê-la e ocupar-se dela.

- Chega um pouco tarde, Lucinda - disse Daphne. - A tia Cloe já se ocupou de tudo.

- Vá, querida - a senhora Sparks. Suponho que não demorará para aparecer - assinalou Lucinda. - Quererá vigiar de perto seu investimento.

- Se me desculparem um momento, senhoritas, queria procurar alguma solução para a porta principal - indicou Brant. - Estão um pouco curvadas por causa da umidade.

Daphne o seguiu com o olhar enquanto saía do salão. Sentou-se muito ereta ao escutar a voz esganiçada de sua prima.

- Uma tentação, Daphne. Mas, suponho que terá um pouco de orgulho?

- A que se refere, Lucinda?

- Bom, não estará disposta a se casar com um homem que somente te deseja para conseguir a herança do Asherwood Hall e uma certa quantidade de dinheiro. Uma soma de dinheiro mais que respeitável, por certo.

- E por que não? Afinal, a alternativa tampouco resulta muito atraente. Secretaria? - Daphne tinha avermelhado. - Chamarei à senhora Mulroy para que te indique seu quarto.

- Um casamento de conveniência. Um pensamento embaraçoso.

- Não é isso exatamente o que você fez em três ocasiões?

- Pois não, querida, não exatamente. Meus três maridos eram muito viris. Igual a Brant. Estou segura que sabe como conquistar a uma mulher, não te parece?

- Me desculpe, Lucinda.

- Não o esqueça, Daphne - disse Lucinda em voz alta. - Brant é um homem muito experiente com as mulheres. Espero que não ponha em ridículo diante dele. Viu as olhadas. Acaso não te seduziu um pouco desde que está aqui?

Daphne sentiu vontade de responder que se havia limitado a procurar que ela se sentisse a gosto consigo mesma. Saiu do salão e subiu diretamente a seu quarto para trocar-se. colocou os jeans e um pulôver. Depois se reuniu com o Brant na entrada principal.

- Sobreviveu à primeira salva? - perguntou Daphne e em seguida mordeu o lábio inferior. - Necessita dinheiro, Brant?

- Isso sim que é uma pergunta direta - contestou Brant. - Não, a verdade é que

não. Tenho bastante dinheiro, graças a Deus.

- Mas tenho entendido que, para os americanos, o dinheiro é uma espécie de religião. Nunca lhes cansam de ter mais e mais.

- Não tinha nem ideia de que existisse essa imagem dos Estados Unidos - replicou Brant. - Já sabe que a soma da herança é de quatrocentas mil libras. Isso supõe quase meio milhão de dólares. É muito dinheiro. Passe-me essa parte da lixa.

- Isto? Lucinda é muito atraente, verdade?

- Sim, em efeito. Que idade acha que tem?

- Ao redor dos trinta.

- Me escute, Daph. Dependendo do que você e eu decidamos, tem à vista um patrimonio impressionante. Não tire isso de sua mente. Certamente você faria o mesmo se estivesse em sua posição - sorriu. - Claro que não tão bem.

- E por que me sinto como uma menina de treze anos outra vez?

- É muito boa. Por que não se senta e desfruta com o espetáculo de suas maquinações? Possivelmente aprenda alguns truques úteis.

- É um cínico.

- Um pouco, suponho. Somente quero que aprenda a utilizar suas armas em vez de ficar na defensiva. Tem muitas qualidades - afirmou Brant.

- Em outras palavras - disse Daphne lentamente, - quer manter a incerteza?

- Não o tinha pensado. Mas poderia ser divertido. E não se preocupe por seu futuro, Daph. Não permitirei que passe fome. Ocupar-me-ei pessoalmente de que tenha todo o necessário, seja qual seja sua decisão.

- Fantástico - murmurou em voz baixa. - Não, Brant, muito obrigado. Acredito que já está na hora de que me ocupe de meus próprios assuntos.

Daphne se afastou. Escutou como cessava o ruído da lixa contra a madeira e soube que Brant a estava olhando.

Se Brant se sentia como o prato principal ante o olhar de Lucinda, ante os olhos da tia Cloe teve a impressão de passar por uma sobremesa gulosa.

Tinha-o examinado de cima abaixo com muito detalhe e um olhar de devaneio. Brant tinha apreciado, desde sua posição na mesa enquanto desfrutavam de sua primeira refeição em condições preparada pela senhora Woolsey, que se tratava de uma mulher grande, com caráter, nariz e queixo pronunciados e uns olhos azuis muito penetrantes. Cada vez que se posavam sobre ele refulgiam com um olhar especulativo. Levava o cabelo recolhido em um coque clássico. Seu senso

de humor era seco. Tinha um sorriso encantador e uma bonita voz. Estava relatando sua viagem.

- Paris foi uma autêntica delícia. Apesar do céu encapotado e a persistente chuva, desfrutamos de muito. Mas é agradável retornar ao lar, ao seio da família. Devo dizer, Brant, que é exatamente tal e como te tinha imaginado.

- Confio em que suas expectativas não fossem muito altas, tia Cloe - respondeu Brant com um sorriso.

Tinha chegado apenas três horas depois que Lucinda. perguntou-se se a haveria seguido, consciente de que faria todo o possível para incomodar a Daphne.

- Meu querido moço - exclamou Cloe, que desejou ter trinta anos menos. - Quando vive tanto como eu, aprende a ser prudente em suas expectativas. As fotografias ajudam a formar uma ideia. Mas tenho que dizer que está muito elegante para a ocasião e o celebro.

- Ficaré muito tempo, tia Cloe? - perguntou Lucinda. - Seguro que tem um montão de assuntos que tratar no Glasgow.

- Teria sido um excelente franco-atirador durante a guerra, querida. É precisa e tem pontaria. Bom, acredito que irei em visita os Estados Unidos. Mas esperarei a que Daphne esteja convenientemente instalada, certamente.

Brant piscou ante o duplo sentido das palavras de Cloe. Lucinda se limitou a chiar os dentes.

- Isso não levará muito tempo, tia - disse Daphne.

- Sim - disse Lucinda. - Todos vamos trabalhar para que se mude para um apartamento em Londres. Não levará muito tempo.

- Pode serque aprenda um pouco de carpintaria - assinalou Daphne. - Hoje ensinaram-me a lixar uma porta de madeira.

- E também - apontou Brant - poderia trabalhar para o Museu Britânico e se encarregar de sua coleção de armaduras.

- Teria imaginado que tinha sido sua ideia, Daphne - disse Lucinda.

- Bom, não sei - interveio Brant. - Eu suspeito que o novo proprietário do Asherwood Hall poderiam lhe fascinar as antiguidades.

- Sem dúvida, querido - apostilou Cloe com um sorriso.

- Mas alguma vez se sabe, não é certo? - disse Brant.

Em seguida se arrependeu de seu segunda intervenção. Lucinda lhe dirigiu outro de seus sorrisos únicos, tremendamente íntimos. Brant sopesou a ideia de fechar com chave seu dormitório essa noite. Concentrou-se na refeição saborosa

enquanto assistia ao combate dialético entre Lucinda e Cloe.

- Como é que deixou a seu terceiro marido, querida?
- Simplesmente, deixei-o. Jurei que já sabia, tia Cloe.
- Os alemães são pessoas dominantes e muito agressivas, não é certo?
- A verdade é que, no fundo, Carl era um céu - Lucinda olhou ao Brant. - Mas era muito velho para mim. Sua filha teria a idade de Daphne e seu filho, Dieter, era um jovem muito possessivo.
- Era da mesma idade que Brant?
- Um pouco mas velho, acredito. Somente espero que não me tenha seguido até aqui.

Brant estudou a Daphne. Estava jogando com a comida. Parecia desinteressada, mal tinha comido e não abria a boca. Assumia que se encerrou na antiga Daphne. Tinha vontade de sacudi-la para obrigá-la a reagir. Queria abraçá-la e confortá-la de algum modo. Mas não podia fazer isso. Sabia que o mais sensato seria ir embora na primeira hora da manhã.

- Eu diria que foi um jantar sublime - disse a tia Cloe. - Podemos passar ao salão para tomar café?

Cloe só pensava em reunir-se a sós uns minutos com Daphne, enquanto via como sua querida sobrinha arrastava os pés igual a uma prisioneira em galeras. Tinha que fazê-la entrar em razão de uma vez por todas. Mas, para sua surpresa, Brant exclamou.

- Daphne e eu não poderemos lhes acompanhar esta noite. Vamos ao povoado para ver um filme. Está preparada, Daphne?

Daphne congelou, paralisada, enquanto tratava de discernir se tudo tinha sido uma miragem. Estava claro que Brant tinha ido em sua ajuda. Voltou-se e o olhou com um sorriso deslumbrante.

- Vou por meu casaco - disse e saiu disparada escada acima.
- Espero que poderão nos desculpar, senhoritas, por as abandonar na primeira noite.
- Não importa, querido - disse Cloe. Não importa.

Lucinda parecia zangada, mas foi só um momento. Em seguida adotou um ar de fingida resignação.

- Suponho que alguém deve manter sua palavra - disse. - É muito amável por sua parte ocupar-se de Daphne com tanta dedicação.

Daphne estava olhando-se no espelho. Estava tratando de convencer-se de

que não tinha nada que desmerecer ante a Lucinda nem qualquer outra mulher. Entretanto, no vestíbulo, encontrou a Lucinda do braço dado com Brant, rindo agradada. E ele estava devolvendo o sorriso.

- Vá, já está aqui, querida! - e Lucinda se voltou para dedicar um olhar admirativa a sua prima. - Um casaco muito bonito. A lã é uma malha muito confortável e o marrom é uma cor muita sofrida, sem dúvida. Não a deixe ficar até muito tarde, Brant.

Daphne se sentiu ferida ante as palavras da Lucinda. Ela já não era uma adolescente nem essa era sua primeira saída noturna. A tia Cloe se despediu de sua sobrinha com um abraço e aproveitou o momento para lhe sussurrar ao ouvido.

- Não preste atenção a nada do que diz, querida. Está arrebatadora, não permita que engane a esse respeito.

- Está preparada?

- Sim. Boa noite, Lucinda, tia Cloe.

- Sempre me gostaram das coisas resistente - disse Brant junto ao carro, em uma noite um pouco fria com a lua crescente. - Importar-te-ia conduzir, Daphne? Ainda não me sinto seguro ao conduzir pela esquerda.

- Faz uma noite preciosa - disse Daphne enquanto ocupava o assento do condutor, mas Brant se limitou a suspirar. - Que ocorre, Brant? Muito fogo cruzado?

- Você o afirmou - disse com os olhos fechados. - Nunca antes me havia sentido como um pato em plena caçada.

Daphne pensou com certa lástima que ela era um dos caçadores. Estava convencida de que Brant as desprezava a todas.

- Que filme quer ir ver? - perguntou sem cair na conta que havia somente um cinema no povoado.

- Ligue o aquecimento e vamos estacionar.

- Estacionar? Quer que pare o carro?

- Sim - disse com um olhar preguiçoso. - Busca algum lugar agradável com uma bonita vista e para o carro. Já te disse que não caia nas provocações de Lucinda.

- Suponho que me convidou a sair para que deixasse de me pôr em ridículo - aferrou-se ao volante. - Dava-te lástima.

- Não, sentia lástima por mim. E você é uma parva encantadora.

- Vá! Eu pensava que aos homens adoravam chamar a atenção de todas as mulheres - atacou Daphne.

- Bom, ao menos recuperou sua afiada língua comigo - ela o olhou com desagrado. - Também te convidei para ajudar-te a pensar. Agora vejo que presta atenção. Pode parar o carro aqui mesmo.

Ela obedeceu e desligou o motor. Detiveram-se no alto de uma colina que dava diretamente ao rio Wey. Estavam rodeados de faia.

- Agora se volte e me olhe. Tenho muitas coisas que te dizer - disse Brant.

- Fala igual ao tio Clarence - disse em um tom muito desagradável.

- Seriamente? Pois contra seu costume eu não vou obrigar te a fazer nada que você não queira fazer. Bom, possivelmente isso não seja de tudo certo. Por que se encerraste em si mesma outra vez? Pensava que tudo isso já tinha ficado para trás - ela o olhou, mas não encontrava as palavras para expressar suas emoções. - Como espera ir em frente se não poder enfrentar a toda classe de gente, e isso inclui mulheres que querem te dominar?

- Arrumar-me-ei isso - replicou Daphne. - Ademais, por que se preocupa?

- Às vezes acredito que sim necessitaria uma babá.

- As coisas mudaram agora que Lucinda está aqui - disse ela, surpreendida pelo aborrecimento do Brant. - Antes estávamos os dois sozinhos e...

- Daphne - a interrompeu com impaciência, - Lucinda pode ser muito divertida se for capaz de se sobrepôr a todos seus complexos frente a ela. Há um mundo há fora se ousar conhecer.

- Já está bem! - disse entre dentes. - Por que não me deixa sozinha? Não necessito que venha me dizer o que me passa. E não sinto nenhuma inveja de Lucinda.

Daphne girou a chave de contato e o motor rugiu em meio da noite. Mas de repente sentiu a mão do Brant sobre a sua e o silêncio retornou imediatamente.

- Maldita seja! - murmurou Brant e atraiu a Daphne para si até tê-la entre seus braços. Daphne estava tão surpreendida que não resistiu. Abriu a boca para dizer algo, mas nesse instante os lábios do Brant cobriram os seus. Ela ficou rígida imediatamente e Brant diminuiu a pressão. Deslizou delicadamente a ponta de sua língua sobre seu lábio. Sua mão acariciava suas costas de cima abaixo.

- Tem sabor de bolo de carne - murmurou Brant junto a sua bochecha.

Voltou a beijá-la muito brandamente, com pequenas dentadas, até que Daphne começou a relaxar e a responder a suas carícias.

- Isso - disse Brant. - É uma mulher preciosa, inteligente e não quero que o esqueça.

«E é tão inocente que sinto que é injusto que esteja te beijando».

Brant soltou a Daphne e sorriu. Ela parecia confundida.

- Isto é o que os americanos fazem quando estacionam o carro - explicou.

- É... um pouco diferente.

- Parece que está sem fôlego. Tenta outra vez e procura te relaxar.

Ela o fez sem pensar em nada. Brant agia com supremo cuidado, consciente de que ela carecia da menor experiência. Não quis assustá-la nem intimidá-la. Manteve as mãos em suas costas e a beijou com delicadeza, sem exigências. De vez em quando deixava de beijá-la e apoiava sua bochecha contra a sua. Teve a impressão de que o pulso de Daphne se acelerou levemente.

Deslizou seus dedos entre a juba sedosa de Daphne. Era algo que tinha desejado desde a primeira vez que a tinha visto. Aspirou ao aroma de seu corpo.

- Quero fazer amor como você - Daphne ouviu-o dizer em voz alta.

- Quer dizer - disse ela de repente, totalmente perplexa - que quer te deitar comigo e....

- Não referia a isso - retificou enquanto amaldiçoava sua má cabeça. - Quero dizer que é uma pessoa maravilhosa e que pode conseguir tudo o que se proponha.

- E por que me beijou?

Quis gritar que o tinha feito porque estava muito excitado. Mas não era certo. Se tratava dela. Somente desejava a ela. Não tinha a menor ideia do que tinha motivado essa atração. Sua ideia de passar um momento agradável nunca tinha incluído uma jovem inexperiente, reprimida e insípida.

- Beijou-me porque acreditou que isso me faria ganhar confiança?

- Sim. Exato.

- Então Lucinda tinha razão - disse e se separou dele. - E eu sou uma estúpida.

- Ambos somos uns estúpidos - disse em um intento de romper a tensão. - E Lucinda só pode ter razão em uma coisa.

- Posso saber no que?

- Faz bem em te ter medo - disse enquanto estudava os traços de Daphne na penumbra. E tem motivos de sobra.

- Não acredito - sacudiu a cabeça com ceticismo e raiva. - Somos todas como galinhas brincando de correr ao redor do galo. Mas tenho a intenção de cuidar de mim mesma. Não quero seus conselhos, nem a ajuda da Lucinda ou da tia Cloe. O único que te peço, senhor, é sua negativa a se casar comigo. Desse modo conseguirei quinhentas libras em lugar de cem.

Brant apertou a mandíbula com irritação. Como se atrevia a revolver-se daquele modo contra ele e acusá-lo de ser um tipo vaidoso com seu próprio harém? Tão somente desejava ajudá-la, lhe mostrar que tinha muito que oferecer...

- Duvido muito que saiba o que fazer com esse dinheiro - disse muito devagar.
- É provável que nem sequer tenha visto um cheque em toda sua vida. Quer conseguir seu quinhentas libras, senhorita? Muito bem, pode contar com esse dinheiro.

Capítulo Oito

Brant abriu a porta de seu dormitório muito devagar e não se incomodou em acender a luz. Seguiu furioso com Daphne, um nome ridículo, por causa de suas estúpidas acusações. Mas, por que teria que preocupar-se? O que ela fizesse com sua vida nada tinha que ver com ele. Graças a Deus retornaria aos Estados Unidos muito em breve e se livraria de todo esse embrulho para sempre.

Acendeu um abajur vitoriano que estava na mesinha e que lançava sobre a sala uma luz mortiça de cor malva. De um modo quase mecânico começou a tirar a roupa. Ao menos Winterspoon não o estava esperando para ajudá-lo a tirar suas calças. Era o último que lhe faltava.

- Estava segura de que o título nobiliário te sentaria estupendamente - disse uma voz.

Os dedos do Brant se congelaram a altura da braguilha. Girou-se lentamente e descobriu a Lucinda, vestida com uma camisola de seda e um sorriso pícaro.

- O que você acha de um título e calças? - ironizou ele.

- Parece o título de um quadro - indicou ela. - A verdade é que poderia te emoldurar e te levar a Academia de Belas artes.

- O que está fazendo aqui, Lucinda? - perguntou com um sorriso.

Ela levantou os ombros e uma alça deslizou sobre seu ombro nu. Isso trouxe para a memória do Brant a cena com Marcie em seu banheiro, de pé na soleira da porta, quando terminou por não levar nada depois de que as duas alças se deslizassem sobre sua pele lisa.

- Me ocorreu, depois de te conhecer pessoalmente, que possivelmente existam outras alternativas além das que se contemplam no testamento - assinalou Lucinda.

- Será melhor que se explique.

- Você adora esta casa - disse e repetiu o movimento de ombros, mas felizmente a outra alça se manteve firme em sua posição.

- Sim, é certo - admitiu Brant. - Não estou seguro da razão, mas sinto que de algum modo a casa me estava esperando, igual a eu a necessitava a ela.

Era o que sua mãe insistia em chamar de raízes.

- A casa também necessita uma boa injeção de dinheiro para recuperar o esplendor de antigamente - apontou Lucinda com secura e lhe dedicou um olhar de estranheza.

- Isso é certo - admitiu Brant, consciente do trabalho pendente.

- Eu vou herdar a casa e uma bonita quantidade de dinheiro - disse Lucinda.

- Já entendo - assentiu Brant, que sabia que isso ocorreria se ele não se casava antes com a Daphne.

- Pensei que - Lucinda se mordeu o lábio inferior, um pouco vacilante - poderíamos unir nossas forças.

- Em que sentido, Lucinda?

- Possivelmente um bom começo seriam umas férias juntos na Riviera francesa - sugeriu Lucinda. - Possivelmente no Saint-Tropez ou Niza.

- Para nos conhecer melhor?

- Muito melhor. Temos que estar seguros de que podemos nos dar muito bem e que podemos formar uma equipe. Acredito que é um homem que sabe apreciar às mulheres que sabem o que querem. E é muito atraente, Brant.

«E seguro que melhoro muito se passeio contigo de braço dado».

- Obrigado - disse Brant.

Lucinda se aproximou, rebolando, até situar-se a pouco mais de um palmo dele. Brant seguiu seus movimentos felinos com cautela. Lucinda apoiou as mãos sobre seu peito nu.

- Muito agradável - murmurou e o acariciou brandamente.

Baixou uma mão até a cintura e introduziu os dedos por debaixo do elástico da cueca, mas Brant segurou sua mão e a afastou.

- Lucinda, não acredito que isto seja muito boa ideia - disse Brant.

- Por que não?

Ela deslizou a língua sobre seu lábio inferior e o umedeceu de um modo provocador. Brant queria dizer que não era boa ideia porque Daphne estava na casa e se chegava a inteirar-se, sentiria-se profundamente ferida.

- Dói-me a cabeça - indicou Brant de repente.

Lucinda prorrompeu em uma espontânea gargalhada, mas não se moveu de seu lado.

- Por que não pensa atentamente, Brant? Acredito sinceramente que poderíamos passá-lo em grande os dois juntos - disse Lucinda, mas ele guardou silêncio, e decidiu continuar. - Daphne é uma garota tipicamente inglesa. Acredito que é uma lástima que o tio Clarence a retivesse nesta mansão tanto tempo mas, o que podíamos fazer? A verdade é que me custa imaginá-la na Riviera. E nos Estados Unidos se sentiria totalmente perdida e seria completamente infeliz. Já sabe quão tímida é.

- Acredito que se desenvolveu muito bem na Grécia - apontou Brant sem especial ênfase.

- Não tem feito mais que obedecer as instruções da tia Cloe. Mas, você a imagina em seu mundo, Brant? Rodeada de seus amigos? Não encaixaria absolutamente.

Mas Brant sabia que Daphne não era nada tímida, ao menos até que Lucinda tinha aparecido. Desejava explicar a Lucinda que Daphne estava mais que preparada para fazer frente a qualquer eventualidade, mas sentiu as mãos da Lucinda sobre seus antebraços, abrindo caminho até seus ombros.

- Tenho a intenção de me ocupar da pequena Daphne. Não deveria se sentir culpado por nada - disse Lucinda.

Ficou nas pontas dos pés e o beijou. Brant sentiu a língua afiada de Lucinda lutando para vencer a resistência de seus lábios, a pressão do corpo da Lucinda contra o seu e reagiu instintivamente. Mas foi somente um momento. Tinha o pulso um pouco acelerado quando sujeitou a Lucinda pelas mãos e a separou de seu lado.

- Não há razão para que te deixe sozinho esta noite, Brant - disse Lucinda com doçura, os olhos brilhantes na penumbra.

- Acredito que não seria uma boa ideia - repetiu Brant, consciente de que não desejava fazer amor com Lucinda. - Acredito que deveria partir.

- Claro! Esquecia que te dói a cabeça. Pensará no que te disse, Brant?

- Pode estar segura.

Brant não se moveu até que Lucinda saiu de seu dormitório e fechou a porta.

- Aqui tem o café, senhor.

Brant abriu um olho e viu o Winterspoon junto à cabeceira com uma bandeja

nas mãos.

- Não parece que aprove meu café da manhã - disse Brant entre bocejos.

- Bom, é você americano, senhor.

- Assim é - incorporou-se na cama e se apoiou sobre o travesseiro. - Não tinha que me trazer o café da manhã à cama, Winterspoon. Podia ter descido a sala.

- Não acredito que isso tivesse sido uma boa ideia, senhor.

- Sabe algo que eu ignoro?

- Não duvido que existem muitas coisas que certificariam esse suposto, senhor, mas meu trabalho também consiste em evitar ao senhor... situações desagradáveis.

- Desagradáveis, né? Há uma briga de gatas na sala, não é isso? Um café delicioso. Realmente o necessitava.

- Uma briga de gatas, senhor? - Winterspoon repetiu com parcimônia e ironia.

- Eu não o teria expresso desse modo. Mas se se refere você às senhoritas, sugeriria-lhe que ficasse no quarto esta manhã.

- Tão mau é? O que podem estar fazendo?

- Parece-me, senhor - disse Winterspoon com calma - que a senhorita Sparks estava acusando à senhora Meitter de...

- Continue, Winterspoon.

- A senhorita Sparks viu a senhora Meitter entrar em seu quarto ontem à noite - e o tom um pouco zombador em sua voz foi recebido por um olhar de recriminação por parte do Brant.

- Já vejo - e de repente ficou sério. - A senhorita Daphne estava presente?

- Sim, senhor.

- Maldita seja! - afastou os lençóis e Winterspoon lhe ofereceu imediatamente um roupão para que se cobrisse.

- Preparei para você alguns pijamas, senhor - disse Winterspoon com o olhar fixo para Brant.

- Não suporto usar pijama - replicou Brant colocando o roupão e atando o cinto.

- Dei-me conta, senhor. O defunto lorde Asherwood sentia um grande apreço por este par em concreto. A verdade é que nunca chegou a estreá-los. Suponho que os reservava para uma ocasião especial. Prepararei-lhe um banho, senhor.

- Pagaria um bom dinheiro por uma ducha - disse Brant. - Quem gostaria de sentar em sua própria água suja?

- Não saberia responder, senhor. Que roupa precisa para hoje?

- Só meu jeans, uma camiseta e os tênis. Tenho muito trabalho pendente e não necessito um smoking - sentenciou Brant.

- Muito bem, senhor.

Trinta minutos mais tarde entrava em grandes pernadas na sala. Somente encontrou a Cloe que, obviamente, estava-o esperando.

- Bom dia - saudou Brant.

- Tão arrumado como de costume - disse Cloe.

- Não me deitei com a Lucinda.

- Seriamente? A atitude da Lucinda convidava a pensar o contrário.

- Disse-lhe que me doía a cabeça.

Cloe sentiu vontade de enfurecer-se, mas a teimosia com que o havia dito a obrigaram a soltar uma improvisada gargalhada.

- Não é certo! - exclamou assombrada. - Que maravilha! A isso eu o chamo de mudar os papéis.

- Estou perdoado?

- Se alguma vez o senhor Sparks - recordou enquanto sacudia a cabeça, - meu defunto marido, tivesse demonstrado um pouco desse sentido de humor... sempre que não queria fazer... Sim, moço, está perdoado. Sente-se. A senhora Mulroy te deixou o café da manhã preparado na mesa. Estarei encantada de te servir.

Sem deixar de rir, Cloe encheu um prato com ovos mexidos, bacon crocante e arenques defumados. Brant provou o pescado com certo temor e emitiu um assobio de aprovação.

- Estava-me falando do defunto senhor Sparks - recordou Brant com um sorriso.

- Não seja impertinente, moço - replicou ela. - E agora me diga o que pensa fazer.

- Vou pôr um papel novo nesta sala. Escolhi-o eu mesmo.

- Não me referia a isso - franziu o cenho. - Que cor escolheu? Algo alegre, espero. Sempre me aborreci com esta cor escura tão deprimente. Mas papai nunca me deu razão. E tampouco escutou os conselhos do Daphne.

- É um amarelo pálido, com listras brancas e azuis. Confio em que confira a sala um ar quente e caseiro. Algo que acompanhe as manhãs e os arenques. Onde está Daphne?

- Foi montar a cavalo - respondeu Cloe. - E seguro que faz desta sala um lugar

muito mais habitável.

- Não podia suportar a tensão?

- Se te referi com isso a se estava zangada, sim. Costuma sair para montar sozinha sempre que se zanga por algo. E é um hábito que deveria abandonar. Não é bom ruminar sobre as desgraças.

- E espera que eu me encarregue de romper esse costume, não? - disse Brant enquanto mastigava uma tira de bacon crocante.

- É claro, moço. Vejo que não é estúpido. Ao menos não dá essa impressão. Claro que sempre posso me equivocar. Recordo o que pensei de meu marido quando começou a me cortejar. Mas troquei de opinião na noite de núpcias. Pode acreditar que...? Não, não é estúpido. Quero que se case com ela. Seria uma esposa perfeita. Adora esta casa. somente odiava ao tio Clarence e tinha seus motivos fundados.

- Nem sequer nos conhecemos, Cloe - disse Brant com muita tranquilidade. - Ela é inglesa e eu sou americano. Somos tão diferentes que...

- Os opostos se atraem - interrompeu Cloe com serenidade.- Farão-lhes bem mutuamente. Você a ajudará a amadurecer e ela fará que se sinta orgulhoso. É uma senhorita e pode ser muito divertida.

- Estou seguro de tudo isso - disse e bebeu seu suco de laranja de um gole. - Mas a noite passada me disse que era um presunçoso, um vaidoso e que não queria saber nada de mim. Acredito que me teria golpeado se tivesse podido. Quer que renuncie a me casar com ela para pegar as quinhentas libras em vez de receber só cem.

- Uma paixão transbordante para minha pequena - apontou Cloe. - É bom sabê-lo.

- Eu gostaria de saber onde estão aqui os manicômios - disse Brant, totalmente perplexo.

O novo papel na sala tinha ficado perfeito aos olhos do Brant. Ele estava sozinho toda a manhã para finalizar com calma o trabalho. Mas durante todo esse tempo não tinha deixado de perguntar-se onde se teria metido Daphne.

Não tinha aparecido para o almoço. Lucinda e Cloe o tinham elogiado sem cessar pelo acabamento. Ao final tinha obtido escapar de sua vigilância e tinha caminhado até os estábulos. O cavalo do Daphne estava em seu lugar. Fazia bastante frio e Brant fechou o zíper de sua jaqueta até em cima. Chamou-a várias

vezes, mas não estava nos estábulos.

Caminhou ao redor da casa até o jardim traseiro e a encontrou ali. Estava de quatro e cavava com fúria na terra. Levava uma boina, umas calças velhas e um casaco curto.

- Covarde - disse Brant, de pé junto a ela.

Ela girou sobre si mesma e ficou sentada sobre a terra úmida. Brant se abaixou e voltou a acusá-la.

- Covarde - repetiu.

- Vá para o inferno! - disse Daphne.

- Meu Deus! - Brant se levou a mão à testa com exagero. - A donzela vitoriana profanou este santo lugar com sua linguagem vulgar.

- Quer fazer o favor de partir ?

- Não. E é uma covarde.

- Não tenho a menor intenção de assistir a troca de olhares obscenos entre Lucinda e você - disse Daphne.

- Obscenos? Pelo amor de Deus! Nunca pretendi tal coisa.

- Não é gracioso? Pareceu-me entender esta manhã... - calou-se e se tirou a gorra para secar o suor. - A verdade é que não tem importância. Pode fazer o que te pareça. Não me importa.

- Obrigado por me dar permissão. Isso significa muito para mim. E, por certo, não me deitei com a Lucinda - continuou após ver o olhar incrédulo do Daphne. - Cloe acreditou em mim. Não fica o traseiro frio na terra?

Brant se ergueu e estendeu uma mão a Daphne. Ela a agarrou e se levantou.

- Se Cloe acreditou é porque gosta dos homens jovens - disse. - Acreditaria em qualquer coisa se fosse o suficientemente hábil.

- Então suponho que o fui - disse e a estudou de perto. - Que visão tem se tira as lentes de contato?

- Sem elas, agora mesmo não seria mais que uma imagem imprecisa - disse Daphne. - E, agora que o penso, resultaria bastante satisfatório.

- Pode dormir com elas postas?

- Sim, posso as levar uma semana seguida. Por que?

«Quero que me veja com toda nitidez quando te faça o amor».

- Só sentia curiosidade. Ajudar-me-ia a polir algumas das prateleiras da biblioteca? - perguntou Brant.

- Por que não? - suspirou.

- Prometo-te que te recompensarei se me ajuda.
- Que classe de recompensa?
- Isto é somente um adiantamento - inclinou-se e a beijou, mas começou a caminhar antes de que Daphne pudesse reagir. - Mas antes temos que ir ao povoado. Necessito uma lixa especial para o trabalho.

Capítulo Nove

Brant e Daphne trabalharam em harmonia durante várias horas na biblioteca.
- Parece que se dá bastante bem - disse Brant com satisfação. - Mas procura não arranhar as mãos com as lascas.

- Acredito que tia Cloe não vai gostar de nada o aspecto de minhas unhas - assinalou Daphne com resignação. - Por muito que o tente nunca obtenho que cresçam tanto como ela quer. Pode ser que seja falta de cálcio ou algo similar.

- Me deixe ver - disse Brant, sentado no chão, e tomou sua mão entre as suas. Dedicou-lhe outra daqueles olhares cheio de receio e, lentamente, ofereceu sua mão para o pertinente exame.

- Não há manchas nem nada parecido - disse e acrescentou com um sorriso. - Pessoalmente, prefiro às mulheres que usam as unhas curtas. É mais seguro.

- É verdade - admitiu Daphne com um suspiro. - Eu sempre me estou arranhando.

- A isso refiro.

- Duvido muito que referisse a isso, mas não quero conhecer sua versão - disse Daphne.

- Possivelmente algum dia o averigue. Por certo, esta manhã recebi um dos filmes que me enviou minha mãe - recordou Brant. - Você gostaria de vê-lo comigo?

- Claro! Isso seria muito divertido.

- Então vamos ver agora mesmo - ofereceu. - Terminaremos de lixar as prateleiras amanhã.

O projetor que tinham alugado, junto à tela, estava no quarto de Brant. Ela o olhou com certa suspeita.

- Assim estaremos a salvo de possíveis interrupções, espero.

Colocou o filme, subiu o volume e em seguida a tela se encheu com as imagens de seus companheiros de equipe.

- Minha mãe! Todos são enormes. Esse é você, Brant? Está muito mudado.

- Sim, eu presto atenção. Vê que estou no lançamento da moeda? Escolhi ficar com a bola. Isso significa que minha equipe tem que atacar. Somente pode pontuar quando tem a bola.

- Igual no tênis de mesa.

- Sim, mais ou menos.

Para sua surpresa, Daphne tinha os olhos colados à tela e não perdia nenhum movimento. Aplaudia descontroladamente cada passe de Brant e suspirava angustiada depois de cada placar. Brant não podia evitar sentir certo orgulho ao ver as reações de Daphne. Explicava cada lance do jogo com a mesma emoção que mostrava ela na hora de perguntar.

- Note no marcador. Ganhamos de seis a zero. E temos um tiro extra. Nosso chutador, Guy Richardson, tem a oportunidade de marcar. Tem que fazer que a bola passar entre os paus. Foi bom. Isso nos dá outro ponto.

Quase sem dar-se conta chegaram ao descanso.

- Mas, o que temos aqui?

As mãos de Daphne se fecharam sobre seus punhos. Estava assombrada ao notar o ponto de raiva ao que tinha chegado somente um instante ao reconhecer a voz de sua detestada prima.

- É um filme de uma das partidas de Brant, Lucinda.

- O que divertido! Importam-se se eu me unir à festa?

A Daphne sim importava, mas Lucinda ficou com eles. O segundo tempo se passou voando em um ambiente bastante carregado de emoções. As explicações de Brant eram cada vez mais breves e Daphne cada vez fazia menos pergunta.

- Caramba! - exclamou Lucinda. - Já é quase a hora do chá. Podemos ver o que fica da partida em outro momento, Brant?

- Daph?

- É obvio. Eu me reunirei com vocês abaixo. Tenho que me trocar e me assear um pouco - disse Daphne.

- É obvio, querida - desculpou-a Lucinda e Daphne saiu do quarto. - Que tal sua dor de cabeça, Brant?

- Está controlada - replicou ele. - O que achou do novo papel da sala?

- É encantador - e Lucinda o olhou com perplexidade. - Não lhe havia isso dito já? Bom, não importa. Perguntava-me se lhe apeteceria conduzir até Londres. Poderíamos ir ao teatro e depois para jantar. Inclusive poderíamos passar ali a noite

se se fizer muito tarde para retornar.

Por um momento sopesou a ideia. Não tinha nada de mau e obteria que Daphne ficasse ciumenta. Mas em seguida se separou de semelhante linha de pensamento.

- Não acredito que seja uma boa ideia, Lucinda - rechaçou.

- Por que não? - perguntou, decidida a tomar as rédeas.

- Lucinda - interpelou-a até que se deteve a meio caminho escada abaixo. -

Como anda no tema financeiro?

- Muito bem - disse e depois calibrou a importância de suas palavras. - Quero dizer que, de momento, não passo fome. Claro que os impostos na Inglaterra são tremendos. Procuro me manter nos limites sem ultrapassar meus ganhos, mas...

- Mas te tinha devotado para financiar os estudos do Daphne, não é certo?

- Financiar? Quer dizer que estava disposta a lhe emprestar o dinheiro?

- Não, quero dizer pagar em seu nome.

- Poderia fazê-lo, certamente. E o farei em quando receber a herança.

- Entendo. Olá, Cloe! - saudou Brant. - Esteve na biblioteca?

- Sim, Brant. Um trabalho magnífico o que estão fazendo Daphne e você.

Onde está?

- Está-se asseando - assinalou Lucinda, dando a entender que estava coberta de barro dos pés a cabeça.

- Então estará a ponto de descer. A cozinheira preparou uns pão-doces deliciosos. São uma delícia com manteiga e um pouco de presunto, Brant.

Brant já sabia, mas não disse nada. Agradeceu a inesperada e bendita aparição de Cloe. Certamente os tinha estado buscando para evitar que ficassem a sós. Depois de um chá com massas regado com um fogo cruzado brutal entre Cloe e Lucinda, Brant encontrou o momento para levantar-se.

- Daphne e eu vamos montar um momento a cavalo. Vem? - ao ver que ela duvidava um pouco, Brant acrescentou. - Temos que discutir a estratégia a seguir para o trabalho que subtrai na biblioteca e que temos que atacar amanhã.

- Está bem - murmurou Daphne, depois de não abrir a boca durante toda a tarde.

- Aonde vai? - grunhiu Brant, a salvo dos olhares da Lucinda, quando viu Daphne dirigir-se à escada.

- Sujar um pouco a cara com barro.

- Por que sempre te sai a língua viperina quando está comigo? - sorriu Brant.

-Você - disse Daphne com um sorriso que não pôde ocultar - é um homem horrível.

- E você - replicou ele quase sem pensar - é uma mulher adorável.
- Mas tenho as unhas muito largas.
- Assegurar-me-ei que lhe cortem isso quando chegue o momento.
- E sou uma estúpida.
- Só se Lucinda estiver perto.

Saíram à rua e se dirigiram para os estábulos. Fazia muito frio, mas Brant não queria voltar para a casa. Entretanto não foram suficientemente abrigados para combater o ar. Recordou uma casa abandonada na parte traseira da propriedade e sorriu para si. Daphne não disse nada enquanto Brant guiava seu cavalo em direção à casa. Uma vez que a tiveram à vista, Brant começou a tremer.

- Demônios, faz um frio que congela! Acredito que vou sofrer uma pneumonia. Ouça, Daph, vê essa casa aí diante? Crie que seus donos nos aceitassem um momento para se aquecer?

- Aí não vive ninguém. Suponho que podemos nos deter e nos esquentar um momento.

Brant pensou que Daphne era a inocência personificada. Ataram os cavalos a um poste e Brant empurrou a porta meio velha. Somente havia duas habitações. Um fogão de carvão e um salão que servia como dormitório.

- Está há muito tempo abandonada? - perguntou Brant.
- Desde que tenho memória - disse Daphne e avançou para o centro do salão.
- Suponho que podemos acender um fogo se tiver muito frio.
- Adiante.

Daphne mostrou mais manha que Brant e em pouco tempo um resplendor iluminava o quarto e uma coluna de fumaça saía pela chaminé.

- Também podíamos ter retornado ao Asherwood Hall. Estávamos à mesma distancia dos dois lugares - disse Daphne.

- Não queria que voltasse a se pôr em defensiva - disse Brant. - Vamos, sente-se.

Sentaram-se com as pernas cruzadas, na posição do lótus, frente à chaminé.

- Segue zangada comigo pelo que ocorreu a outra noite? - perguntou Brant.
- Não, a verdade é que não - respondeu, de perfil para ele.
- Não tinha a intenção de me comportar como um porco presunçoso.
- Sim, certamente é algo natural que surge sem te dar conta.

- É possível - sorriu. - Teria-te zangado se tivesse passado a noite com a Lucinda?

- Claro que não! - exclamou e o olhou perplexa. - Não é meu assunto.

- Nem sequer um pouco?

- Bom, possivelmente um pouco - admitiu. - Maldita seja! Lucinda é tão encantadora. Não entendo como consegue resistir a seus evidentes atrativos e a essas olhadas.

- Você tampouco está nada mal, senhorita. E me comportei com toda honestidade.

- E também blasfemou.

- Meu Deus! Não sei como vai reagir quando escutar a classe de brincadeiras que costumam a soltar os jogadores de minha equipe. Em realidade tudo forma parte de um jogo, é uma forma de falar.

- Em todo caso - apostilou Daphne depois de olhá-lo conscienciosamente - não sei quando vou ter a oportunidade de escutar as brincadeiras de seus companheiros de equipe.

De repente, Brant ficou de pé de um salto, meteu as mãos nos bolsos da jaqueta, franziu o cenho e soltou a bomba de improviso.

- OH, demônios, Daph! Se case comigo.

Afastou-se um passo, mas seus olhos seguiam cravados nela. Daphne se tinha ruborizado como um tomate amadurecido.

- Não compartilho seu peculiar sentido do humor, Brant - disse com uma voz gélida.

- Não é nenhuma brincadeira. Como pode pensar isso? E está vermelha.

- Por que? - perguntou com as mãos nas bochechas.

- Por que não? - replicou ele.

- Mas eu não sei fazer nada.

- Pode ser minha esposa - disse e tirou as mãos dos bolsos. - Acredito que poderia ser uma grande esposa.

- Realmente o acha? Apesar de todo o resto?

Ajoelhou-se frente a ela e emoldurou o rosto de Daphne entre suas mãos.

- Sim - assentiu com um sorriso nos olhos. - Apesar de tudo. Acredito que os dois sairíamos muito beneficiados.

- Um matrimônio de conveniência - disse ela muito devagar, com os lábios fazendo um biquinho, e Brant se inclinou para frente e a beijou.

Tomou ao Daphne entre seus braços e a levantou até que a teve de joelhos frente a ele.

- Separa os lábios - ordenou e ela obedeceu.

Brant sentiu as mãos inexperientes de Daphne sobre seus ombros, como náufragos em busca de um cabo. Começou a beijá-la com mais paixão, mas sem chegar a perder o controle em nenhum momento. Seus lábios eram surpreendentemente doces. Levantou a cabeça e sorriu com ternura.

- Tem que respirar pelo nariz – disse. - Desse modo, os beijos podem alongar-se até a madrugada.

- Mostre-me - solicitou Daphne e ele obedeceu.

- Já é de madrugada? - perguntou Daphne entre tremores.

- Acredito que começo a ver alguma que outra estrela no firmamento. Estou muito enamorado, Daph. Crie que poderá chegar a querer-me um pouco?

- Um pinga?

- Ou até que não possa mais. Igual a se desejasse se casar comigo. Passaríamos a maior parte do tempo nos Estados Unidos e o resto de ano, aqui. Há um montão de coisas que poderíamos fazer juntos.

Daphne se afastou um pouco dele porque sua proximidade para aflorar nela as barreiras que a tinham protegido do mundo.

- Acredito que sinto ciúmes da Lucinda quando monopoliza sua atenção. E eu adoro que me beije. É muito agradável - disse Daphne em uma reflexão própria.

- Continua pensando em voz alta - animou-a Brant. - Desse modo não existirão perguntas sem respostas entre nós.

- A verdade é que apenas nos conhecemos. E não sou uma completa imbecil. Sua proposta te ocorreu neste instante, verdade? Não tinha previsto me pedir que me casasse contigo.

- É verdade. Queria te trazer aqui para que estivéssemos sozinhos e ninguém nos incomodasse. Também sei que meu desejo de fazer amor é tão intenso que quase resulta doloroso. Nunca antes havia sentido nada parecido por outra mulher.

- Mas não me ama. Somente está falando de atração física, de sexo.

- Bom, não acredito que o carinho e o sexo sejam um mau casal para começar uma relação, não crie?

- Possivelmente não seja nada do outro mundo na cama, Brant - arranhou-se a ponta do nariz com a gema dos dedos, entre confundida e assombrada. - E então estaria atado a mim sem nenhuma satisfação.

- Estou disposto a correr esse risco - assinalou Brant. - No que está pensando? Sua ex-pressão não augura nada bom agora mesmo.

- Estou pensando que se o tio Clarence não tivesse redigido esse condenado testamento, nem sequer te teria fixado em mim.

- Pensei que foi uma mulher de extraordinária beleza do mesmo instante no que desceu do táxi, muito antes de saber quem foi realmente - disse após jogar uma olhada às chamas da fogueira. - Mas não se trata disso, verdade? A verdade é que não poderia dar uma resposta objetiva. O caso é que o testamento está aí e mentiria se te dissesse que não me importa. Eu adoro Asherwood Hall e o dinheiro serviria para que pudéssemos restaurá-lo a nosso gosto. Não sei se sairá bem, mas acredito que temos uma boa oportunidade. O que responde?

- Ensinar-me-á a utilizar um talão de cheques? - perguntou Daphne.

- Ensinar-te-ei tudo o que me peça.

- Eu nunca viajei aos Estados Unidos - disse lentamente, mascando suas palavras. - E suponho que teríamos que viver ali...

- E sente que vais viajar a outro planeta? - perguntou Brant.

- Um pouco parecido. E se não gosto a seus amigos? O que pensará sua mãe de mim?

- Eu adoro quando fala como uma heroína do século passado - disse com o rosto de Daphne entre suas mãos. - Estou seguro de que meus amigos vão adorarte. E te direi algo mais, Daph. Iremos em lua de mel. E quando retornarmos a Nova Iorque não lhe terá nem rastro de suas inseguranças.

- E como crie que vai conseguir isso?

- Já o verá, carinho. Já o verá. Agora diga que sim para que possamos nos beijar.

- Sim - disse e inclinou seu rosto com os lábios separados.

Capítulo Dez

Brant levou a Daphne por trás de uns arbustos recém cortados, ligeiramente longe da pista principal que conduzia à casa, e a abraçou com força. Depois a beijou de um modo furtivo, como dois adolescentes que tivessem escapado à vigilância dos adultos.

- Quero que esta noite ponha algo deslumbrante. Quero que sorria,

desafiadora, e que não baixe a cara em nenhum momento - disse Brant. - E quero que me olhe como se fosse a mais valiosa de seus bens. Entendido?

Ela saudou o estilo militar e forçou um sorriso. Brant lhe deu um tapa no traseiro.

- Boa garota - disse.

Daphne pensou que não era nenhuma garota, a não ser uma mulher. Mas em seguida o esqueceu e tratou de acomodar seu passo à pernada poderosa de Brant. Foram até a porta de seu quarto e ali Brant se inclinou para beijá-la de novo.

- Eu também quero que você se arrume esta noite - disse Daphne.

- Não se preocupe - falou Brant. - Winterspoon se ocupará de tudo.

Três quartos de hora mais tarde, Winterspoon admirava seu trabalho com deleite.

- Excelente, senhor - disse enquanto tirava uma bolinha de pó do smoking.

- A senhorita Daphne e eu vamos casar-nos - disse Brant.

- Parabéns, senhor - felicitou Winterspoon, que não mostrou nenhuma surpresa. - A senhorita Daphne é uma jovem encantadora.

- Estou totalmente de acordo.

- E quando terá lugar o enlace, senhor?

- Logo que arrume todos os papéis - disse Brant. - Confio em sua ajuda.

- Será um verdadeiro prazer, senhor.

- Me deseje sorte, Winterspoon - disse Brant com um sorriso melancólico. - Tenho a impressão de que a noite não vai ser tão feliz como quero.

- Seguro que tudo sairá bem, senhor - disse Winterspoon. - Tal e como dizia meu pai, não dê em nenhum momento as costas a seu inimigo.

Esse era sem dúvida o conselho de um profissional. Brant estava seguro de que Winterspoon tinha assistido, ao longo de sua vida, a todo tipo de situações difíceis. Fez uma pausa antes de entrar no salão Dourado. Se aprumou, respirou fundo e fez sua entrada. Imediatamente seu olhar se cruzou com o de Daphne. Estava preciosa. Usava um vestido de noite que parecia tirado diretamente da vitrine de uma loja de Paris. Era um traje comprido, verde pálido, de seda, que acentuava a estreiteza de sua cintura e ressaltava seu busto. Levava o cabelo recolhido no alto da cabeça e alguns cachos soltos que caíam livres. Sentiu-se muito orgulhoso ao vê-la. Estava seguro de que estava fazendo o correto. Tinha o convencimento de que tudo iria bem.

- Boa noite - saudou. - Cloe, Lucinda, estão fantásticas esta noite. Podemos

passar a sala de jantar.

Uma vez que a senhora Mulroy havia terminado de servir a sopa, Brant a chamou e lhe pediu que trouxesse uma garrafa de champanha. Uma vez que tinha saído, Cloe tomou a palavra. notava-se a excitação em sua voz.

- Onde foi passear esta tarde? - perguntou.

- Eu tinha um pouco de frio, assim nos refugiamos em uma casa abandonada que há na parte norte do imóvel - explicou Brant.

- Vá! - limitou-se a dizer Lucinda e congelou o gesto com a colher a meio caminho entre o prato e sua boca.

- Daphne fez um fogo estupendo na chaminé - acrescentou Brant.

Enquanto isso, Daphne parecia concentrada no conteúdo da sopa. Brant pensou que estava atuando levada pela covardia novamente.

- Minha pequena tem um montão de talentos ocultos - assinalou com orgulho Cloe.

- Amanhã vou a Londres - interveio Lucinda. - Você gostaria de me acompanhar, Brant?

- Primeiro de tudo, aqui está o champanha. Obrigado, senhora Mulroy - Brant se levantou e encheu as taças das três mulheres. - Tenho que anunciar algo importante. Daphne e eu vamos nos casar.

- Isso é maravilhoso! - exclamou Cloe. - Muitas felicidades, queridos meus.

À extrema alegria do Cloe lhe aconteceu um silêncio mais próprio de um cemitério.

- Bom - disse Lucinda, muito reta em seu assento e os braços cruzados sobre o peito. - Está a ponto de te casar com um homem que não te ama, Daphne. Eu pensei que teria um pouco mais de amor próprio.

- Muito obrigada, Lucinda, por seu amabilidade - replicou Daphne com o queixo alto e um brilho especial no olhar.

- Quanto a você, Brant, se o que queria era o dinheiro poderia ter procurado uma mulher um pouco mais...

- Além disso, devo acrescentar - interrompeu Brant - que nos afeiçoamos mutuamente. Espero que nos façam a honra de ir a nossas bodas. Terá lugar o antes possível, embora ainda não há data.

Lucinda sentia a necessidade de uivar. Estava furiosa e decepcionada. Como era possível que houvesse sentido algo por alguém como Daphne? Mas não desejava montar uma cena. Levantou-se muito dignamente e dobrou com esmero o

guardanapo, que deixou junto a seu prato.

- Espero que as coisas vão tal e como imagino - sentenciou de um modo um tanto enigmático e abandonou a mesa.

- Não foi tão terrível. Verdade? - perguntou Brant a Daphne.

- Não, não o foi - admitiu. - É estranho, mas sinto lástima por ela.

- Lucinda não vai morrer de fome, carinho. Asseguro-te que se recuperará.

Cloe, virá à bodas?

- Será um verdadeiro prazer, moço - disse com um amplo sorriso. - Teríamos que ir a Londres para falar com o senhor Hucksley e arrumar os papéis.

Daphne teve a curiosa impressão de que tudo tinha formado parte de um plano para casá-la. Escutou como sua tia perguntava ao Brant se pensava officiar uma cerimônia civil e se perguntou por que não era ela a interpelada.

- Quero me casar nos Estados Unidos - chiou para fazer-se ouvir. - Seria injusto para a mãe do Brant se não pudesse ir à bodas de seu filho.

- Isso seria uma grande ideia - apontou Brant e a olhou com surpresa. - Estou seguro de que minha mãe apreciará muito esse detalhe.

- E quero que sua irmã, seus sobrinhos e seu marido também vão à bodas.

- Farei tudo o que esteja em minha mão.

- Onde planejou ir passar a lua de mel, Brant? - perguntou Cloe.

- Hawai... se Daphne parece bem - disse.

- Hawai! - repetiu com os olhos arregalados.

- Sim, na ilha de Kauai, para ser exato. Tenho um apartamento. Acredito que você gostará daquilo, carinho.

- Minha mãe! - exclamou Cloe algo sufocada. - Há um montão de coisas que fazer todavia. Tenho que confeccionar uma lista. Me acompanhe, Daphne.

A lista se completou com êxito justo no momento em que Daphne e Brant selaram seu compromisso no escritório de Registro Geral. A cerimônia tinha durado pouco mais de quinze minutos. Daphne estava em uma espécie de nuvem. Brant estava visivelmente satisfeito. Cloe desejava gritar aos quatro ventos o êxito de seu plano. Lucinda tinha partido para a Itália três dias antes. Tanto Reginald Hucksley como seu filho Harlow acompanharam ao casal na limusine ao aeroporto do Heathrow.

- Sim, senhor - repetiu o velho pela terceira vez. - Tudo está em ordem. Há dinheiro suficiente no banco para que os trabalhos de restauração do Asherwood

Hall sigam seu curso.

Harlow, que não tinha tido o prazer de conhecer a Daphne até a data, seguia encantado ante sua esmagadora presença.

- Uma aliança notável, senhora Asher - admirou.

- Sim, obrigada - agradeceu e olhou um momento o brilhante rodeado de esmeraldas que reluzia em seu dedo.

- Hawai está muito longe, verdade? - perguntou Cloe.

- Sim. Temos que voar até Nova Iorque, depois até Los Angeles e depois a Honolulu - relatou Brant, e esqueceu mencionar um último voo até a ilha do Kauai.

Não lhe tinha ocorrido parar para descansar. Tinha o costume de dormir nos aviões e não lhe tinha importado fazer toda a viagem de um puxão. De repente compreendeu que não tinha contado com a opinião de Daphne. Em todo caso, já tivesse sido muito tarde. Tinha todos os voos reservados e confirmados. Desejava passar a noite de bodas no Hawai. Isso satisfazia suas fantasias. O clima quente, o som das ondas rompendo na areia da praia e Daphne com uma camisola de gaze transparente...

Daphne estava aterrada. O que havia feito? Ia abandonar sua casa, seu país. Havia se casado com um homem que mal conhecia. Estava totalmente fora de si quando a tia Cloe a estreitou entre seus braços.

- Irei te visitar Nova Iorque - assegurou com uma lágrima. - Mas antes lhes deixarei a sós uma temporada.

- Sim, isso seria maravilhoso, tia Cloe - assentiu Daphne. - Não deixe de me visitar.

Brant dirigiu um olhar de indulgência a sua esposa e se despediu dos Hucksley. Depois abraçou e beijou a tia Cloe, agarrou a Daphne pela cintura e a levou pelo túnel para o interior do avião. Ia voar de primeira classe.

- Esqueci as pastilhas! - gritou Daphne de repente, totalmente pálida.

- Enjoa-se nos aviões? - perguntou Brant, apavorado.

Ela assentiu em silêncio. Nesse instante, Brant se levantou de seu assento como uma mola e veio uma aeromoça. Somente faltavam dez minutos para a decolagem. Retornou faltando três minutos da hora fixada com as pastilhas. Daphne tomou sua dose com um pouco de água e rezou para que fizesse efeito. Sua prece foi escutada e, em menos de trinta minutos, sumiu-se em um sono letárgico.

Cerca de vinte horas mais tarde aterrissavam na única pista da ilha de Kauai. Devido às mudanças de horário não havia muita diferença com a hora a que tinham

decolado de Londres. Daphne estava exausta, em um estado de semi-consciência e tão drogada por causa da quantidade de pastilhas que tinha ingerido que era incapaz de dar um passo sem cair. Brant, em troca, estava como uma rosa. Respirou o ar fresco do mar e levou a Daphne até um assento no terminal. Trinta minutos mais tarde a ajudou a subir ao carro alugado. Brant estava apaixonado pela ilha e não deixou de falar enquanto conduzia, em um monólogo em que cada descrevia canto da ilha e planejava com minuciosidade todas as atividades que iam fazer juntos. Daphne estava adormecida quando chegaram ao apartamento, em frente à praia do Poipu. Estacionou na vaga reservada para seu carro e se voltou para olhar a sua esposa. Estava tombada sobre o assento, os olhos fechados, muito pálida. Brant sentiu uma pitada de culpa. Teriam que ter feito escala. Agora teria que despedir-se de sua romântica noite de bodas.

- Daphne - sacudiu o ombro de seu mulher. - Vamos, carinho, acorda.

- Não - protestou e seguiu dormindo.

Por um momento Brant ficou atônito e depois se ocupou das malas. Subiu tudo ao apartamento, ligou os ventiladores de teto e olhou a cama de casal com um gesto de resignação. Desceu por sua mulher e a subiu em braços até a cama. Estava despenteada e levava o vestido totalmente enrugado. Tratou de despertá-la uma vez mais, mas estava totalmente adormecida. Brant optou por dar uma ducha. Vestiu-se com calças curtas, uma camiseta e saiu para comprar o jantar. Retornou ao cabo de uma hora com comida chinesa e o primeiro que escutou foi a água da ducha. A roupa do Daphne estava jogada no chão e formava uma espécie de atalho, da cama até o banheiro. Brant se fixou no sutiã e calcinha. Uma quebra de onda de desejo invadiu seu corpo. Compreendeu que Daphne estava na ducha, nua e que era sua esposa.

- Daphne! - disse da porta. - Está bem?

Daphne levantou a cabeça ao escutar a voz de Brant e ficou olhando fixamente para a porta através do biombo de cristal da ducha. Despertou trinta minutos antes e tinha tido a estranha impressão de que algo não ia bem. Tinha demorado quase cinco minutos em compreender que o que tanto lhe tinha chamado a atenção tinha sido o rumor das ondas e o ruído do ventilador. Havia-se sentido suja, pegajosa e se notou completamente embotada e entorpecida. Finalmente, depois de jogar uma olhada ao mobiliário de vime, tinha compreendido que estava no Hawai e que se casou umas horas antes.

Tinha chamado ao Brant, mas não havia obtido resposta. No fundo havia se

sentido aliviada ante sua ausência. Arrastou-se fora da cama, havia-se despido e tinha conseguido chegar até a ducha. Escutou novamente a voz ansiosa de Brant e se obrigou a responder.

- Sim, estou bem. Não demorarei nada.
- Trouxe um pouco de jantar.
- De acordo.

Já tinha escurecido. O apartamento estava no terceiro andar, dava diretamente ao oceano e a lua se refletia, trememente, sobre as ondulações do mar. Era uma vista muito romântica. Brant levou a comida, os talheres e os pratos à mesa da terraço. Abriu uma cerveja, sentou-se placidamente e deixou que o intenso aroma do ar salgado e as flores enchesse seus pulmões.

- Olá - saudou Daphne. - Já estou aqui.

Brant inclinou a cabeça e sorriu para sua mulher. Levava o cabelo molhado e caía como um pano de fundo de seda sobre seus ombros. Pôs um lenço que não lhe favorecia.

- Como se encontra, Daph?
- Um pouco mais viva depois da ducha, obrigada.

Ainda estava pálida. Movia-se muito devagar, em câmara lenta. Brant começou a servir em um prato porco agri-doce.

- Iremos para cama depois de jantar - disse. - Doze horas de sono farão que se sinta como nova amanhã pela manhã.

Daphne compreendeu que estava faminta. Comeu com extrema avidez. Depois de dar boa conta de três porções quase completas e uma dúzia de bolachas da sorte, sentou-se em uma poltrona de vime.

- Eu adoro a comida chinesa - disse depois de um suspiro. - Este lugar deve ser o paraíso, Brant. Nunca tinha imaginado nada tão bonito.

Estirou-se em seu assento, o que provocou que Brant se fixasse em seus peitos, e imediatamente se levantou e caminhou até a balaustrada. Brant teve que reprimir seu crescente desejo de lhe arrancar a roupa e fazer amor ali mesmo, sobre o chão... mas tinha que esquecer-se de todo isso.

- Você gosta do apartamento? Comprei-o há um par de anos. Normalmente está alugado para os turistas. Tivemos muita sorte. Podemos dispor dele durante duas semanas de um modo ininterrupto - Daphne assentiu e Brant continuou sua explicação. - A cozinha está totalmente equipada. Também há televisão colorida e acesso direto à praia. Sabe mergulhar com tubo de oxigênio?

- Sim, aprendi na Grécia - disse e se voltou para ele.

À luz da lua parecia uma princesa de conto de fadas. Levava o cabelo seco e parecia tecido com fios de ouro.

- Isso está bem - disse Brant. - Veem aqui um momento. Depois iremos para a cama.

Ela inclinou um pouco a cabeça e viu como Brant assinalava com a palma de suas mãos as coxas nuas, em um gesto de claro convite.

- Quando me disse que trouxesse toda minha roupa do verão, não acreditei que fosse ter que utilizá-la. Sintam-lhe muito bem com esses shorts curtos, Brant.

- Obrigado. Veem aqui um momento, só um minuto.

- Sim, este lugar é paradisíaco - murmurou e avançou com acanhamento até ficar em frente a ele.

Brant a puxou pela mão e a obrigou, muito delicadamente, a sentar-se em seu colo.

- Relaxe, carinho - disse Brant e ela apoiou a cabeça contra seu ombro. - Escuta, não vamos fazer amor esta noite. Você está muito cansada e acredito que eu também estou começando a notar os efeitos da viagem. Amanhã começaremos oficialmente nossa lua de mel, de acordo?

Ela assentiu, o cabelo de seda contra o queixo de Brant. Daphne sentiu um imenso alívio e, ao mesmo tempo, uma certa desilusão. Não parecia que Brant estivesse impaciente por consumir seu matrimônio com ela.

- Vou cuidar de você, carinho. Poderá confiar em mim?

Ficaram quietos uns minutos, em completo silêncio, somente quebrado pelo rumor das ondas sobre a areia. Brant sorriu e compreendeu que Daphne dormiu. Era preferível assim. Não teria que fazer frente à tentação. Levantou-se com ela em braços e a levou a dormitório. Tirou-lhe o penhoar e a cobriu com o lençol. Sem deixar de olhá-la, veio-lhe à cabeça o fato de que era sua esposa. Despiu-se e se deitou a seu lado. Seu último pensamento antes de entregar-se ao sono foi que nunca antes se deitou junto a uma mulher só para dormir.

Capítulo Onze

Daphne despertou ao amanhecer com um sorriso de estupor nos lábios e a cálida pele masculina sob a palma de sua mão. O estupor aumentou grandemente

quando compreendeu que seu corpo se apertava contra o corpo de Brant. Tinha a camisola subida até a cintura e podia sentir a pressão do estômago de Brant contra seu próprio ventre. Uma de suas pernas tinha deslizado entre as suas. E olhava em sua direção. Afortunadamente, estava dormindo.

Daphne não se moveu. O contato com o corpo nu do Brant era algo totalmente novo para ela e resultava muito agradável. Acaso tinham feito amor e não o recordava? Estremeceu ante a ideia. Tentou tirar a mão apanhada sob as costas do Brant e este se removeu ligeiramente e dobrou um pouco a perna que tinha entre suas coxas. Era obsceno e terrível pensar que não se inteirou do que tinha feito em sua própria noite de bodas. Mas não tinha sentido nenhuma mudança em seu corpo. E estava segura de que teria que experimentar alguma diferença.

Pensou nisso enquanto vigiava a respiração compassada de seu marido e o batimento do seu coração. Não podia aceitar a ideia, depois dos livros e os filmes que tinha lido e visto, de que Brant não houvesse intentado nada enquanto ela estava nua tombada a seu lado. Não era uma alternativa possível. Estava segura de que tinha feito amor, mas ela tinha estado muito drogada para inteirar-se. Grunhiu ligeiramente. Estava segura de que seu aspecto havia mudado. Lentamente deslizou fora de seu alcance e se ajoelhou em seu lado da cama. Brant murmurou algo em um sonho, moveu um braço e se tombou sobre as costas. O lençol chegava aos joelhos. Daphne tragou saliva. Era a primeira vez que via um homem nu. Tinha visto alguma fotografia em revistas, mas nunca tinha visto tudo.

Estava claro que agora o podia ver. Era um garanhão. Seu torso não estava coberto de pelo como outros homens que havia visto na praia. Somente a direita e sentiu o impulso de acariciá-lo. Seu olhar desceu ao longo da fina fileira de pelo que baixava diretamente até seu... levou as mãos às bochechas com indissimulada alegria. Inclusive encontrou atrativo o arbusto de cabelo sob suas axilas. Estava segura de que tinha ocorrido. Saltou da cama com sigilo e foi até o banheiro. Olhou-se no espelho com espanto. Estava totalmente desalinhada e sua camisola estava totalmente enrugada. Mas, pelo resto, seu aspecto era normal. Apalpou os peitos para ver se notava algo especial. Recordou o peso da perna entre suas coxas e um estremecimento percorreu seu corpo. Havia-se sentido muito bem nada mais despertar. Girou e olhou em direção à cama. Não havia porta de separação entre o dormitório e o banheiro. De fato, a única porta era a da ducha. Brant havia se tornado a mover e havia estirado as pernas. Ela voltou a tragar saliva, voltou-se e

tirou a camisola.

Depois de uma ducha rápida, entrou na ponta dos pés no dormitório e o olhou outra vez. Não se tinha movido. Possivelmente o tinha deixado exausto depois de fazer o amor. Esse pensamento a fez sorrir agradada. Mas, por que ela não estava igualmente cansada? A verdade era que se sentia estupendamente bem e cheia de vigor. Secou o cabelo e vestiu calças curtas e uma camiseta combinando. Saiu par o terraço e ficou sem respiração ante a vista do amanhecer sobre o oceano. Era tão bonito como em Creta. Uma cálida brisa acariciou suas bochechas e revolveu sua juba. E todas aquelas flores! Se perguntou se seria capaz de cultivar ela mesma um jardim em Nova Iorque. Confiou em que sua casa tivesse um amplo jardim.

- Bom dia.

Daphne virou-se. Seu marido lhe dedicou um sorriso sonolento enquanto levava a mão à cabeça. Pôs uma calça de esporte.

- Olá - disse com o pulso acelerado.

- Você gosta de madrugar?

- Sim. Um mau hábito, verdade?

Daphne sentiu que o olhar de Brant era muito penetrante e jogou os ombros para frente em um gesto de defesa instintivo. Brant bocejou. Não havia nada intimidatório em um simples bocejo.

- Você gostou da ilha do Kauai até o momento?

- É maravilhosa. Eu adoro, de verdade. Mas ainda é cedo. Não quer voltar para a cama? - sugeriu Daphne.

- Não me ocorre uma forma mais agradável de despertar - disse Brant com um calculado e pérfido sorriso.

Ela se ruborizou imediatamente. Levantou a vista, fixa em seus pés, e o olhou.

- Não me lembro de nada! - balbuciou. Brant moveu a cabeça. Não tinha a menor ideia do que estava falando sua mulher e não estava muito acordado para adivinhações.

- Sinto muito - desculpou-se, cada vez mais vermelha. - Teria gostado de recordar algo, mas não recordo nada. Inclusive pensei que notaria alguma mudança, mas não notei nada.

Brant coçou a barriga e finalmente acreditou entender o que estava ocorrendo. Ao menos isso pensou. Sorriu com certa malícia.

- Esteve fantástica - disse, sua voz profunda como uma carícia. - você chorou, convulsionou e disse que me amava.

- Não é justo - protestou, sem notar o sarcasmo em sua voz. - Por que não me obrigou a beber café ou um pouco parecido?

- Não o pensei. Parecia que o estava se divertindo muito - disse Brant. - Desfrutou a vista esta manhã?

- Sim - disse, muito mais relaxada ao saber que tudo tinha saído bem. - Tinha muito bom aspecto.

- Deitado de costas com as pernas abertas?

- Sim, assim também. Sabe, Brant? Não estava segura de que tivesse ocorrido nada, assim não te examinei com todo luxo de detalhes. Pareceu-me uma invasão de sua intimidade.

- O que te parece se prepararmos o café da manhã? - sugeriu, depois de sopesar a ideia de lhe confessar que não tinha ocorrido absolutamente nada. - Agora que já aconteceu não deve pensar mais nisso nem sentir saudades. Pode me olhar quanto queira. Eu adoro invadir sua intimidade. Por que não prepara café enquanto me banho? Ontem à noite também comprei algumas coisas para o café da manhã.

- Assim já não tenho que me sentir envergonhada, verdade? - perguntou com uma sombra de dúvida em sua voz. - Não há nenhuma necessidade, não é isso?

- Assim é - Brant a abraçou e a beijou na têmpora. - Já aconteceu o pior.

- Bom, isso é um alívio - reconheceu Daphne com um sorriso.

Brant acariciou a ideia de relevar a Daphne a verdade, mas decidiu manter a boca fechada. Não era um bom momento para jogar por terra uma conquista tão importante. Isso ajudaria ao Daphne a superar suas inseguranças. Sentir-se-ia mais desinibida. Essa ideia fez reagir a seu corpo. Mas uma ducha fria depois de ensaboar-se sossegou o desejo latente de seu interior. secou o cabelo, colocou uma toalha ao redor da cintura e saiu ao terraço para reunir-se com o Daphne. Ela sorriu e lhe ofereceu uma taça de café.

- Café negro, espesso e muito americano - disse Daphne. - Winterspoon me explicou que você gostava de tomá-lo assim.

- Contou-te algo mais a respeito de meus gostos?

- Só que foi um bom homem apesar de ser norte-americano - recordou. - Inclusive admitiu que não carecia de certo engenho.

- Um verdadeiro elogio - e seu olhar percorreu o corpo do Daphne. - Tem uma figura preciosa, Daph. Sim, muito esbelta.

- Foi isso o que me disse ontem à noite?

- Certamente teria que havê-lo feito - disse. - O que te parece se voltarmos para a cama para que possa voltar a lhe dizer isso?

Rodeou a Daphne com seus braços e se inclinou sobre ela para lhe beijar o lóbulo da orelha com delicadeza.

- Beijar-te-ei em cada centímetro de seu corpo... igual a ontem à noite. Isso você adorou, Daph. Cada centímetro de seu corpo.

- Com certeza que sim - virou-se e o abraçou pela cintura, a cabeça sobre seu ombro. - Ao menos isso a glorifica nestes momentos.

- Acaso criei um monstro? - sorriu Brant. - Uma maníaca sexual?

- Bom, não esqueça que corre por meus veias o sangue da tia Cloe. E estou segura de que ela adorava o sexo, ao menos enquanto viveu o senhor Sparks.

No breve espaço que separava a terraço do dormitório, Brant tinha experimentado um aumento da excitação tão repentino que mal podia respirar com normalidade. Estava com sua esposa. Era um compromisso para toda a vida e não uma simples aventura de uma noite. Compreendeu o importante que seria para ela que todo fosse como a seda, sem sobressaltos. Decidiu que iria passo a passo.

Tombou ao Daphne sobre a cama e se reclinou sobre ela, apoiado em um cotovelo, ligeiramente inclinado.

- Olá, senhora Asher - disse e a beijou. - Abre a boca. Já o esqueceu?

- Será que me provocou um curto-circuito - disse e separou os lábios.

Acariciou os braços dela de cima abaixo. Resultava estranho atuar com tanto comedimento e, ao mesmo tempo, de um modo tão maquiavélico. Mas se ateu ao que tinha planejado e continuou o assédio lento a fortaleza em que tinha convertido o corpo de Daphne. Pôde sentir como os muros da fortaleza se desvaneciam pouco a pouco.

- Isso, carinho - disse em um sussurro. - Relaxe. Não vou fazer nada que te assuste.

Daphne estremeceu. Queria que Brant acariciasse seu corpo, mas não se atrevia a pedir. Como teria atuado durante a noite?

- Brant, por favor - gemeu e o beijou com mais força, presa do crescente desejo.

Não demorou para ceder a suas petições e lhe tirou a camiseta.

- Meu Deus! - exclamou, extasiado. - É tão diabolicamente atrativa.

Um pouco temeroso, Brant acariciou seus seios. Eram brancos e quase pareciam muito grandes para um torso tão magro. Mas seus mamilos se

endureceram e haviam adquirido uma cor escura. Voltou a beijá-la ao tempo que lhe acariciava os peitos. Apoiou a palma de sua mão aberta contra seu seio esquerdo e pôde sentir, através da pele, os batimentos de seu coração. Pouco a pouco começou a beijá-la pelo pescoço até seus ombros. de repente apanhou seu mamilo entre seus lábios e desapareceu em sua boca. Daphne soltou um gemido de prazer e se arqueou como uma gata. Brant sentiu as mãos de Daphne sobre suas costas. Era muito sensível às carícias em seus peitos e isso lhe agradou.

- O que quer que faça? - ofegou.

- Fica tombada e desfruta - disse Brant enquanto umedecia seu corpo com a língua. - Isto é o que mais gosta aos homens.

Cobriu o ventre liso de Daphne com sua perna e ela começou a perder o controle de seus sentidos. Queria senti-lo sobre sua pele e começou a deslizar-se sobre a cama, para baixo, para lhe tirar as calças.

- Pouco a pouco, carinho - disse Brant. - Primeiro você.

Brant despiu por completo a Daphne e voltou a apoiar-se em um cotovelo, levemente erguido, para apreciar em sua justa medida sua figura. Estava muito proporcionada. Era de cintura estreita e ventre plano. Posou a vista sobre o arbusto de pelo loiro que cobria o sexo de Daphne e começou a tremer de desejo. Lentamente, deslizou sua mão em uma carícia contínua desde seus peitos até passá-la entre suas coxas. Olhou a Daphne nos olhos, atento a cada gesto, enquanto seus dedos se abriam espaço lentamente. Prendeu a respiração ao sentir a umidade da carne, um pouco inchada e profundamente cálida. Começou a acariciá-la ritmicamente.

- Você gosta muito - disse Brant. O recorda?

- Sinto que estou no ponto. Está quase doloroso, Brant.

Brant retirou os dedos e lhe acariciou as coxas. Depois se ergueu um pouco e tirou as calças. Ela o olhou com os olhos muito abertos, fixamente.

- Querido - acertou a dizer - isso eu gostei?

- Sim, você gostou muito - disse depois de reunir valor.

Com a mão separou as pernas de Daphne e se colocou sobre ela. Mas não fez a menor intenção de penetrá-la, embora sentia uma atração quase ingovernável. Mas sabia que era uma loucura. Tinha que controlar cada passo. Pressionou seu corpo contra o dela e Daphne respondeu imediatamente. Sentiu um calafrio por todo o corpo. Cobriu com seu corpo o corpo de Daphne e começou a beijá-la com paixão. A língua aguilhoava sua boca como uma serpente. Notou as mãos de Daphne

apertadas contra suas costas com tanta força que quase doía. Deslizou-se até seus peitos novamente e fez uma pausa. Depois começou a beijar seu ventre e de novo se deteve. Ela ficou rígida e Brant levantou a cabeça.

- Escuta, carinho. Há algo que poderia fazer por mim. Quero te beijar e fazer amor contigo. E quero que relaxe, que desfrute. Ontem à noite... fê-lo.

No momento em que a boca de Brant foi a seu encontro, Daphne se lançou sobre ela como um predador. A vergonha havia desaparecido. Sentiu-se cômoda.

- Isto eu gosto - disse entre ofegos enquanto acariciava seu cabelo.

Brant também estava desfrutando. Daphne era como fruta fresca,... de repente, se balançou violentamente e gritou. Brant sentiu a tensão em suas coxas e o posterior relaxamento. A respiração do Daphne era entrecortada e não deixava de tremer. De vez em quando sofria breves convulsões e deixava escapar alguns gemidos leves. Brant, muito satisfeito, reduziu o ritmo de suas carícias e depois voltou a começar.

Daphne se sentia enjoada. Era como se tivesse subido a uma montanha russa. O prazer subia e baixava. Estava assombrada, atônita, mas muito orgulhosa. Brant recorreu a toda sua experiência para maximizar o prazer. Voltou a acariciar a Daphne até que sentiu que havia recuperado a tensão, que acompanhava de gemidos intermitentes. Então, em um rápido movimento, situou-se sobre ela e a penetrou de uma vez. Notou como ela se esticava e suas mãos se cravavam sobre seus ombros.

- Tranquila, carinho - murmurou.

Enterrou seu membro até o fundo e depois o liberou lentamente.

- Está bem, Daph. Somente algum desconforto e depois desaparecerão para sempre. Agora não vou mover-me. Quero que se acostume a senti-lo dentro.

- Está bem - ofegou.

Afundou a cara contra o ombro do Brant. Pouco a pouco a tensão desapareceu e começou a mover-se ao mesmo ritmo que ela. Mordeu o lábio inferior. Nunca antes havia feito amor com uma virgem e era uma experiência difícil. Pôde sentir os músculos do Daphne fechar-se sobre seu membro,

- Daphne - gemeu, - não faça isso!

- Brant, por favor - gritou ela, que não sabia muito bem o que estava fazendo.

Então se arqueou para senti-lo mais dentro e esse repentino movimento o arrebatou por completo. O frenesi e a paixão o tinham invadido tudo. Ela gritou seu nome e Brant apertou os dentes em um último esforço por controlar o fluxo que,

como um rio de lava, percorria todo seu corpo para a única saída possível. Justo antes de sucumbir teve tempo de afastar-se de Daphne. Sentiu que as emoções o afogavam antes de dar rédea solta a sua excitação. Tinha sido uma reação tão brutal que ainda estava tremendo. Brant ficou paralisado, seu rosto sobre o travesseiro junto ao dela.

- Acredito que vou morrer - gemeu Daphne.

Brant teve as forças suficientes para virar-se e olhá-la na cara. A expressão do Daphne era de puro êxtase. Apartou o cabelo empapado de sua frente.

- Esteve incrível - disse. - E não vai morrer.

Ela o abraçou pela cintura e o apertou contra seu corpo.

- Me alegro de que estejamos casados. Isto é muito divertido.

- Isso crie? Não está mau, se tivermos em conta que é a primeira...

- Minha primeira o que, Brant? - perguntou com certo ar de suspeita.

Ele se limitou a beijá-la com muita ternura, mas Daphne era teimosa.

- O que, Brant?

- Ontem à noite não fizemos o amor, Daph - disse com um sorriso. - Não costumo a fazê-lo com mulheres inconscientes.

- Você... maldito mentiroso!

- O que te fez pensar que havíamos o feito?

- Despertei despenteada. Tinha a camisola meio subida e você estava abraçado a mim. E você é um mentiroso. Aproveitou-se e me enganou.

- Sim, mas não senti vergonha.

Ela mordeu o lábio inferior e Brant aproveitou sua vacilação para beijá-la outra vez.

- Mesmo assim... - começou.

- O prazer final - antecipou-se Brant - justifica por completo os meios, tal e como o príncipe teria que ter aprendido de seu professor.

- Bom - baixou as pestanas, - é possível. Somente possível. Atuei com normalidade, Brant? Não te desiludi, verdade?

- Se o tivesse feito melhor acredito que agora estaria morto - disse e fez uma breve pausa. - Não acredito que possa chegar a me decepcionar nunca, céu. Nem que passassem as mil e uma noites.

- E o que me diz de seus correspondentes dias?

Brant só pôde grunhir ante a ideia e se deixou cair de costas.

Capítulo Doze

Daphne se recostou sobre a cadeira e deu um tapinha no estômago em sinal de satisfação. Acabava de dar conta de um gigantesco cheeseburger.

- Espero que a excursão desta tarde me dê tempo de fazer a digestão - disse com um bufo. - Do contrário eu vou afundar no fundo do mar como uma baleia.

- Termine esse ponche e poderá te afundar feliz - brincou Brant.

Brant se reclinou sobre sua cadeira e jogou uma olhada ao campo de golfe que se estendia ante seus olhos. A parte traseira do restaurante era uma terraço ao ar livre. O aroma da grama recém-cortada e as flores se misturavam com a cozinha tradicional da ilha. Brant pensou que estava descobrindo a alegria da intimidade compartilhada, a liberdade que produzia o fato de estar casado. Sentiu o olhar preguiçoso de Daphne enquanto ela terminava o ponche. Assegurou-se de que se melasse bem com protetor solar. Nos últimos dois dias tinha tomado cor, mas não se queimou. Usava um rabo-de-cavalo e o cabelo caía como uma cascata de seda e ouro entre suas omoplatas. Seu aspecto era refrescante, doce, tão atraente que era impossível conter a urgência do desejo. Fechou os olhos e imaginou com esse biquíni laranja tão exíguo que Cloe lhe tinha dado em sua viagem a Grécia. Não podia compreender que não a tivessem assaltado nas praias de Creta com semelhante modelo.

- Quando vamos montar em helicóptero? Disse-me que muitos filmes se haviam rodado aqui e que algumas cenas de Pássaros Feridos se filmaram aqui. Eu gostaria de conhecer a praia em que o pai faz amor com Maggie.

- Necessita inspiração?

- Acredito que isso já não é necessário - replicou Daphne.

- Eu gosto de estar casado contigo - disse Brant.

- A mim também.

- Acredito que já vai sendo hora de que lhe mostre a ilha - disse Brant e seu olhar foi para os peitos de Daphne com tanta intensidade que ela estremeceu.

- Nunca vou conhecer a ilha se persistir em me olhar desse modo - replicou ela. - É um homem muito viciante, Brant.

- Você também. Estou pensando que talvez te abandono dentro de cinquenta anos.

- Tão logo? - brincou ela. - Posso imaginar-te. Será um ancião com bengala e

todos os ossos lhe rangerão quando se deitar.

- E seguirei babando por você - disse e se dirigiu ao garçom. - A conta, por favor.

Saíram do restaurante e caminharam um momento até seu apartamento.

- Você gostaria de aprender a jogar golfe? - perguntou Brant.

- Parece um jogo algo parvo, mas poderia provar. O que vamos fazer esta tarde?

- Por que não o discutimos na cama?

Mas não discutiram nada. Esta vez ela estava em cima, sentada escarranchado sobre ele, e Brant permitiu que Daphne tivesse o controle. Em virtude de seus movimentos Brant acomodou a cadência de suas investidas. Era uma sensação selvagem tê-la diante de seus olhos, as costas arqueada, apertando suas coxas contra sua cintura. Ofegou ao sentir o contato de suas coxas úmidas contra a pele. Seus peitos se moviam livres sobre sua cabeça. Brant a atraiu para si.

- Fica quieta - disse entre dentes.

Mas Daphne não podia parar nem um instante. Tomou a cara do Brant entre suas mãos e o beijou com frenesi.

- Eu adoro a sensação de te ter dentro de minhas vísceras - disse com a respiração entrecortada pelos ofegos.

- Carinho, eu...

Ela voltou a montá-lo como em um rodeio, enterrando sua ereção sob seu corpo, e Brant sentiu que perdia a cabeça. Brant fechou os punhos até que os nódulos se tornaram brancos e advertiu a expressão de surpresa nos olhos de Daphne quando a ereção chegou a seu máximo apogeu. Os músculos de Daphne se esticaram ao máximo, entre convulsões, e Brant se abandonou ao prazer. Depois abraçou a Daphne e lhe acariciou a nuca e as costas.

- É uma mulher incrivelmente atraente - sussurrou-lhe ao ouvido. - E eu adoro sua expressão de assombro justo antes que alcance o orgasmo.

Ela não foi capaz de pronunciar uma só palavra durante vários minutos. Pouco a pouco retornou à vida. Tinha a impressão de que tinha passado os últimos dois dias em uma espécie de nevoeiro.

- Se alguma vez - disse com dificuldade após erguer-se levemente - dói-te a cabeça, nunca lhe perdoarei isso. Cada vez é melhor. Eu gosto de me pôr em cima.

- Vamos comer algumas nozes - disse, enquanto sentia a ereção renascer. - Dizem que são afrodisíacos.

Ela riu e o beijou no queixo. Brant acariciou o quadril que, momentos antes, havia segurado quase com violência. Às quatro decidiram descer à praia e ficaram adormecidos sobre a areia.

Daphne tirou uma foto das cataratas aproveitando um bom ângulo de sua posição no helicóptero. O guia explicava através da megafone cada um dos lugares que visitavam. Todos tinham acolhido a filmagem de algum filme famoso.

- Maldita seja! - lamentou-se Daphne. - Fiquei sem bobina.

Brant tratou de consolá-la e lhe acariciou o joelho. Era complicado fazer-se entender por cima do ruído ensurdecedor das hélices.

O entusiasmo quase infantil que tinha demonstrado por tudo não deixava de surpreendê-lo. Recordava cada detalhe da excursão, todos os nomes e a boca fazia água ante a ideia de aventurar-se em novos lugares com nomes exóticos.

- Esta noite iremos ao Sheraton para um luau. Você gosta de porco?

- Sempre que não tenha que ver como o assam.

- Não fará falta. E o espetáculo tampouco está mau. Além disso, poderá tomar tanto ponche como quiser - prometeu Brant.

Brant deteve o carro em Koloa, caminho de seu apartamento, frente a uma galeria comercial. Deixou a Daphne só em uma loja para que pagasse com os cheques de viagem enquanto se aproximava de outra loja. Pela primeira vez desde que tinham chegado ao Hawai, Daphne sentiu que a realidade do dia a dia fazia ato de presença.

- Lamento-o, senhora, mas necessito a assinatura de seu marido para aceitar estes cheque de viagem - disse a vendedora.

- Mas eu tenho o mesmo nome - disse, consciente de que não levava nem um centavo.

- Sinto muito, senhora - desculpou-se a vendedora. - Mas são as regras.

- Entendo-o.

Deixou as bolsas no mostrador e saiu à rua. Sentou-se na entrada da loja para esperar ao Brant. Não era que estivesse acostumada a gerir seu próprio dinheiro, mas era estranho e algo embaraçoso que, apesar de ser uma mulher casada, tivesse que depender totalmente de seu marido.

-Olá, preciosa - saudou Brant com um chapéu de palha na cabeça-. O que ocorre, carinho? Onde estão as bolsas?

-Não posso assinar os cheques de viagem - disse sem ênfase.

-Ah, entendo. Em seguida volto.

tirou-se o chapéu e o pôs a ela na cabeça. Daphne ficou fora. Estava olhando postais quando Brant apareceu carregando um montão de sacolas.

- Vai ficar linda - disse. - Eu adoro o vestido dourado de alças.

- Obrigada, Brant -disse Daphne com um sorriso forçado, consciente de que ele não tinha nenhuma culpa. - Os vestidos são preciosos. Agradeço-lhe isso muito.

- Ocorre algo? - perguntou surpreso pelo tom de sua voz. - Você não gosta?

Mas ela não respondeu. Caminharam em silêncio até o carro.

- Há algo que não compreendo, Brant - apontou Daphne. - A herança do tio Clarence, é sua ou é minha?

- É de ambos, certamente - respondeu surpreso. - Estamos casados.

- Isso não é de todo certo. O dinheiro o herdou você, não é verdade?

- Sim, assim é. Mas, que importância tem isso? Tudo o que é meu te pertence.

- Sim, e todo o que é meu é teu. Salvo que eu não tenho absolutamente nada que oferecer.

Brant saiu da estrada, puxou o freio de mão e desligou o motor.

- Está bem. Quer me explicar do que se trata? - mas Daphne mordeu o lábio como uma adolescente. - Daph, incomodou-te porque os cheques estavam todos a meu nome? Se for assim, sinto muito. Amanhã mesmo irei ao banco para solucioná-lo.

- Obrigada.

- Seu entusiasmo é mortal - ironizou e encolheu os ombros. - Suponho que estou acostumado a me ocupar de meus assuntos, inclusive agora que são nossos. Logo que regressemos a Nova Iorque irei ao banco para abrir uma conta em seu nome, de acordo?

- Mas seguirá sendo seu dinheiro - disse Daphne. - Seria como uma permissão que concede a um menino para utilizar seu jardim privado.

- Que bobagem - disse e segurou o volante com força. - É minha esposa, minha responsabilidade...

- Uma carga, um parasita que depende completamente de você.

Brant arrancou de novo o carro em silencio e voltou para a estrada. Chegaram ao apartamento e ofereceu um assento a Daphne.

- Sente-se, por favor - disse. - Quero esclarecer uma série de pontos.

Daphne estava muito acostumada a acatar as ordens de outros e a dobrar sua vontade a dos outros. Sentou-se sem dizer uma palavra.

- Acreditava - disse, de pé em frente a ela, os braços cruzados - que nossos respectivos papéis tinham ficado claros. Eu me encarregaria de trazer o dinheiro a casa e você cuidaria de nosso lar. Mas se o dinheiro vai resultar um problema, porei a metade da herança em seu nome. Isso é o que quer? Terá independência. E poderá assinar todos os malditos cheques de viagem que te dê a vontade.

- Eu não ganhei esse dinheiro.

- Claro que sim! - exclamou Brant. - Foi a escrava pessoal do velho durante mais de uma década. Esse dinheiro te corresponde mais que a ninguém.

- É muito amável.

- Daph, pelo amor de Deus, somente quero que seja feliz. É minha esposa e será a mãe de meus filhos - disse em um tom cada vez mais alto.

- Filhos? - repetiu ela completamente pálida.

- Bom, eu não usei preservativos. Você está tomando a pílula?

- Não o tinha pensado - balbuciou ainda mais pálida.

Brant esqueceu qualquer indício de irritação e abraçou a Daphne com ternura.

- Sinto muito, carinho. estive tomando decisões em seu nome desde o começo. Suponho que... bom, eu me encarregarei dos preservativos a partir de agora. Falaremos de tudo isto em casa, de acordo?

- De acordo - murmurou contra seu ombro. - Sinto muito. Espero que me perdoe.

- Não tem que te desculpar. Temo que não tratamos todos os temas importam-lhes em nossas conversas. E é tua culpa porque é tão adorável que meus lábios preferem te beijar em vez de falar contigo - beijou-a na ponta do nariz. - Isso que vejo são sardas?

- É possível - disse e enrugou o nariz com graça.

Brant a levantou em braços e apertou seu corpo contra ele.

- Ainda ficam duas horas antes de ir ao Sheraton. Tem alguma ideia do que podemos fazer neste tempo?

- O que te parece se formos à praia? Talvez saiam mais sardas.

- Esquece-o - negou Brant com malícia.

Tudo tinha começado como uma brincadeira no avião de volta a Los Angeles.

- Por que não contratamos ao Winterspoon para que se mude para Nova Iorque e esteja a nosso serviço?

Ao final se converteu em um plano perfeitamente desenhado.

- Não posso esperar a que Marcie saiba a notícia - disse Brant. - Um mordomo britânico a serviço de um jogador de futebol americano.

- Quem é Marcie? - perguntou Daphne.

- Uma amiga, carinho - respondeu Brant. - Trabalha em um periódico como repórter da seção de esportes.

Ao menos uma mulher que esculpiu um futuro graças a seu trabalho sem depender de outros nem estar ao serviço de ninguém. E isso era precisamente o que ela pensava fazer. Não queria ficar de braços cruzados em seu lar enquanto a vida transcorria do outro lado da janela.

Sua chegada ao aeroporto de Nova Iorque tinha sido um calvário. Tinham ido a seu encontro a mãe de Brant e um grupo de jornalistas. Uma luz tinha brilhado sobre Daphne logo que ela entrou no terminal. Apenas tinha tido tempo de forçar um sorriso. Não tinha nem ideia de como havia averiguado a imprensa a data de sua volta. O periódico da tarde lhe ofereceu a pertinente explicação. O titular vinha assinado por uma tal Marcie: *Jogador de futebol profissional retorna com título de braços dados com rica herdeira.*

Capítulo Treze

- Como se encontra, Brant? - perguntou sua mãe ao vê-lo entrar no salão.

- Está adormecida. Estava meio drogada por causa das pastilhas contra enjoo e isto - assinalou com desgosto o periódico, - não ajudou muito a melhorar seu estado. Como o souberam, mamãe? Tem alguma ideia?

- Marcie me ligou a semana passada e eu fui tão parva que lhe contei que te tinha casado com uma garota inglesa e que estava de lua de mel no Hawai - reconheceu. - Tão simples assim.

- Bom, chamarei Marcie mais tarde - recostou-se no sofá. - Pode ter a absoluta certeza de que vou falar com ela disto.

- Eu gosto de Daphne, Brant - disse Alice. - Não se parece com nenhuma outra mulher que tenha conhecido antes. É tão...

- Doce? Ingênua? Inocente como um cordeiro?

- É possível - admitiu. - Não se preocupe. Superaremos toda esta peçonha.

Alice foi preparar um pouco de café na cozinha do apartamento de seu filho. Retornou em poucos minutos e encontrou ao Brant de pé frente à janela, com o

olhar perdido em algum ponto de Central Park.

- Posso te fazer uma pergunta pessoal, filho?

- Certamente. Todo mundo o faz sem pedir permissão - voltou-se para ela e recuou a astúcia em seu olhar limpa.

- Casou-se com ela para ter a herança?

- Em parte, sim - admitiu. - Igual a ela. Mas estamos afeiçoados um com o outro. E os dois amamos profundamente Asherwood Hall. Queremos restaurá-lo. E, graças ao casamento, podemos fazê-lo com o dinheiro da herança. É certo que é uma garota muito ingênua, jovem e inexperiente - olhou a sua mãe com certa malícia. - Bom, não tão inexperiente com relação a algumas coisas.

- Quer dizer que desfrutava do relacionamento?

- Sim - sorriu. - E o faz com absoluta naturalidade e muito carinho.

- Por certo - acrescentou sua mãe, - sua irmã e seu marido estão dispostos a voar até aqui de Houston quando requerermos sua presença para as bodas.

- Estupendo. Somente necessito um pouco de tempo para que Daphne se recupere e possamos preparar tudo. Somente a família e alguns amigos, de acordo?

- Não há problema, filho. Já falei com o padre Oakes.

- Mamãe, não quero que pense que me casei por dinheiro - disse Brant. - Mas terá que se acostumar a lê-lo na imprensa diariamente durante um tempo.

- Já sei que nunca faria algo assim.

Depois de despedir-se de sua mãe entrou no dormitório, mas não acendeu a luz. Podia ver a silhueta de Daphne estendida na cama e isso lhe reconfortou. Sabia que se deitaria a seu lado cada noite e despertaria junto a ela cada manhã ao longo de sua vida. Esse pensamento lhe outorgou uma sensação de plenitude que nunca tinha conhecido até a data. Daphne murmurou algo incompreensível quando Brant se deslizou a seu lado na cama. Beijou-a no lóbulo da orelha e a abraçou.

- Brant? - murmurou com a voz pastosa.

- Não fale, céu. Segue dormindo.

- Podemos ir ver as quedas do inferno amanhã?

- Claro que sim - disse, consciente de que estava sonhando com as paisagens da ilha do Kauai. - Faremos tudo o que você queira.

Daphne era uma mulher madrugadora, alerta e acordada no momento em que abria os olhos. Mas essa manhã lhe custou muito espreguiçar-se. Era consciente de que estava em um lugar estranho e procurou Brant. Mas não estava. Ergueu-se

lentamente e jogou uma olhada ao redor. Pouco a pouco caiu na conta de que estava no apartamento de Brant, em Nova Iorque. Recordou os acontecimentos do dia anterior e estremeceu. Comportou-se como a antiga Daphne. E ao final se deprimiu na frente da mãe de Brant.

Saiu da cama e entrou no banheiro. Ficou congelada ante a banheira. Era todo um monumento à decadência. Uma banheira circular, muito profunda e havia uma espécie de motor em um dos lados. Sentiu-se aliviada ao encontrar um chuveiro normal no outro canto. Tomou banho, secou o cabelo e tratou de arrumar-se um pouco. Três quartos de hora mais tarde, vestida com calça de lã, um suéter ajustado e um cinturão largo dourado, apareceu a cabeça fora da habitação. Escutou vozes e risadas. Supôs que a mãe de Brant estava na casa. Avançou com cautela até o salão.

- Olá - saudou timidamente. - Lamento que seja tão tarde. Mas levou mais que o habitual me levantar.

- Bom dia, carinho - levantou-se e foi a seu encontro. - Guardamos-lhe o café da manhã quente. Tem fome?

Ela assentiu e se ruborizou quando Brant a beijou na presença de sua mãe.

- Sente-se ao lado de sua futura sogra enquanto vou por seu café da manhã - disse.

- Bom dia, Daphne - saudou Alice. - Sente-se melhor?

- Sim, senhora. Ontem à noite não me dava conta, mas vejo que Brant se parece muito com você.

- Tomarei como um elogio sempre que não o diga pelo físico - brincou. - Foi tudo bem no Hawai?

Brant ficou na cozinha mais do que o necessário até que o ambiente se esquentou. Queria dar tempo para que as barreiras do protocolo se desvanecessem e dessem passo à cordialidade e ao afeto sincero. Não demorou para escutar a risada franca e fresca de Daphne. Isso o fez sentir bem.

- Aqui está o café da manhã - disse e colocou a bandeja em frente a Daphne. - Inclusive tem chá, querida.

Alice animou a Daphne para que seguisse relatando suas experiências no Hawai. Pensou que formavam um bom casal. Se ainda não amava a seu marido era por uma questão de datas. Mas tudo chegaria com o tempo. Seu filho, em troca, parecia tão indulgente, tão amável e tão atento que somente podia estar apaixonado.

- Agora - disse Alice em uma pausa das aventuras na ilha do Kauai, - temos

que falar de seu casamento em Connecticut.

Saíram os três juntos para dar um passeio pela cidade. Brant decidiu as levar a um de seus restaurantes preferidos, afastado dos cães da imprensa, no Village. Era um restaurante de comida espanhola. Mas, de volta ao apartamento, havia um casal de jornalistas esperando na garagem do edifício. Brant sabia que não poderia despistá-los. Assim que desceu do carro. Daphne recebeu um flash de luz proveniente da câmera de fotos. Não teve tempo de reagir. Notou que a mãe de Brant lhe apertava a mão para lhe infundir ânimo. Mas se mostrou incapaz de articular palavra nem de responder às perguntas dos jornalistas. Brant e sua mãe saíram ao estorvo de todas as perguntas. Daphne estava envergonhada. Pode que já não parecesse o cachorrinho da foto, mas seguia atuando como se o fosse diante de outros. Tinha voltado a ficar parada como uma estátua na frente de Brant. Sentia-se miserável.

Chegaram ao elevador e subiram ao apartamento.

- Ainda não me disse o que te parece meu apartamento, Daph.

- É muito bonito - respondeu.

- Quero dizer nossa casa - retificou em seguida. - Se quer fazer alguma mudança, somente tem que me dizer isso.

- Só desejaria que tivesse um jardim - disse e se aproximou da janela que tinha a melhor vista do Central Park. Ele tinha sonhado com um montão de hectares. Não me tinha parado a pensar que Nova Iorque é a selva de asfalto. Parece mentira, depois de tudo os filmes que vi.

- Suponho que poderíamos nos transladar a uma casa no campo - refletiu Brant.

Era uma oferta muito generosa. Mas já tinham uma casa no campo, na Inglaterra. Daphne se apressou a negar com a cabeça a proposta do Brant.

- Bom, queridos meus, acredito que vou deitar me - disse Alice com um sorriso. - Verei-lhes pela manhã.

Brant deu a sua mãe um beijo de boa noite. Depois retornou junto a sua esposa, que seguia olhando pela janela, de pé, muito concentrada.

- A cidade iluminada de noite é bonita, não acha?

Daphne assentiu. Brant a abraçou por trás e a estreitou entre seus braços.

- Está pronta para ir para a cama? - se inclinou sobre ela e lhe mordiscou a orelha.

Alice Asher partiu para Connecticut no dia seguinte para iniciar todos os preparativos das bodas. Brant e Daphne iriam no fim de semana seguinte, assim como sua irmã e seu cunhado. Essa tarde, Brant e Daphne foram a um jantar oferecido pelo vice presidente da agência de publicidade para qual Brant ia rodar seus anúncios. Daphne se tinha vestido com um traje longo novo de lamé e brincos de esmeralda que Brant lhe tinha comprado no Tiffany's. No caminho para casa do senhor Morrison, Brant informou a Daphne de todas as pessoas que ia conhecer na festa. Conduziu seu Porsche até o Long Island.

Quarenta e cinco minutos mais tarde deteve o carro frente à entrada principal. Cruzaram a soleira da porta e um bulício ensurdecedor ocupou o silêncio da rua. Havia perto de cinquenta convidados.

- Não o esqueça, céu - recordou Brant. - É a mulher mais atraente da festa e é minha esposa.

Foram ao encontro dos anfitriões e procederam às saudações e apresentações de rigor. Daphne se mostrou bastante reservada, mas a senhora Morrison decidiu que aquela era uma virtude tipicamente britânica e sorriu agradada. Pensou que tudo o lixo que havia lido na imprensa não era mais que isso, lixo. Brant não se separou de Daphne nem um momento durante as apresentações. Sentiu um enorme alívio quando lhe sorriu, livre de qualquer tensão, e lhe disse que tinha que ir ao toalete. Estava dirigindo-se com soltura. Pouco a pouco estava aparecendo seu senso de humor e tanto homens como mulheres se deixaram cativar por seus encantos. Começou a procurar Marcie com o olhar entre os convidados. Tinha-a reconhecido ao entrar e queria falar com ela. Mas não a encontrava.

Daphne estava retocando a maquiagem em frente ao espelho em uma sala contígua a principal. Nesse instante escutou uma voz de mulher.

- Vá, ao diabo se não é a rosa inglesa. Por fim estamos a sós.

A mão de Daphne tremeu e terminou pintando uma linha em sua bochecha com o batom. Girou-se muito lentamente para encarar uma ruiva muito atraente.

- Olá - disse enquanto se limpava.

- Meu nome é Marcie Ellis - disse a mulher. - Sou muito amiga de Brant.

- Um prazer, senhora. Meu nome é Daphne.

- Não tem que me chamar senhora - replicou Marcie. - Não sou muito mais velha que você. Sabe? É muito estranho que Brant se casasse com você tão depressa. Mas, sempre que quis algo se moveu depressa para seguindo-o. Não

importava que se tratasse de um carro, uma mulher ou um bom trato.

- Se fizer o favor de me desculpar, senhorita Ellis - disse Daphne quase sem apurmo, segurando a sua bolsa, caminho da porta.

- Me diga, senhora Asher - perguntou Marcie. - Como ganha a vida?

- Não trabalho.

- Entendo. É você uma dona-de-casa - e riu com vontade, mostrando uma fileira de dentes um pouco imperfeitos. - Acredito que não lhe dou mais de três meses antes de que Brant se canse de você. Depois passará a formar parte de sua coleção de antiguidades.

-Suas antiguidades são uma maravilha! - respondeu Daphne.

- Incluída sua cama? Já jogou em sua banheira? Acredito que isso gosta.

Daphne reconheceu que a estava tratando com o mesmo desprezo e a mesma condescendência que Lucinda. Sentia vontades de atirar-se sobre ela, mas a imagem da ruiva na banheira junto ao Brant a incapacitava para mover-se. Como era possível que Brant desejasse nada dela exceto o dinheiro da herança? Sentia-se terrível.

- Não está você sendo nada amável - disse e saiu do banho acompanhada pela risada do Marcie, que martelava em seu cérebro.

Saiu ao terraço para estar a sós, mas o anfitrião da festa a reconheceu e foi a seu encontro. Ao senhor Morrison não lhe resultou difícil adivinhar que Daphne não estava em seu melhor momento. Ficou a uma distância prudencial.

-Vá, senhora Asher - disse. - Eu não quero que se esfrie.

Acompanhou a Daphne de novo ao interior do salão.

- Temo que há algo que a há molestado - disse ao notar a palidez em seu rosto.

O senhor Morrison advertiu um olhar que os dirigiu desde outro ponto Marcie Ellis e lançou um profundo suspiro. Queria consolar a Daphne e lhe assegurar que tudo iria bem. Mas não era tão estúpido e sabia que aquilo era a última coisa que sua convidada precisava ouvir naquele momento. Decidiu optar por outra tática.

- Sabe, senhora Asher? - começou. - Seu marido goza de muita popularidade na cidade. E conforme me contou o próprio Brant, acredito que você passou toda sua vida no meio rural inglês. A maioria das pessoas por aqui são bastante amáveis. E aquelas que não o são acostumam a ter uma boa razão. Por exemplo, note no caso de Marcie Ellis - Daphne reagiu ao escutar o nome, mas seu anfitrião prosseguiu com seu discurso. - É uma garota encantadora, mas a notícia do casamento do Brant não lhe caiu nada bem. Temo que ela e seu marido tinham intimidade o bastante,

mas não vem ao caso agora. A verdade é que tem duas alternativas, senhora. Pode dar a outra face para que ela cuspa sobre você todo seu veneno ou lhe fazer frente e golpear primeiro. Se optar pela segunda opção, rogar-lhe-ia que não o fizesse aqui. Tenho pressão alta e um espetáculo semelhante poderia me enviar diretamente ao outro mundo.

Daphne sorriu apesar de tudo, incapaz de manter a compostura.

- Brant comentou que era você extremadamente amável, senhor Morrison - disse Daphne agradecida, - mas esqueceu mencionar que fosse tão divertido.

- Pode me chamar Dan.

- Acredito que esta noite pode respirar tranquilo, Dan - assegurou. - Não vou golpeá-la com o punho fechado.

- Vejo que já fala como uma americana.

- É muito amável, mas custa romper com os hábitos de toda uma vida - conteve a respiração um momento e jogou os ombros para trás. - Acredito que chegou a hora de que deixe de me esconder atrás de meu marido. Afinal, já sou uma mulher.

- Uma mulher dos pés à cabeça, sem dúvida - admitiu Dan.

Brant levantou a vista e viu sua mulher em um animado bate-papo com Dan Morrison.

- Vá, Brant! Sua mulher está tão desesperada que tem que ir a tipos como nosso anfitrião?

- Olá, Marcie. Tratei de te localizar ontem, mas tinha saído. Que tal está o mercado das exclusivas?

- Bem, suponho. Agora que o penso, todavia não me concedeu a exclusiva que me tinha prometido - recordou Marcie.

- Até que ponto te faz falta?

Marcie o olhou de perto. Notou que estava tenso e seu olhar tinha um brilho especial.

- Um cavalheiro com armadura do futebolista! Teria um aspecto imponente. É minha coisa ou quer que façamos um trato?

- Sim, poderia expô-lo nesses termos. Nada de trapos sujos, Marcie. Não quero mais ataque a minha mulher nem insinuações maliciosas a respeito das circunstâncias de nosso casamento. Unicamente a verdade, tão clara como a água. Essas são minhas condições - concluiu Brant.

Marcie estremeceu ligeiramente quando Brant tinha mencionado a palavra esposa ao referir-se a Daphne.

- Está seguro de que quer a verdade nua, sem disfarces? A meu ver, a verdade nua transforma uns olhos verdes muito pequenos em uma mina de ouro e você... - girou-se para partir, mas não pôde resistir e acrescentou. - Pessoalmente, acredito que sua esposa tem tanto interesse como um repolho.

Brant não perguntou a Daphne do que tinha falado com o senhor Morrison e ela não mencionou seu desagradável encontro com Marcie Ellis.

A tarde seguinte Brant se dedicou a árdua tarefa de explicar a Daphne como se preenchia um cheque e como se gerenciava um talão de cheques. Levantou a vista ao escutar a campainha da porta e franziu o cenho.

- Quem demônios será... - começou a falar enquanto ia abrir.

Ao abrir a porta retrocedeu um passo. No corredor estavam quase todos os jogadores da equipe dos Astros de Nova Iorque. Acompanhados por suas respectivas mulheres e com um montão de garrafas de champanhe.

- Surpresa!

Capítulo Catorze

- Tome outra taça de champanhe, Daph.

Sorriu a Tiny Phipps e lhe estendeu a taça vazia.

- Sempre tinha pensado que o apartamento do Brant era enorme - disse atônita. - Agora me parece a casa de um liliputense assaltada por um montão de gigantes.

- Sim - admitiu Lloyd Nolan. - Teria que ver este lugar quando estamos todos.

- Ainda faltam mais?

- É claro que sim. Estamos fora da temporada e não pudemos reunir a todos os meninos. O que te parece Nova Iorque, Daph?

- E o que opina do futebol americano?

- Sim, teria que ver o Dancer em ação. Trouxemos alguns vídeos das partidas para que nos veja jogar.

- Eu adoraria - assentiu entusiasmada. - Brant me mostrou o filme de uma partida na Inglaterra.

- Lloyd também quer que admire a ele - disse uma encantadora mulher de cor

enquanto golpeava ao Lloyd nas costelas. - Meu nome é Beatrice e sou sua caracemetade, mas não é necessário que recorde meu nome. Suponho que estará saturada.

- Sim - admitiu com um sorriso. - Realmente se chama Dancer? A verdade é que nunca me havia isso dito, mas dançou muito bem em nossa lua de mel.

Houve uma gargalhada geral na sala depois de suas palavras. De repente, Daphne sentiu o peso de um braço enorme sobre seus ombros.

- Não faça caso destes idiotas, Daph - disse Williams, um defesa de primeira linha. - A seu homem o apelidaram assim porque é esperto na hora de evitar os bloqueios. Não gosta que lhe danifiquem sua bonita figura.

- Entendo - disse Daphne com seriedade. - A verdade é que tem um corpo esplêndido.

Uma observação tão cândida provocou uma nova gargalhada geral entre os convidados. Brant, que estava falando com seu treinador, levantou o olhar em direção ao grupo que rodeava a sua mulher.

- Uma garota encantadora, Brant. E parece sentir-se muito a vontade com todo mundo - acrescentou Sam Carverelli. - Acredito que Tiny se apaixonou por ela.

A verdade é que parecia que estivesse em seu elemento, sem complexos, rodeada de um monte de jogadores de futebol e de suas respectivas parceiras. Mal podia acreditá-lo. Escutou como abriam mais garrafas de champanhe. Piscou com certo assombro ao ver como sua mulher e uma dúzia de jogadores saíam do salão.

- Vamos mostrar a sua mulher uma de suas famosas jogadas - gritou Guy Richardson por cima do alvoroço. Seguro que recorda essa em que tentou um quebro e lhe caçaram...

Meia hora mais tarde Brant entrou no escritório e encontrou a Daphne sentada no chão em frente ao televisor, rodeada só por mulheres. Os homens estavam dispersados pelo resto da estadia.

- Note neste passe, Daph - estava dizendo Lloyd. - Mais de cinquenta metros e a bola me cai exatamente nas mãos.

Todas as mulheres chiaram exaltadas, a voz de Daphne por cima do resto, quando a jogada terminou com êxito na zona de pontuação.

- Como evita que a bola trema e se cambaleie em um lançamento tão longínquo?

- Técnica, querida - disse Lloyd. - É tudo questão de técnica.

- Tem muita técnica!

- Isso parece - admitiu Daphne.

O treinador tirou uma bola de um armário e explicou a Daphne como devia segurá-la antes de lançar.

- Note bem nas costuras. Daphne - disse Sam. - Vê como o faço eu? Agora, tente você.

- Passe-me isso Daph - disse Lloyd enquanto retrocedia para a esquina do escritório.

Daphne lhe lançou a bola e ele a agarrou contra seu peito. Deixou escapar um grunhido e cambaleou um pouco para trás.

- Se não a tivesse apanhado, essa bola haveria terminado em Central Park - assinalou Tiny, que se tinha encarregado de que não faltasse o champanhe em nenhum momento.

- Uma mulher com talento - disse Beatrice a Brant.

- Umas mãos pequenas - admitiu com um sorriso, - mas, em efeito, com muito talento.

- Eu adoro quando te põe a dizer coisas sujas, Brant - apontou Tiffy Richardson.

- Falar não custa dinheiro - replicou com o olhar fixo na avultada barriga de Tiffy.

- Note nesse movimento de pulso antes do lançamento!

Brant piscou com incredulidade. A observação tinha saído da boca de sua esposa britânica, que tinha os olhos fixos na tela do televisor.

- Brant, cuidado! - acrescentou a seguir.

- Sinto muito, amigo - desculpou-se Ted Hartland, enquanto no filme da partida três defesas dos Patriotas se equilibravam sobre ele.

- Uma partida horrorosa - recordou Sam. - Estiveram a ponto de te partir uma costela.

Daphne se voltou para olhar atentamente a seu marido. Brant se abaixou junto a ela.

- Não me passou nada, céu. Somente algum outro golpe. Tudo forma parte do jogo, em especial quando estes parvos não entendem minhas instruções.

- Sua mulher não deseja que seu esplêndido corpo fique machucado, Brant - disse Nolan.

- Todos têm uns corpos esplêndidos - disse Daphne. - E deveriam ter muito cuidado. Não, está de acordo, Beatrice?

- Certamente - assentiu ela. - Não recorde a quantidade de ocasiões em que Lloyd regressa para casa feito uma verdadeira bagunça.

- Seguro que não deixa de queixar-se para que dele cuide - interveio Sam.

Todos começaram a discutir a respeito da suposta galhardia dos homens, que sempre se desvanecia assim que cruzavam a porta de suas respectivas casas.

- Então se derruba como um menino - disse Tiffy. - E isso que Guy quase nunca recebe golpes porque é o kicker.

Brant se sentou no chão ao lado de Daphne, mas permitiu que os meninos seguissem explicando as jogadas a sua esposa. Era como uma esponja e absorvia tudo a uma velocidade vertiginosa. E se alguma vez não compreendia alguma coisa, não duvidava em perguntar. Toda aquela gente era sua família e ela encaixava à perfeição.

- Ouça, Brant, tem um quadro negro?

- Sinto muito - disse em direção ao Nolan. - Para que?

- Daphne quer saber como é um dobro reverso.

- Esperaremos a que melhore o tempo e o demonstraremos em direto no parque. Você gostaria de aprender a jogar futebol, Daph?

Ela assentiu com entusiasmo e Tiny esboçou um sorriso radiante.

- Teve muita sorte - disse ao ouvido de Brant a esposa de Guy. - Todos estávamos muito preocupados com você.

- Apresentaram-se de surpresa para me apoiar? - perguntou Brant com receio.

- Ou queria saber se me tinha casado com uma cretina por dinheiro?

- Bom, os comentários mais ruins saíram da boca da Marcie e todos sabíamos que trataria de apresentar os fatos do pior modo possível. Daphne é... - fez uma pausa enquanto procurava a palavra. - Faz com que aflore em você o instinto de amparo, não é certo? Parece uma garota muito doce, Brant.

- Sim - disse, - é-o.

- Eu adoro escutá-la. Acredito que a maioria dos americanos se sentem atraídos pelo sotaque inglês.

- Em especial se fala do giro de uma boneca - recordou com um fingido sotaque britânico.

Guy Richardson pôs no vídeo os últimos dez minutos de sua partida contra os Steelers enquanto explicava tudo o que havia ocorrido e como se produziu a derrota final. Daphne se mostrou tão indignada como o resto.

- Isso é injusto - gritou. - É muito melhor que esse tipo. Sinto-o muito. A

próxima temporada irá destroçá-los. Prometo-lhes isso.

Os Astros não partiram até perto da meia-noite. Tiny tinha pedido uma dúzia de pizzas e Brant assistiu com a ternura de um pai à cena em que os jogadores zombavam da piedade do Daphne com respeito às anchovas. Ninguém partiu até que toda a casa recuperou o aspecto limpo e digno que tinha tido antes de sua inesperada chegada. Daphne recebeu tantos empurrões que terminou a noite com dor de costelas. Quando o último convidado se despediu, voltou-se para o Brant e o rodeou com seus braços pela cintura.

- Sinto-me tão feliz! Nunca antes tinha conhecido a tanta gente tão agradável.
- Está bêbada - disse Brant, e esfregou sua costa de cima abaixo.
- Não o suficiente - disse, o olhar desafiador, e separou os lábios.

Beijou a ponta de seu nariz e a levou ao quarto. Totalmente nua, Brant a obrigou a colocar-se de barriga para baixo e ela o olhou com um ar interrogativo.

- Confia em mim - disse Brant e se inclinou para beijá-la na nuca.

Brant se movia rápido. Já estava dentro e ela gemia brandamente, entre risadas débeis, enquanto Brant lhe acariciava os peitos e o ventre. Brant recordou vagamente que o compromisso com a ginecologista não seria até o dia seguinte. Mas ao tentar retirar-se, ela girou sobre si mesma para senti-lo ainda mais dentro de seu ser.

- Carinho - disse Brant com desespero, - não se mova.

Mas seus dedos não cessavam em suas carícias e ela se estremeceu. Não podia parar chegado a esse ponto de excitação.

- Posso notá-lo - ofegou Daphne. - Estou completa contigo.

As emoções se encadearam uma atrás de outra, em uma sucessão selvagem e primitiva que os conduziram ao paroxismo. Brant não foi consciente de nada salvo do abismo de prazer no que estava submerso, entre a calidez de suas coxas.

- Só contigo - disse Brant. - Só contigo.

Um minuto mais tarde dormiu. O que teria querido dizer com isso? Daphne, que ainda não se recuperou dos efeitos de sua própria excitação, não soube encontrar uma resposta. Enrolou-se junto a ele, a cabeça contra seu peito. Escutou como o coração do Brant recuperava o ritmo lentamente e ficou adormecida a seu lado, em um estado de felicidade plena.

- Queria pagar com um cheque - disse Daphne a vendedora.

Ela e Brant acabavam de sair da consulta da doutora e ele tinha decidido que

deveriam celebrá-lo. O diafragma estaria preparado em dois dias. As botas que se anunciavam em oferta na vitrine os tinham decidido a entrar na loja. Daphne nunca tinha estado tão nervosa.

- Certamente, senhora - respondeu a vendedora. - Não gostaria de beneficiar-se dos serviços de nosso cartão? É muito mais fácil.

Daphne se perguntou onde se haveria se metido Brant. Tinha dado a aprovação para sua escolha e depois tinha desaparecido por arte de magia.

- Um cartão de crédito - repetiu.

Nunca tinha sido titular de nenhum. De repente aquilo adquiriu uma importância vital para ela.

- Sim - assentiu, - eu adoraria.

- É óbvio - sorriu a vendedora agradada. - Seguro, senhora Asher, que não lhe darão nenhum problema.

Brant encontrou Daphne após vinte minutos no sexto andar, aonde a tinha mandado a vendedora. Estava sentada, muito ereta, frente a um homem de aspecto cansado que levava uns óculos que deslizavam continuamente sobre a ponte de seu nariz. Escutou a voz do homem desde sua posição.

- Necessitará da aprovação de seu marido, senhora Asher, e, como lhe disse, sua assinatura.

- Mas o cartão é para mim, não para meu marido.

- Senhora Asher... - repetiu o homem com certo aborrecimento. - Senhora, é política da empresa. Você carece de ganhos próprios.

- Há algum problema? - interveio Brant após dar um passo à frente.

- Senhor Asher? - o homem parecia aliviado. - O jogador de futebol? Um prazer, senhor. Somente precisamos sua assinatura e alguns dados para preencher a ficha.

Brant já tinha dois cartões de crédito e não necessita um terceiro, mas o olhar angustiada de Daphne o decidiu.

- Certamente - disse e se sentou junto a sua esposa.

Compreendeu que tinha interpretado mal a cena quando escutou a repentina intervenção de sua mulher.

- Quero o cartão de crédito em meu nome, não ao dele

- Senhora Asher - suspirou o encarregado, - não posso acreditar que os trâmites sejam tão diferentes na Inglaterra. Claro que pode ter um cartão de crédito a seu nome. Mas a conta principal estará em nome de seu marido. É sua

responsabilidade...

- Não, o senhor Asher não quer um cartão desta cadeia de lojas. Somente quero eu! - exclamou Daphne. - Serei eu quem preenche os cheques, não ele.

- Senhora, você não tem uma fonte de renda estável - repetiu o homem e lançou um olhar de súplica ao Brant. - Não tem trabalho.

Brant não sabia o que podia fazer. Daphne estava furiosa. Tratou de parecer calmo e comedido.

- Minha mulher possui ganhos próprios - disse. - Recebe mil dólares ao mês que são depositados em sua conta. Poderíamos preencher esse maldito formulário, por favor?

Uma vez mais lhe tinha sido concedido uma permissão. Apesar de que gozava de mais de duzentos mil investidos em bolsa, depois da intervenção do assessor de Brant, somente podia demonstrar como rendimento os juros trimestrais desses investimentos. Mordeu a língua, mas a raiva lhe corria pelas veias. Uma vez mais se sentia inútil. Ficou de pé de um salto e segurou sua bolsa como se fora uma arma.

- Não quero seu cartão de crédito, senhor - disse. - Descerei e preencherei um cheque pelo valor de minha compra.

- Espera, Daphne - disse Brant, mas ela já tinha saído do escritório.

- Possivelmente em outro momento - desculpou-se Brant frente ao homem e o olhar de comiseração deste o levou a querer estrangular a Daphne.

Daphne tivesse preferido não ter ido além da vitrine mas preencheu o cheque com muita atenção e o estendeu a funcionária com um gesto solene.

- Posso ver sua carteira de motorista ou cartão de crédito, senhora Asher?

- O que? - disse totalmente pálida.

- Posto que não tem nosso cartão de compra - explicou, - necessito uma identificação para validar seu cheque. É a política da empresa.

Brant tinha chegado a tempo para escutar a explicação. Fechou os olhos e imaginou que estava jogando uma partida na ensolarada Califórnia. Inclusive teria preferido ir jogar a Alaska. Tudo era culpa dele. Não lhe tinha ocorrido que Daphne fosse necessitar uma identificação para os cheques.

- Não tenho nenhum passaporte - disse entre dentes.

- Suponho que é você nova no país, senhora - disse a vendedora. - Posso falar com o encarregado, se o desejar. A não ser que seu marido...

A mulher optou por calar-se ante o olhar de ódio de Daphne e desapareceu. Brant pensou que tinha sido o suficientemente pronta para afastar-se antes da

erupção do vulcão. Tomou a Daphne pelo braço com ternura. Podia sentir como todo seu corpo tremia através da manga do casaco.

- Esqueci-o - desculpou-se Brant. - Você conseguirá uma carteira de identidade esta semana.

As lentes de contato lhe picavam ao tempo que as lágrimas apareciam em seus olhos. Esfregou com as mãos os olhos umedecidos e uma das lentes de contato se deslocou. Caiu sobre o mostrador como uma lágrima verde lima de plástico. Daphne soltou uma maldição. Brant se assustou tanto que começou a rir.

- Odeio-te - disse ela com a voz entrecortada. - Não quero essas malditas botas nem nada, entende-o?

As arrumou para recuperar a lente de contato do mostrador e saiu. Brant ficou junto à caixa, suportando as olhadas de desaprovação de outros clientes, como um idiota. Estendeu um cheque em silêncio, agarrou a bolsa com as botas e foi esperar na porta do banheiro. A espera foi longa e havia começado a pensar que Daphne o tinha deixado plantado. Cinco minutos mais tarde apareceu, cabisbaixa. Levava o gorro de lã tecido à mão encasquetado até as sobrancelhas.

- Vamos patinar sobre gelo - anunciou Brant e a agarrou com firmeza do braço.

- Acaso não tem uma entrevista? - disse ela sem olhá-lo.

- A entrevista pode esperar. Chamarei por telefone.

Foram patinar no Rockefeller Center e Brant viu como Daphne combatia toda sua frustração sobre o gelo. Era muito boa patinadora, ágil e rápida e Brant suspirou aliviado.

- Amanhã iremos tirar sua carteira de motorista - anunciou com tranquilidade no táxi que os conduziu de volta ao apartamento.

- Está seguro que não se importa que me mostre com seu flamejante Porsche? - perguntou com evidente sarcasmo.

A ideia de que outra pessoa que não fosse ele ficasse no comando de seu carro lhe produzia calafrios, mas não disse nada.

- E se bater seu maldito carro? Não tenho carteira de identidade, nem um seguro e nem sequer aceitariam meus cheques.

Felizmente, nesse instante o táxi se deteve frente a seu edifício e Brant evitou responder as perguntas de Daphne enquanto procurava o dinheiro para pagar a corrida. Não disse nada até que estiveram no apartamento. Deixou a bolsa com as ditosas botas sobre o sofá de má maneira.

- Já está bem, Daph. Temos que deixar as coisas claras de uma vez por todas - disse Brant. - Não quero mais comentários sarcásticos nem comportamentos infantis.

Mas ela se afastou sem dizer nada e entrou na cozinha. Bebeu um copo de água enquanto sentia o olhar do Brant cravada em suas costas.

- Já terminou? - perguntou Brant.

- Não, tenho que ir ao banheiro.

Brant foi atrás dela até que a porta do quarto se fechou de uma portada frente a seu nariz. Estava tratando de suavizar as coisas, mas os únicos resultados visíveis eram cenas cada vez mais pueris por parte de sua esposa. Estava bastante frenético quando ela retornou ao salão ao cabo de dez minutos.

- Estou farto de você - disse Brant subitamente. - Teria que me haver casado com uma mulher em lugar de aceitar a uma menina ingênua e estúpida cuja única habilidade reside na cama.

Mal suas palavras saíram de sua boca compreendeu que tinha sido injusto, mas não estava disposto a voltar atrás. Finalmente lhe prestava atenção. Daphne o olhava fixamente e seus olhos eram dois tições que despediam fogo.

- Se começar a me xingar outra vez, estou fora. E bem? Está disposta a discutir comigo como duas pessoas adultas ou pretende continuar igual? E não meneie fuja como costuma! - Brant a segurou pelos ombros e a sacudiu. - Bem?

- Acredito que deveria preparar o jantar - disse Daphne.

- Vá! E o que vai a ser, um? Guisado de atum queimado? Ovos mexidos crus?

- mas Brant se golpeou com os dedos na cabeça. - Lamento-o, não queria dizer isso. Sente-se comigo, por favor.

Daphne se acomodou em um canto do sofá e ficou olhando fixamente uma escultura rosa de mármore de uma mulher nua colocada em uma mesa auxiliar.

- Daph - disse Brant fazendo provisão de paciência, - o que ocorreu hoje foi uma tolice. Não havia motivo para que reagir com tanta violência. Não é tão grave. Terá sua carteira de identidade e poderá comprar em todas as lojas da cidade. O que mais quer?

- Quero ir a casa - disse, e ao minuto se deu conta do ridículo de sua proposta.

- Não, não é certo. Simplesmente, sinto-me totalmente... inútil.

- Inútil! É minha esposa! Ou está começando a lamentar nosso casamento?

- Não, não se trata disso - disse com tristeza.

Sentia-se estúpida e culpada. Afinal não era culpa do Brant que ela não

pudesse comportar-se como qualquer pessoa adulta. Como lhe teria podido passar pela cabeça que lamentasse seu matrimônio? Era o homem de sua vida. Umedeceu os lábios ressecados.

- É somente que...

- Por favor, não me solte esse cilindro psicológico de que não sabe qual é seu lugar no mundo e que quer encontrar um sentido a sua existência.

- Muito bem, mas não se trata de nada psicológico. Economizar-te-ei qualquer tipo de cilindro. Não tinha que ir a uma importante entrevista?

- Sim, em efeito - disse e se levantou. - Quando voltar sairemos para jantar.

Daphne viu como Brant colocava sua jaqueta de couro e saía batendo a porta. Passeou por toda a casa, de um lado a outro, até que se instalou no escritório. Ligou a televisão, pôs em marcha o vídeo e começou a olhar uma das partidas de Brant. Começou a sentir um comichão de prazer ao longo de seu corpo enquanto passavam as jogadas.

- Isso - disse em voz alta - foi um lançamento em parábola. Não saiu bem, mas foi um bom intento.

Capítulo Quinze

- Bem-vindos, meus queridos - disse Alice e abraçou primeiro a Daphne e depois a seu filho. - A casa está lotada. Mas, apressem-se. Faz um frio de morte. Não é preciosa a neve? Deixem que me ocupe de seus casacos. Daphne, querida, tenho uma surpresa muito especial para você.

Mas era muito mais que uma surpresa. Primeiro viu Winterspoon, depois a tia Cloe e rompeu a chorar imediatamente.

- Minha menina! - exclamou Cloe. - A que se devem essas lágrimas? Veem aqui e me dê um forte abraço. E deixa de chorar.

- Bem-vindos a casa - saudou carinhosamente Brant. - Espero que sua viagem não tenha resultado muito pesado.

- Foi bastante suportável, senhor - sentenciou um lacônico Winterspoon.

- A verdade é que foi uma viagem muito prazenteira - disse Cloe com um sorriso. - Muito obrigado por enviar as passagens, Brant.

- Foi tua idéia? - disse Daphne, que seguia abraçada a sua tia.

- Sim - admitiu com um olhar intenso. - Pensei que se agradaria voltar a vê-los.

Daphne ficou sem palavras a princípio. Imediatamente se equilibrou sobre ele, abraçou-o e afundou a cara em seu pescoço. Os últimos três dias tinham resultado estranhos, plenos de tensão entre eles, salvo quando estavam na cama. E tinham passado a maior parte do tempo deitados. E ela havia respondido com entusiasmo, apesar da dor que tivesse podido sentir.

- Já não te odeio - sussurrou. - Acredito que é um homem muito bom.

- Obrigado, meu amor. A verdade é que devorou meu corpo durante os últimos dias em mais de dez ocasiões - recordou Brant. - Pode ser que o ódio não seja tão mau.

- Prometo te devorar muito mais frequentemente a partir de agora.

- Já está bem, pombinhos - disse Alice. - Dentro de uma hora chegarão Lily, Dusty e os meninos de Houston.

Brant mordiscou o lóbulo da orelha de Daphne enquanto subiam as escadas a caminho de seu antigo dormitório.

- Não terá esquecido o diafragma, verdade?

- Acredito que terei que trocá-la na próxima semana - disse ela com um olhar que provocou a imediata excitação de Brant.

A mesa da sala de jantar estava coberta de travessas com comida. O bom humor imperava no ambiente e se mesclavam no ar as risadas adultas e a gritaria infantil.

- É muito mais atraente do que as palavras de Brant deixavam transparecer quando me falou de você - disse Lily enquanto servia a comida no prato de sua filha.

- Essas coisas não se dizem, carinho - interveio Dusty. - Acredito que os meninos de Houston se voltariam loucos só vendo.

- Não pretendi resultar descortês - retificou Lily.

- Sempre diz o que primeiro lhe vem à cabeça - explicou Brant.

Daphne parecia muito mais fascinada pelo acento texano de Dusty que pela discussão entre os irmãos. O homem prometeu que cantaria algumas músicas texanas na sobremesa.

- Eu adoraria escutar qualquer canção - admitiu Daphne.

- Coma um pouco mais de frango, querida - ofereceu Alice. - Mal provou um bocado.

- Minha mãe tem razão - disse Brant. - Tem que te alimentar para estar forte, carinho.

Daphne sorriu a seu marido, mas em seguida se voltou para Cloe.

- Tem que ir ao Hawai, à ilha do Kauai - disse com emoção. - É um lugar paradisíaco e todo mundo é muito amável.

- Seguro que os deixou a todos sem fala com seu biquíni laranja - disse Cloe.

- Vi-me obrigado a contratar a uma equipe de guardas de segurança para evitar que os homens a acossassem - disse Brant de brincadeira.

- De verdade, tio Brant? - perguntou seu sobrinho Keith, de oito anos, com os olhos muito abertos e o garfo no ar.

- Claro que sim - assegurou. - E eram todas mulheres.

- Não minta a seus sobrinhos - reprimou-lhe sua irmã. - Somente a metade dos guardas eram mulheres, carinho.

- Este prato está realmente saboroso, senhora - disse Winterspoon. - Confio em que me dará a receita.

- Certamente, Oscar - assentiu Alice. - Tem previsto cozinhar para o Brant e Daphne?

- Em efeito. A senhorita tinha sido proibida categoricamente de entrar na cozinha em Asherwood Hall.

- Chega de protocolos, Winterspoon. Isto é a América - disse Brant. - Nada de senhorita ou semelhante. Resulta embaraçoso.

- Eu adoro - apontou Lily. - Vá, esqueci fazer uma reverência!

- Quando começam os treinamentos? - perguntou Dusty.

- Muito logo, temo - replicou Brant. - Dentro de uns quatro meses. Vamos concentrar-nos no norte do estado de Nova Iorque e a umidade é tão alta que faz suar até os esquilos.

- E o que aconteceu com esse anúncio de televisão, irmãozinho?

- Estará no ar a semana que vem, acredito - disse Brant. - Mas se trata de equipamento esportivo, Lily. Nada de roupa de baixo ou espuma de barbear.

- A roupa de baixo estaria bem - disse. - O que opina, Daphne? Importar-se-ia que um monte de mulheres visse o Brant em cueca através da pequena tela?

- Absolutamente - exclamou Daphne. - Está tão bonito...

- Mas - disse Brant em um sussurro ao ouvido de sua mulher, - se você quase nunca me viu com roupa de baixo.

- O que está dizendo, tio Brant? - perguntou sua sobrinha Patrícia.

- Só dizia a sua tia Daphne que tem muito bom gosto.

- Daphne é um nome muito curioso - apontou Danny.

- Pode me chamar Daph. Seu tio o faz.
- Você e o tio Brant vão ter filhos? - perguntou Patrícia.

Os feijões engasgaram repentinamente a Daphne e teve que beber água. Brant a golpeou nas costas com delicadeza para ajudá-la a passar o mau gole.

- Sim - acrescentou Keith. - Seria genial ter primos.
 - Está bem, carinho? - perguntou Brant e ela assentiu sem dizer uma palavra.
- Então se voltou para seus sobrinhos. - Bom, é um trabalho árduo. Você que opina, Daphne?

O olhar sarcástico de Brant indicou a Daphne que deixava para ela responder. Encantava-lhe fazê-la avermelhar. Era a maldição de todas as loiras.

- A verdade é que eu adoraria ter filhos - disse Daphne para surpresa geral. - Mas seu tio é um homem muito ocupado. Tem que ter paciência.

- Mas eu não acreditei que quisesse... - balbuciou Brant. - Bom, dava a impressão...

- Gaguejou da mesma forma nas dez primeiras tira do anúncio - disse Daphne, que o estava inventando sobre a marcha. - Sempre que fica nervoso, excita-se ou se surpreende e começa a gaguejar.

- Pequeno problema, moço - disse Dusty. - Não tinha nem ideia. Sempre me tinha parecido que foi mais seguro que um par de botas de água.

- Isso acreditava também eu - disse Brant com certo humor, embora seu olhar não era nada amistosa quando se encontrou com o rosto de Daphne.

- Quanto tempo tem pensado ficar conosco, Cloe? - perguntou Alice depois de limpar a garganta.

- Só quero conhecer todos esses jovens e atléticos jogadores de futebol - disse Cloe. - Se todos forem como seu filho...

- Todos são maravilhosos, tia Cloe - disse Daphne.
- E assim grandes em todos os sentidos?
- Sim, senhora. Mas não acredito que deva conhecê-los todos ao mesmo tempo.

- Sim - corroborou Brant. - Não queremos que sofra uma parada cardíaca, Cloe.

- Por nada do mundo, senhor - assentiu Winterspoon.

A cerimônia religiosa, oficiada pelo reverendo Oakes na manhã seguinte na igreja presbiteriana do Stamford, foi singela, elegante e breve. Daphne havia

escolhido um vestido amarelo pálido de lã e Brant um traje negro.

- Sente-se agora duplamente casada? - perguntou Brant ao beijá-la delicadamente nos lábios ao término dos ofícios.

- A verdade é que estou morta de medo - respondeu ela.

- Por que? Já sabe o que vou fazer com seu adorável corpo esta noite.

Ela não reagiu do modo previsto, mas Brant não teve tempo de lhe perguntar o que era o lhe rondava a cabeça. Os meninos, que se haviam comportado de um modo exemplar até esse momento, romperam o protocolo e se lançaram aos braços de seus tios.

- Mamãe sempre dizia que nunca se casaria - disse Keith - e agora se casou duas vezes.

- E com a mesma mulher - acrescentou Patrícia.

- Parabéns, Daphne - disse Lily e abraçou a sua cunhada. - Pensa arrastar a Brant de volta ao Hawaí?

- verdade - disse Brant - sou eu quem vai arrastá-la de retorno a Inglaterra. Temos muito que fazer ainda no Asherwood Hall. O que opina, carinho?

- Sim - disse sem olhá-lo na cara.

- Você e eu vamos ter um bate-papo mais adiante - disse Brant muito sério e se afastou para conversar com o reverendo Oakes.

Posto que não eram, tecnicamente falando, recém casados, Brant passou o resto da tarde mostrando os arredores do Stamford ao Winterspoon e Cloe. Não ficou a sós com Daphne até a noite.

- Não é necessário que ponha a camisola - disse Brant. - Vou ocupar me de que não passe frio. se aproxime, Daph.

Ela começou a despir-se. Sentou-se no bordo da cama e apagou a luz da mesinha.

- Deixa a luz acesa - disse Brant. - Quero ver-te a cara.

Ela vacilou e Brant franziu o cenho.

- Daph, conheço seu corpo quase tão bem como o meu. O que te ocorre, carinho?

Ela meneou a cabeça negativamente e lhe deu as costas para tirar a roupa de baixo.

- Uma vista preciosa - disse Brant. - Me encantam suas longas pernas e você...

- Brant! - exclamou e se meteu na cama, cobrindo-se até o queixo com os lençóis.

Brant, apoiado sobre um cotovelo, estava estudando o perfil de Daphne.

- Está bem - disse. - Acabaram-se as bromas. O que te ocorre? Não penso me passar a noite enquanto se decide a falar.

De repente ela se voltou e o abraçou muito forte. Afundou a cara em seu ombro. Estava tremendo e sentiu suas mãos cravadas em sua pele.

- Carinho - murmurou sobre seu cabelo. - A que vem tudo isto? Fala, por favor!

- Hoje foi à cerimônia e me deu a impressão de que o fazia por obrigação - sussurrou Daphne.

- E o que esperava? - perguntou, repentinamente sério. - Já estamos casados, Daphne. Esta cerimônia era um presente para minha mãe.

- Tenta lhe pôr boa cara a uma carga que lhe impuseram.

- Se você for uma carga - disse com as mãos nas nádegas de Daphne, - então seguro que as rãs criam cabelo em alguma parte.

- Poderia desfrutar do sexo com qualquer mulher e sabe. Antes ou depois se cansará de mim - disse Daphne.

- Por que?

- Porque sou estúpida, inútil e se casou comigo por obrigação e interesse.

- Não é estúpida - negou Brant. - Às vezes me põe furioso, é certo. E estou atado a você e espero seguir assim muito tempo.

- Quer retornar a Asherwood Hall porque aqui te ponho em ridículo.

- Assim que se trata disso? - disse Brant. - É uma parva, Daphne. Atraente, carinhosa e completamente tola. Quero retornar porque eu adoro aquilo, como a você. É nossa outra casa e não quero que se estrague. Ainda não terminamos que lixar as prateleiras da biblioteca.

- Mas eu não sirvo para nada - insistiu. - E não quer ter filhos porque isso te obrigaria a ficar junto a mim.

Brant não disse nada. Daphne sentiu as mãos de Brant rodear sua cintura, acariciar seu ventre e, com os dedos estirados, deslizar-se entre suas coxas.

- O que está fazendo? - perguntou com a voz entrecortada.

Sentiu o dedo de Brant dentro de seu sexo e tentou afastar-se, presa da confusão.

- Fica quieta - disse Brant. - Um pouco mais longe. Já estamos. Uma pena, mas já não necessitamos o diafragma.

Escutou como golpeava contra o chão.

- Não o entendo. por que tem feito isso?

- vamos ter um filho.

- Mas você não o deseja. Somente está fazendo isto porque é um cavalheiro.

- Deus, é suave e cálida! - disse Brant e ela se estremeceu ao sentir seus dedos acariciando-a cada vez com mais força.

- Brant!

- Deixa de se queixar e me beije. Volta-me louco o contato de sua pele, sua carne ardente, e penso percorrer cada polegada de seu corpo assim que se acalme.

- Faz que me sinta como uma mulher desinibida - disse com uma risada leviana.

- Eu sim que me sinto desinibido - disse Brant. - Desejei-te todo o dia, senhora Asher.

Beijou-a com paixão, separou suas pernas e pressionou seu corpo contra o de Daphne.

- É todo um homem - disse entre ofegos ao sentir os embates em seu ventre.

- E não te alegro?

A resposta de Daphne se concretizou na sucessão de gemidos que acompanharam o ritmo compassado de seus corpos. Brant sentiu os músculos de suas coxas fechar-se como uma armadilha mortal sobre seu membro. Mas se retirou lentamente. A respiração de Daphne era selvagem. Tentou atraí-lo de novo ao fundo de suas vísceras.

- Não, meu amor, ainda não - sussurrou Brant. - Estou fora de controle e não poderei me conter se voltar a entrar.

- Mas...

- Cala, quero que se sinta igual a eu.

Ela se entregou por completo a ele enquanto Brant acariciava com a língua, consciente de que as sensações cresceriam até que Daphne perdesse o sentido da realidade. No momento em que seus gemidos se transtornassem em gritos selvagens haveria chegado o momento. Quando isso ocorreu, Brant sossegou seus gritos com seus beijos e a penetrou. Daphne pensou que tinha alcançado o paraíso dos sentidos. Olhou a seu marido aos olhos e viu que ele também tinha alcançado o clímax. Emitiu um grunhido surdo entre dentes, girou a cabeça e arqueou as costas.

- É minha esposa - disse enquanto o invadiam um amontoado de emoções a qual mais cálida ante uma verdade tão simples como aquela. - Minha mulher.

- Sim - disse ela e o beijou.

- Nunca tinha feito amor com outra mulher nesta habitação - disse.

- Acredito-te - replicou Daphne.

Brant se tombou de costas a seu lado e apagou a luz. Ela se aconchegou a seu lado e apoiou a cabeça sobre seu ombro.

- Não - disse ele de repente.

- Não? - perguntou ela entre bocejos.

- Não podemos partir a Inglaterra todavia - disse Brant. - A tia Cloe tem que conhecer aos Astros de Nova Iorque.

- Acha que sobreviverão?

- Acredito que ninguém conhece a resposta.

Capítulo Dezasseis

Tiny Phipps agarrou uma lata de cerveja, jogou a cabeça para trás e esvaziou seu conteúdo de um só gole. Daphne ficou olhando seu pescoço de touro com expressão perturbada. Depois o jogador de defesa limpou os lábios com o dorso da mão.

- O que te pareceu minha tia Cloe, Tiny? - perguntou Daphne boquiaberta.

- Deu-me um tapa no traseiro e me disse que era um bombom - recordou Tiny com a expressão de um menino que não termina de entender o mundo dos adultos.

- Pois tem toda a razão - assentiu Daphne com um sorriso.

- Mas é tão mais velha que até poderia ser minha mãe, ou minha avó - disse Tiny.

Daphne se girou e encontrou a sua tia envolvida em um animado bate-papo com o Lloyd Nolan e o treinador, Sam Carverelli, que olhava à tia Cloe como um pai orgulhoso de seus moços.

- Quer outra taça, Daph? - perguntou Beatrice.

- Não, obrigada - rechaçou Daphne. - Não quero ficar adormecida antes de que cheguem todos os moços. Tem uma casa preciosa, Beatrice. É rústica e muito caseira.

- Obrigada -disse ela. - Não foi fácil convencer ao Lloyd. adora a pedra e os espelhos. Viu nosso dormitório?

- Acredito que a levarei um pouco mais tarde para acostumar-lhe - interveio

Brant.

- O que é tudo isso de espelhos e dormitórios, menina? - perguntou a tia Cloe.

- A verdade é que não estou muito segura - disse Daphne. - Mas estão rindo as minhas costas, isso lhe asseguro isso.

Soou a campainha da porta e Beatrice se desculpou para ir receber aos recém-chegados. Cloe aproveitou a ocasião para ir ao encontro de Tiny. Daphne estava admirando a vista de uma das janelas quando notou como se esticava o corpo de Brant. Voltou-se bem a tempo para ver Marcie Ellis fazer sua entrada no salão do braço com um tipo ao que não tinha visto nunca.

- Quem é ele? - perguntou, mas não deixou de fixar-se nela.

Marcie ia muito elegante e Daphne, de repente, sentiu-se desalinhada, muito inferior.

- É Matt Orson, um dos ajudantes do treinador - disse Brant. - Demônios! Parece que Marcie veio disposta a montar uma cena. E trouxe para um fotógrafo.

O olhar de Brant indicou às claras sua evidente preocupação porque se repetiriam os problemas do passado e ela o deixaria em ridículo. Escutou a voz estridente de Marcie enquanto saudava os anfitriões.

- Temos um par de caras novas - disse Lloyd. - Já conhece Daphne? E também está sua tia, a senhora Sparks, que veio que visita da Inglaterra.

- Parece que a imigração nos está indo das mãos - apontou Marcie e seu olhar encontrou o de Daphne. - Suponho que retornarão para casa logo. Possivelmente deveria fazer uma entrevista com Brant agora antes que volte para os braços das mulheres de Nova Iorque.

Lloyd Nolan não demorou para perceber seu erro e se perguntou se Matt Orson seria consciente de que o haviam utilizado

- Uma mulher muito atraente - disse a tia Cloe ao chegar à altura de sua sobrinha. - Mas não admite uma simples comparação contigo.

- Estou totalmente de acordo - disse Brant, mas seguia muito tenso.

- Não vejo o momento de me enfrentar a ela - disse Cloe. - Será uma provocação maior que Lucinda. Acredito que tem mais engenho. Prepare-se, querida! Já vai sendo hora de que aceite que meu corrompido sangue corre por suas veias.

- Era a amante de Brant antes de que viajasse a Inglaterra - disse Daphne a sua tia ao ouvido.

- Eu adoraria outra taça de vinho, rapaz - disse Cloe, e prosseguiu quando

Brant se afastou. - Isto pode ser muito divertido. Não esqueça que você é sua esposa.

- Sim - disse Daphne com um pouco mais de apuro.

- Vá, vejo que o lobo deixou a seu pequeno rebanho desprotegido.

- Olá, Marcie - disse Daphne. - Esta é minha tia Cloe, da Inglaterra.

- Da Escócia, na realidade - assinalou Cloe. - É jornalista, verdade?

- Em efeito. E espero conhecer a verdadeira história de Brant esta noite e sua súbita transformação em um aristocrata, um marido e um proprietário.

- Estou segura de que Daphne pode colocar-te a par de todos os detalhes - disse Cloe. - Não tenho a menor ideia do que sente ao ver-se investido com um título nobiliário, mas certamente está encantado em seu papel de marido e proprietário de uma mansão. Nunca antes tinha conhecido a um homem mais apaixonado. Claro que antes teve que desfazer-se de todos os admiradores da querida Daphne.

- Suponho que é normal que uma herdeira tenha um montão de pretendentes

- disse Marcie, enquanto Daphne assistia aniquilada ao combate dialético.

- Uma herdeira! - interveio Daphne. - Brant não ficou mais surpreso neste ponto. Eu não tinha nem um centavo, nada absolutamente.

- O que quer dizer? - perguntou Marcie perplexa. - Brant me disse que somente ia herdar uma velha casa e o título.

- Os advogados ingleses têm costume de ocultar certa informação até que não conhecem pessoalmente a seus novos clientes - disse Daphne com o pulso acelerado. - Tampouco sabia que eu existia.

- Já entendo - mentiu Marcie, que viu o Brant aproximar-se com um copo de vinho.

- Obrigada pelo vinho, querido - disse Cloe. - Daphne estava contando a esta jornalista que era pobre como um rato e que sua flechada foi instantânea.

- Sim, recordo-o perfeitamente - disse Brant. - Eu estava trabalhando nos reparos do telhado e então te vi descer do táxi. Estive a ponto de cair.

Marcie notou que a anciã dama inglesa não lhe tirava olho e compreendeu que a estava olhando com comiseração. Sentiu vontade de cuspir ali mesmo.

- E que intenção tem de fazer agora que está nos Estados Unidos?

- Vou tirar a carteira de motorista e dirigir o Porsche do Brant até o máximo - disse Daphne com segurança.

- Teria que vê-la ao volante - disse Brant. - É possível que tenhamos que consi-

derar a possibilidade de que tenha seu próprio carro, querida.

- Uma carroça para levar aos meninos? - sugeriu Marcie, desejosa para sair da festa e incrédula ante a lembrança de que uma vez queria casar-se com o Brant.

- Não - disse Daphne com segurança. - Esse será nosso terceiro carro.

- Acredito que já vai sendo hora de que te mostre o dormitório, carinho - disse Brant. - Em especial desde que meu futuro começou a encher-se de meninos.

- Minha querida Daphne melhorou muito na difícil arte do fogo cruzado, não acha? - disse a tia Cloe.

- A primeira vez que cruzei com ela foi incapaz de abrir a boca - recordou Marcie sem chegar a compreender o que tinha passado.

- As coisas mudam, querida. É melhor que se retire da competição. Esquece e perdoa. É uma mulher inteligente. Não insista em nadar a contracorrente.

- É você uma mulher extremamente perigosa, senhora Sparks - disse Marcie.

- Eu? Bom, o defunto senhor Sparks estava acostumado a dizer que... mas isso não vem ao caso. Desculpe-me, Marcie. Esse grandalhão do Tiny me reclama. E recorda, Marcie, que é demasiado inteligente para seguir arando em terreno baldio.

Brant viu sua mulher recostar-se sobre a cama e olhar ao teto de espelho.

- Te ocorre alguma ideia luxuriosa, carinho?

- Certamente - disse Daphne entusiasmada. - Poderia contemplar todo seu corpo enquanto fazemos o amor e...

- Dirigiu-se ao Marcie com muito tato - disse Brant para trocar de tema.

- Sim - admitiu satisfeita. - Sim, é certo.

- E não me necessitou para te proteger.

- Acreditava que estava farto de interpretar o papel de cavalheiro andante, sempre resgatando donzelas metidas em confusões?

- Não faça conta - disse e se levou a mão ao cabelo. - Não sei o que digo.

- Acredito que escutei ao Lloyd anunciar que vai pôr um vídeo com uma de suas partidas - disse Daphne de joelhos sobre a cama. - Podemos ir com eles?

- Você adora o futebol, verdade?

- Tenho muitíssima vontade de que ver a preparação - admitiu. - Mas ainda fica muito que aprender.

Brant sacudiu a cabeça com assombro. Era incrível quão rápido Daphne havia mudado. Mal podia seguir o ritmo de sua assombrosa transformação. Dois meses

atrás tinha sido uma mulher completamente diferente. De repente se imaginou ao volante de seu Porsche e estremeceu.

A noite seguinte foram para jantar num restaurante francês. À saída, caminho da garagem, surpreendeu-os o flash de uma câmara de fotos. Brant, instintivamente, agarrou a sua mulher pela cintura. Queria protegê-la. Era o mesmo casal que os tinha surpreso na garagem de sua casa algumas semanas antes.

- Segue você sem falar, senhora Asher? - perguntou um dos jornalistas.

- Vá - replicou ela, - vejo que ainda se escondem nos estacionamentos à espreita de possíveis reportagens.

- Todos temos que ganhar o pão - disse o tipo. - Suponho que as herdeiras estarão acostumadas a jantar em restaurantes caros, não?

- Sim. Amanhã Brant me levará a um mexicano - disse Daphne. - Eu adoro os tacos. Qual é sua comida favorita?

Não obteve resposta e supôs que essa vez era ela a que levou o gato à água e os tinha deixado sem fala.

- E o que opina de todas as mulheres que conheceu seu marido, senhora Asher?

- Acredito que tem um gosto delicioso - contestou Daphne.

- Senhores, acredito que já tiveram suficiente - interveio Brant. - Daphne, vamos a casa.

Ligou o motor de seu Porsche e não disse nada enquanto cruzava a Quinta Avenida ao longo de Central Park. Daphne havia tratado aqueles tipos como uma verdadeira profissional. Isso era o que ele sempre tinha querido, mas de algum modo se sentia magoado. Tinha perdido o controle. Estava atuando como um cão ao que houvessem arrebatado seu osso preferido. Chegaram a casa e descobriram que Winterspoon e Cloe todavia não tinham retornado.

- Vamos para cama - disse Brant.

- De acordo.

Não esperou que ela se despisse. Brant quase lhe arrancou a roupa e tratou de afogar todas suas dúvidas na paixão mais selvagem. Enquanto o fazia amor compreendeu que estava intentando recuperar o controle que havia perdido. O gemido final de Brant ao esvaziar-se nela ocupou o silêncio da habitação.

- Demônios! - murmurou enquanto recuperava o fôlego.

Nunca se tinha preocupado o mais mínimo pelos sentimentos de Daphne e se sentia como um verdadeiro canalha. Ela tinha os olhos fechados.

- Daph - disse com ternura. - Sinto muito, carinho. Espero que possa me perdoar. Não permitirei que se afaste de mim.

- Não o entendo - disse ela finalmente, aninhada junto a ele.

- Eu tampouco - admitiu. - Mas vou lutar para que possa esquecer que me comportei como um porco contigo. Tenho-te feito mal?

- Não, mas tampouco desfrutei.

Essa era a verdade nua. Brant fez ornamento de todos seus conhecimentos para dar a Daphne o máximo prazer e, quando o obteve, experimentou de novo essa estranha mescla de poder e controle. Adorava a maneira em que ela tremia justo antes de alcançar o clímax, o modo em que lhe nublava a vista e a forma em que se apertava contra ele.

Daphne, por sua parte, estava aturdida. Sentia-se como um trapo sujo e usado. Não havia compreendido a atitude violenta e selvagem de Brant. E tampouco o brilho em seu olhar de satisfação quando ela se havia arqueado e tinha alcançado o orgasmo.

- Encontra-te bem, céu? - havia sussurrado Brant, os lábios contra sua têmpora.

Sua mão, grande e cálida, seguia sobre seu sexo. Acariciava-a lentamente com os dedos como se esperasse mais dela. Podia sentir a umidade em seus dedos. Mas já não ficava nada mais que lhe entregar. Perguntou-se se tinha compreendido alguma vez aos homens, a esse homem em particular. Inclinou a cabeça e se apoiou sobre seu ombro antes de entregar-se a um sono profundo.

Capítulo Dezasseite

- Maldição! Um momento. Quero que pode a árvore, não que o esquarteje - explicou Brant.

O homem desligou a motosserra e olhou a lorde Asherwood.

- Como disse, senhor?

- Eu lhe indicarei daqui os ramos que quero que corte, de acordo?

Daphne, que vinha de seu jardim agora em plena época de floração, deteve-se e sorriu. Ficou quieta enquanto via seu marido dirigir as operações da poda como um quarterback. Era muito bonito. Vestia um suéter vermelho e branco dos Astros e jeans muito gastos. Seu cabelo escuro brilhava ao sol do entardecer. A paixão era

um sentimento muito agradável. Deu graças a Deus por ter tido a oportunidade do conhecer seus efeitos antes de que fosse velha. Tinha perguntado a Brant se sempre seria tão intenso quanto nos primeiros meses do casamento. E, se era assim, como era possível que as pessoas se divorciassem? Brant lhe tinha dirigido um olhar longo, preguiçoso e lhe tinha assegurado que ela era a mulher mais afortunada do mundo.

- Porque você é o melhor amante do mundo? - tinha replicado com sarcasmo.

- Você votaria em mim, verdade?

Ela tinha parado para pensar a resposta e ele tinha aproveitado a indecisão para acariciar um peito e lhe beijar o lóbulo da orelha.

- Rendo-me - havia dito. - É o maior em qualquer disciplina.

- Você tampouco está mal.

Enquanto o olhava dirigir ao cortador de madeira, perguntou-se se ele estava tão satisfeito com ela quanto ela o estava com ele. Depois de três meses em Asherwood Hall, a verdade era que parecia bastante satisfeito. A maior parte do tempo o tinham ocupado nos trabalhos de restauração. Mas também haviam feito alguma viagem. Tinha ido a Glasgow para visitar a tia Cloe, também voaram até Nova Iorque e tinham passado uns dias junto ao Lago Wudemere. Parecia fascinado com as histórias que Daphne lhe contava de cada cidade e cada povoado que visitavam. E tinha ficado fascinando com Stonehenge.

A motosserra se desligou pela última vez e o homem desceu da árvore. Olhou a Brant com cara de poucos amigos.

- Assim bastará, obrigado - disse Brant. - Um grande trabalho. Né, Daph, o que te parece?

- Fantástico - disse ela.

- Que tal está seu jardim privado?

- Veem e comprova-o você mesmo - estendeu-lhe a mão e caminharam até a parte traseira. - Podemos nos permitir um jardineiro para que se ocupe de tudo enquanto estejamos em Nova Iorque?

- Sim - disse, satisfeito ante a lembrança de sua cidade. - Acredito que poderemos arrumá-lo. Seguramente terei que vender o Porsche e o apartamento, mas as rosas são importantes e...

- Eu me encarregarei dos gastos - disse depois de lhe dar uma cotovelada nas costelas. - Abrirei mão de minhas ações.

Um segundo mais tarde estava tremendo. A mão de Brant penetrou debaixo de seu pulôver e subia por volta de um de seus peitos.

- Já está bem, Brant! Alguém poderia...

- Só comprovava uma coisa - disse. - Vejo que não usa sutiã. Está segura de que quer me mostrar o roseiral agora? Há outro jardim privado ao que também me encantaria que me convidasse a jogar.

- É incorrigível!

Daphne se deslizou sem dificuldade fora da cama. Brant estava deitado de barriga para cima, nu e adormecido. Era igual à primeira noite no Hawai. Estudou seu corpo à luz mortiça do entardecer. Certamente tinha aprendido muitas coisas após. Já não era a mesma moça ingênua. Voltou para a cama, ajoelhou-se junto a ele e começou a beijar-lhe no estômago. Brant murmurou algo e ela o seguiu beijando, cada vez mais abaixo. Estava totalmente absorta em suas explorações quando lhe surpreendeu a voz de Brant.

- Uma vista preciosa - disse e Daphne sentiu a mão de Brant sobre suas nádegas.

Subitamente, Brant gemeu e seu corpo se convulsionou um pouco. Ela esqueceu a vergonha ante o olhar insistente de Brant sobre seu traseiro e separou um pouco as pernas.

- Daph, carinho, será melhor que pare antes de que seja muito tarde.

Mas o prazer era tão intenso que não pôde seguir falando e se limitou a exalar um profundo suspiro.

- O que terá preparado Winterspoon para jantar? - perguntou Brant um pouco mais tarde.

- Não tenho nem a menor ideia - replicou Daphne. - Sexo e comida. É no único no que podem pensar os homens?

- Agora mesmo somente posso pensar na comida - disse. - Comería algo que não saltasse fora do prato. Deixou-me exausto.

- Merece-lhe isso - disse ela agradada. - Queria que soubesse que não só os homens podem acender a mecha.

- Tem minha permissão para tomar iniciativa sempre que quiser - disse Brant.

- Mas não neste momento. A vontade não basta, e acredito que meu corpo não está em condições.

- Eu adoro a vontade e todo o resto - sorriu ela.

- Estupendo! Amanhã voaremos a Paris. O que te parece se passarmos uma semana?

- Brant! - equilibrrou-se sobre ele e o cobriu de beijos.
- Afinal, Paris está cheio de jardins que bem merecem uma visita.
- Idiota - disse ela.

Daphne experimentava uma mistura de sentimentos quando retornaram a Nova Iorque em meados de junho. Era o mundo real e não sabia se estava preparada para enfrentar a ele. Winterspoon, que tinha voado uma semana antes para arrumar tudo na casa, deu-lhes as boas-vindas com uma bandeja de canapés.

- E o champanhe, Winterspoon? - perguntou Brant.
- Champanhe! - exclamou Daphne. - É que vamos celebrar uma festa?
- Um pouco parecido - disse Brant. - Uma taça antes que te mostre o que preparei.

A surpresa era uma Mercedes 380 SL prateado com o interior de couro negro. Daphne ficou boquiaberta.

- Assim nisso consistiam suas misteriosas chamadas telefônicas.
- Sim.
- E todas suas perguntas a respeito de minhas preferências?
- Sim. Sempre lhe fazia as perguntas depois de fazer amor para que não suspeitasse nada.
- Um golpe baixo, Brant.
- Terá que lhe pôr um nome - disse Brant.

Quando chegou o momento em que Brant teve que partir à concentração da equipe ao norte de Nova Iorque, quase toda a equipe dos Astros se deu uma volta no Gwendolyne e o porteiro da casa conhecia perfeitamente o carro e a sua proprietária.

- Oxalá pudéssemos ir a concentração da equipe - disse Daphne a Tiffy Richardson enquanto conduzia o carro caminho da casa do Tiffy em Westchester.

- Eu pensava o mesmo - e lhe acertou o joelho com carinho, - mas Guy me assegurou que ali não há absolutamente nada que fazer. Limitam-se a treinar todo o dia e quando terminam estão literalmente mortos.

- Mesmo assim...
- Já sei que o sente falta dele. Mas já não falta muito para que comecem as partidas amistosas de preparação - disse Tiffy. - O próximo quatorze de agosto jogarão contra os Leões.
- Vamos massacrá-los -disse Daphne.

- Meu Deus, Daph! A verdade é que se converteu em uma apaixonada por futebol.

- Eu adoro o jogo, é verdade. E comprei um montão de livros - acrescentou. - Além disso, não faço mais que estudar os vídeos das partidas em casa.

- Que tal funciona seu matrimônio com o Brant? - interessou-se Tiffy.

- Acredito que a pergunta seria como ele se sente em estar casado comigo - disse Daphne e mordeu o lábio inferior. - Comporta-se sempre como um cavalheiro.

- E você como se sente?

- Acredito que o amo profundamente - admitiu.

- Alegra-me ouvir isso. Brant merece o melhor e acredito que você cumpre todos os requisitos - disse Tiffy.

- Eu? Não estou muito segura disso, Tiffy. Já te disse que Brant é um cavalheiro.

«E nunca me disse que me quer», pensou para si. Recordou todas as palavras de amor que Brant lhe tinha dirigido. Sempre tinham sido nos momentos de intensa paixão. Mas nunca de um modo casual. Claro que tampouco ela havia dito nada. Embora o tinha desejado. Mas sua covardia a havia impedido.

- Não seguirá preocupada com Marcie, verdade?

- Oh, não. A semana passada encontrei com ela no teatro. Eu estava com a Alice, a mãe de Brant, e seu apoio foi fundamental - reconheceu. - É água passada.

- Tem sorte - disse Tiffy. - Minha sogra não é precisamente uma mártir. Volta-me louca. Cada vez que vem a ver convence ao Guy de que é um presente divino dos deuses e eu tenho que suportar sua vaidade durante duas semanas.

- Irá a Detroit à partida contra os Leões? - perguntou Daphne.

- Não. Somente se trata de um amistoso e Guy não jogará nem a metade da partida - disse Tiffy. - Têm que dar minutos a todos os jogadores.

- Sim, sei - disse Daphne. - Mas eu irei de todos os modos.

Daphne passou a última semana da concentração, antes da volta de Brant, em Connecticut com a Alice. Uma calorosa tarde, em uma rua secundária de Stamford, esteve a ponto de sofrer em sua própria carne a derrota. Isso, ao menos, foi o que contou a Alice no hospital.

- Bateu um caminhão de cerveja enquanto tentava esquivar a um menino em bicicleta. Resulta até irônico - disse. - E não é justo. O que dirá Brant? Mas estou bem. Não irá avisá-lo, verdade, Alice?

- Não fale, céu - sussurrou Alice. - Somente tem um par de costelas feridas e um trauma. É obvio que avisei ao Brant. Não soube nada de você em vários dias.

- Oh, vá! Isto era a última coisa que necessitava. Tem que concentrar-se nas partidas e não pensar em mim, nem em Gwendolyne.

- Se Gwen tiver tão bom aspecto como você, não direi uma palavra.

- Brant!

Aproximou-se até a cabeceira, inclinou-se e escrutinou o rosto de Daphne.

- Encontra-se bem?

- Não foi minha culpa - protestou e ele aproveitou para beijá-la. - Alice me disse que o carro ficou em muito mal estado.

- Já me encarregarei mais tarde - disse Brant e tomou a mão. - Deu-me um susto de morte.

- Não queria tê-lo preocupado desse modo - disse Daphne e dirigiu um olhar de recriminação a Alice.

- Para isso estão os maridos - disse Alice. - Deixar-lhes-ei a sós uns minutos. Mas recorda, Brant, que ainda necessita muito repouso.

Sua mãe saiu da habitação. Brant havia sentido pânico quando tinha recebido a notícia na concentração. E nem sequer as palavras de consolo de sua mãe haviam conseguido apaziguá-lo.

- Não se preocupe, Brant - disse Daphne. - Estarei recuperada para a partida contra a equipe de Detroit. Prometo-te que nunca voltarei a te falhar.

Brant levou a mão ao ventre liso de Daphne. A doutora lhe tinha comentado que Daphne tinha sofrido um aborto. Mas isso somente agravaria o sentimento de culpabilidade de Daphne e preferiu guardar silêncio.

- Ocorre-te algo, Brant? Seguro que a viagem te cansou mais da conta.

- E isso que importância tem? - disse ele. - Quer fazer o favor de preocupar-se unicamente por você?

- Para mim tem muita importância -disse quase sem voz ante a repentina dor de cabeça.

- Quer uma pastilha ou um analgésico?

- Acredito que sim.

- Vou avisar à enfermeira. Tenta descansar, meu amor. Voltarei esta tarde.

- se encarregará do carro?

- Sim - disse Brant. - Ocuparei-me pessoalmente de que o arrumem.

Compreendeu, uma vez na oficina, que Daph tinha tido muita sorte. O

caminhão tinha golpeado o assento do co-piloto. Começou a suar, mas a umidade reinante em Connecticut não era a causa. Cruzou por sua mente o desagradável pensamento de que não poderia fazer amor com ela durante um período de três semanas. Três dias mais tarde voou de retorno à concentração da equipe, depois de que Daphne promettesse que ficaria em Connecticut para que sua mãe cuidasse dela.

- Além disso, é o único que pode fazer - tinha acrescentado. - Gwendolyne não estará preparado até dentro de uma semana.

Winterspoon também acudiu ao Connecticut para cuidá-la. Repartiu-se as tarefas com a Alice e durante a seguinte semana não cessaram as visitas por parte das esposas do resto de jogadores da equipe. Alice havia sentido um certo temor por sua nora, mas soube que era muito querida por todos e isso a reconfortou. Um dia antes da partida, Alice entrou na habitação do Daphne e a encontrou fazendo as malas.

- Vou a Detroit a ver a partida do Brant - disse muito segura.

- Não crie que deveria consultar o médico antes...

- Winterspoon me vai acompanhar dentro de trinta minutos para uma última revisão - interrompeu Daphne. - Estou bem, Alice.

- E o que dirá Brant quando te vir?

- Não sabe que vou - sorriu. - É uma surpresa.

Capítulo Dezoito

Daphne estava na consulta com a doutora e folheava com impaciência uma revista atrás de outra. Desgraçadamente não havia nenhuma de esportes.

- Senhora Asher?

- Sim - e Daphne se ergueu ao escutar seu nome.

- A doutora a atenderá em uns minutos - disse a enfermeira. - Acompanharei-a à sala.

Entrou em uma sala pequena, muito asséptica, e se sentou em um tamborete. A enfermeira lhe entregou uma camisola de uma peça aberto nas costas. Daphne começou a despir-se com certo desgosto.

- por que tenho que me trocar? - perguntou. Somente tem que me olhar as costelas e a cabeça.

- A doutora Lowery quer lhe realizar um exame completo - explicou a enfermeira.

- Por que? - protestou com o cenho franzido. - Já me fizeram uma verificação completa faz seis meses.

- Suponho que a doutora quer assegurar-se de que se encontra bem depois do aborto natural que sofreu no acidente - informou a doente.

- Aborto? - repetiu, quase sem voz.

- Não tem do que preocupar-se, senhora Asher - sorriu a enfermeira. - É algo muito normal. Somente estava de sete semanas.

Daphne começou a trocar-se como um autômata. Lentamente começou a recordar. Havia tido um atraso de um mês, mas nem sequer lhe tinha prestado muita atenção. E não tinha notado em nenhum momento que estivesse grávida. Por que não lhe tinham informado no hospital? Não podia entendê-lo. A doutora Lowery entrou na sala e encontrou Daphne tombada na maca.

- Tem você muito bom aspecto, senhora Asher - disse com um sorriso.

- Por que não me disse que tinha tido um aborto? - perguntou Daphne.

A doutora compreendeu que sua enfermeira foi linguaruda. Sabia que não se teria que ter deixado convencer pelo Brant para ocultar a informação a sua paciente. Mas assumiu a responsabilidade.

- Preferimos esperar às provas e as radiografias - assinalou. - Em todo caso teríamos tido que intervir e teria perdido ao menino. Decidimos que o melhor seria lhe economizar esse gole, senhora Asher.

Daphne assentiu sem dizer nada. O acidente, sua própria estupidez ao volante, tinha sido a causa. Respondeu às perguntas da doutora com monossílabos. Esteve tentada de perguntar se Brant estava a par do que tinha ocorrido, mas teve medo de conhecer a resposta. Preferiu pensar que não sabia. Do contrário lhe haveria dito algo. Depois da pertinente análise se vestiu e se sentou no consultório da doutora.

- Tem as costelas muito recuperadas - disse a doutora. - E posto que já não sofre enxaquecas, podemos deduzir que está curada. Se deseja voltar a ficar grávida, senhora Asher, sugiro-lhe que espere uns seis meses antes de voltar a tentá-lo. Seu corpo todavia deve recuperar-se.

- Passará mais tempo antes que isso ocorra - disse Daphne. - A temporada regular está a ponto de começar e não penso viajar por todo o país com um bebê nas costas.

- Não sabia que estava grávida? - perguntou a doutora.

Ela sacudiu a cabeça de lado a lado, cabisbaixa.

- Bom, essas coisas ocorrem. Foi uma sorte que estivesse de tão pouco tempo

- disse a doutora Lowery. - Se deseja manter relações sexuais com seu marido, deve esperar ainda uma semana.

Levantou-se e estendeu a mão a Daphne. Ela estreitou a mão da doutora.

- Vá ver o doutor Mason em Nova Iorque dentro de três meses, de acordo? Fará-lhe uma revisão para assegurar-se de que se encontra bem. Boa sorte, senhora Asher. E lembranças a seu marido.

Sim, isso era muito fácil de dizer. Fechou os olhos ao sentir o sol sobre a cara. Havia decidido que não o diria a Brant. Não podia fazê-lo. Não tinha nem ideia de qual seria sua reação ante uma notícia assim. Acaso saberia sua sogra? Não o perguntaria. Não o comentaria com ninguém. Era algo que não tinha solução. Tinha ocorrido e já nada podia fazer nada. Chegaria a esquecê-lo com o tempo.

- Encontra-se bem, senhora? - perguntou Winterspoon enquanto lhe abria a porta do carro.

- O que? Oh, sim, Winterspoon, estou bem -disse. - Estou muito bem.

A partida contra os Leões de Detroit nem sequer teria podido considerar um exercício. Estava a ponto de terminar e a vantagem no marcador a favor dos Astros não deixava lugar a dúvidas. Brant tinha jogado uma partida excelente. Moveu-se com rapidez e agilidade. Todos seus passes haviam sido precisos. A imprensa reunida ali e os executivos das grandes contas publicitárias tinham coincidido em elogiar seu jogo. Daphne se tinha sentado no degrau, afastada da zona reservada a familiares. Tinham assistido algumas esposas a ver a partida, mas ela tinha preferido manter-se afastada para não danificar a surpresa a Brant. Queria ver que cara poria quando a visse aparecer ante seus olhos. Decidiu ir ao vestiário para esperá-lo junto à porta.

- É você a esposa de algum dos jogadores? - perguntou uma voz masculina.

- Sim, sou a senhora Asher.

- Vá, a herdeira britânica! - exclamou com surpresa.

- Sua esposa britânica - retificou. - A partida foi um treinamento, não lhe parece? Mas acredito que Brant se encontra em um estado de forma excelente. Acredito que este ano vamos diretos para a final da Liga.

O enxame de jornalistas cresceu a seu redor. Enquanto isso Daphne prosseguiu esmiuçando as peculiaridades da partida, do jogo da equipe e de cada

uma das jogadas. Os lápis dos repórteres jogavam fumaça sobre suas cadernetas. Nenhum acreditava no que estavam escutando. A mulher era uma autêntica perita. E era inglesa. Finalmente, a porta dos vestiários se abriu e apareceu Brant. Sua esposa se lançou a seus braços com um grande sorriso e o beijou.

- Uma grande partida, Brant - disse um dos jornalistas. - E uma grande mulher. Foi um prazer conhecê-la, senhora.

Foram aparecendo o resto de jogadores que rodearam a Daphne. Ela colocou cada um a par das últimas novidades de suas respectivas mulheres. Passaram quase trinta minutos até que ficaram finalmente a sós.

- Eu adoro Detroit - disse Daphne com um sorriso. - Eu gostaria de ficar um par de dias e visitar uma fábrica de carros.

- Isto foi uma surpresa - disse Brant.

- Sim, verdade?

- Está segura de que está totalmente recuperada?

- Winterspoon me deu permissão - disse Daphne. - Esteve brilhante no campo, Brant. foi muito emocionante verte jogar em direto pela primeira vez. Arranjei para que nos forneçam uma cópia da partida em vídeo. Há alguns detalhes a respeito das novas regras para esta temporada que eu gostaria de discutir contigo e com o resto da equipe.

- É incrível, sabia?

- Sim, mas não me abraça com muito entusiasmo ainda - replicou ela e ele estremeceu. Asseguro-te que minhas costelas estão bem. Não se preocupe, Brant.

Mas Brant não estava pensando nisso. Não sabia como ia frear o impulso de fazer amor essa mesma noite. Sabia que teria que manter-se afastado ao menos uma semana mais. Ela necessitava um tempo de convalescença.

- Estou muito contente de voltar a ver-te - disse e a beijou. - E agora vai assistir à primeira sessão de queixa de seu marido depois de uma partida.

- Só lhe derrubaram uma vez - disse ela. - Tem-te feito mal?

- Nada que os cuidados e as carícias de uma esposa entregue não possam curar – manifestou. - Você gostaria de brincar na Jacuzzi?

- E nem sequer temos que ir a Califórnia.

Brant pensou, erroneamente, que se ficava sob a água não se sentiria tentado. A princípio tudo foi bem. Daphne se limitou a lhe dar uma suave massagem nos ombros. Mas quando entrou nua no Jacuzzi, a imaginação de Brant pôs-se a

voar como um pássaro ávido de desejo. Tinha que afastar de si esses pensamentos, mas seu olhar estava fixo nos peitos do Daphne que não demoraram para exercer uma suave pressão contra seu torso nu.

- E mamãe? - perguntou de repente.

- Oh, está bem. Manda-te um beijo - disse ela distraída. - Também chamou a tia Cloe para te desejar sorte e acredito que inclusive Winterspoon viu a partida por televisão.

Daphne pensou que fazia dias que não sentia nenhuma dor. A advertência da doutora Lowery não tinha sido mais que uma sugestão. Ao menos ela o interpretou assim nesse momento. Tomou o remédio e não desejava combater o desejo que a levava a gozar do corpo de seu marido. Não temia ficar grávida. Levou sua mão ao peito de Brant e a deslizou até seu estômago. Fez uma breve pausa e depois continuou a imersão até se chocar com seu objetivo. Não cabia dúvida de que Brant não estava indiferente.

- Não siga, Daph - disse ele entre dentes.

- É que não senti falta de mim?

- Estou cansado e dolorido - disse. - Não me sinto com forças. Preferiria não fazê-lo esta noite, carinho.

- Está bem - aceitou ela, mas Brant advertiu a estranheza em seu olhar.

- Mas me alegro muito de que veio ver-me - disse Brant.

À manhã seguinte subiram o café na cama. O periódico, na seção de esportes, dedicava um artigo à partida. Para surpresa de ambos, o escritor tinha reproduzido quase por completo as explicações do Daphne. Elogiava seu conhecimento dos mecanismos do jogo, do sentido tático e lhe dedicava uma fotografia junto a ele. Brant estava mais que impressionado pela facilidade com que ela tinha assimilado todos os conceitos do jogo.

- Sabia que estava aprendendo muito, mas isto...

- Tenho que admitir que estudei alguns livros - disse ela. - E também vi um montão de vídeos durante sua concentração.

- Tenho a impressão de que o mundo está mudando muito depressa a meu redor - disse Brant. - Quero dizer, meu mundo.

- Sim - assentiu ela e tomou um bocado dos ovos mexidos. - É um homem casado. E isso é uma mudança, campeão.

Brant pensou que Daphne estava começando a expressar-se como uma americana. Quanto tempo lhe levaria perder definitivamente seu sotaque britânico?

A verdade era que desfrutava com a crescente popularidade que sua esposa tinha adquirido entre os meninos da imprensa até que chegou a partida contra os Cowboys de Dallas.

Capítulo Dezanove

Tinha sido uma partida bastante dura e haviam perdido. Brant estava bastante machucado e lhe doíam todos os ossos. Estava de pé e escutava aniquilado as explicações de Daphne. Perguntou-se se Winterspoon, que estava na cozinha preparando algum prato tipicamente inglês, estaria escutando.

- Assim ao princípio farei entrevistas e durante a temporada, se tudo estiver bem, pode que me incorpore como comentarista durante os intervalos - disse Daphne, tão excitada que quase não respirava ao falar. - E é possível, somente possível, que seja a primeira mulher que retransmita a partida por completo, do princípio ao fim.

- Pelo amor de Deus, Daph! - disse Brant. - Espera um segundo, ok? Do que está falando? Acaso uma cadeia de televisão te ofereceu um posto de trabalho?

- Sim, e querem que entreviste em primeiro lugar a meu marido.

- Não posso acreditar - disse perplexo. - Por que razão iam te oferecer um trabalho assim?

- Sua taça, senhor - disse Winterspoon e lhe estendeu um copo.

- Obrigado, Winterspoon - disse Brant. - Vou tomar um banho para me relaxar.

Daphne piscou ao ver como lhe dava as costas e partia. Abriu a boca para dizer algo, mas se fixou em que Winterspoon a olhava com determinação.

- Já sabe como se sente depois das partidas, senhorita Daphne. E esse placar no terceiro quarto foi muito duro.

- Mas isto é importante, Winterspoon! - e saiu furiosa para o dormitório ao encontro de seu marido.

Ao entrar no banheiro encontrou ao Brant de frente ao espelho. Mas não sentiu nenhum desejo e o olhou com pena.

- Tenho que falar com a defesa - disse Daphne. - Deixaram um oco tão grande que teria entrado até um trem de carga. Por isso lhe hão perdido.

- Daphne - disse, e ela se surpreendeu de que não a chamasse Daph - não

quero que fale com ninguém, entende-o?

- Está cansado e aborrecido... - disse ela com ternura. - Vamos à jacuzzi.

- Estou cansado, mas não sou um menino de cinco anos - replicou. - Por que não me deixa sozinho e vai falar com o Winterspoon? Talvez necessite algum conselho sobre a melhor maneira de cozer as batatas.

- Não tem necessidade de ser tão grosseiro - disse ela, muito digna. - Somente tentava ser amável e carinhosa.

Brant se tombou na banheira, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

- Bom, dentro de pouco já não terei que me preocupar com suas cuidados - disse Brant.

- E isso o que se supõe que significa?

- Significa que deixará de ser minha esposa e passará a ser comentarista de televisão se, finalmente, aceita esse trabalho - indicou com um olho aberto.

- Isso é uma estupidez - replicou ela. - Nunca vou deixar de ser sua esposa. De fato ninguém me teria devotado esse trabalho se não tivesse casada contigo.

- Isso é a única coisa sensata que disse - aprovou ele. - Alegria-me que entenda por fim que não interessariam a ninguém seus comentários se não fosse porque é minha esposa.

- Já vejo - disse ela, a ponto de estalar. - Assim se não fosse pelo grande Brant Asher, diminutivo do Asherwood, eu seguiria encerrada na campina inglesa, recolhendo ovos frescos e cuidando minhas roseiras, temerosa de minha própria sombra.

- Você o há dito, querida. E agora, se puder me deixar em paz...

- Desculpa, parto.

Ao cabo de um momento, Brant se secou e foi ao quarto. Tombou na cama e estirou os braços por cima de sua cabeça.

- Segue aqui? - perguntou.

- Assim é como tratou sempre a todas suas mulheres, incluída Marcie? - perguntou com a voz trêmula.

- Não. E se Marcie estivesse aqui em seu lugar estaria fazendo tudo o que estivesse em sua mão para me aliviar a dor - disse Brant.

- Eu também posso fazê-lo - disse ela quase sem respirar.

- E por que não me demonstra isso? Por que te empenha em seguir adiante com esse ridículo plano de ganhar dinheiro e popularidade a custa de meu nome?

- Maldito seja, Brant Asher! Não necessito seu nome. Posso me cuidar e o

farei.

- Como pode ser tão estúpida? - se ergueu. - Se não houvesse concordado em me casar contigo, teria obedecido às instruções da Lucinda. Ter-te-ia convertido no que ela tivesse querido. Uma pobre secretária em algum escritório sombrio de Londres, certamente. Ou haveria terminado enterrada no Glasgow sob a asa protetora da tia Cloe. E ela te teria procurado algum infeliz que tivesse cuidado de você.

- Poderia me haver casado com qualquer homem que eu tivesse escolhido - vociferou ela. - Não posso acreditar o que estou ouvindo. Você me suplicou que me casasse contigo.

- Eu nunca supliquei - negou Brant. - A princípio me pareceu que poderia ser um bom trato. A pobre Daphne, tão insegura e dependente, alheia ao mundo real...

- Já está bem!

- É a verdade, não?

- Já não sou insegura. Sou uma mulher competente. Posso fazer algo que me proponha e...

- Mas se nem sequer foi capaz de esquivar ao menino da bicicleta e evitar a perda do bebê!

Ela ficou paralisada, dominada pela lembrança. Brant se amaldiçoou pelo que acabava de dizer. Estirou a mão para ela.

- Daph, sinto muito. Não queria dizer isso. Sou um fofoqueiro.

- Sabia - disse ela. - E não me disse nada. Tive que me inteirar pelo descuido de uma enfermeira.

- Tomei a decisão de não lhe dizer isso meu amor. A doutora não estava de acordo, mas eu insisti. Não queria que se sentisse culpada. Perdoe-me, por favor.

- Por isso não fez amor comigo em Detroit.

- Ainda estava convalescente do acidente - disse Brant. - Podemos ter mais filhos, meu amor, se você o desejar.

- Não me chame amor - disse com a voz metálica. - Casamo-nos por conveniência. Você me salvou de uma vida miserável abocada aos esgotos da mediocridade. Tem razão. Não deveria me aproveitar de sua posição para alcançar um lugar que, obviamente, não me corresponde.

- Esquece tudo o que te falei - disse Brant, que se sentia como um perfeito imbecil. - E aceita essa oferta se for o que deseja fazer. A decisão só corresponde a você.

- Obrigada - separou-se dele e não o olhou à cara. - Você gostaria de descansar um pouco antes do jantar? Direi ao Winterspoon que atrase todo o tempo que necessite. Parece-te bem se te avisar dentro de uma hora?

- Uma hora está bem - repetiu ele.

Daphne saiu do quarto e fechou a porta com cuidado. Brant voltou a tombar-se e ficou olhando o teto do quarto. Compreendeu que sua exagerada reação se devia ao medo a perdê-la. Estava apaixonado por ela. Sempre a tinha amado, mas tinha sido incapaz de admiti-lo. Sentiu desejo de saltar da cama, abrir as janelas e gritar aos quatro ventos. Mas ela nunca acreditaria. Agora pensaria que somente era um machista, incapaz de aceitar que seu esposa alcançasse cotas de popularidade às suas custas. Mas ele não estava assustado pelo êxito de Daphne. Simplesmente queria que ficasse junto a ele. E agora estava a ponto de por tudo a perder por culpa de sua imprudência. Tinha relevado o episódio do aborto e tinha podido ver a dor aguda refletida em seus olhos. E ela, por que não o havia dito? Tinha suportado em silêncio e aquela solidão carrega para não preocupá-lo, para protegê-lo. E sabia que ela não havia tido nenhuma culpa no acidente. Meia hora mais tarde estava sentado à mesa. Mal foi capaz de dizer alguma coisa salvo comentários sobre a comida.

- Virá a Houston a semana próxima para a partida contra os Oilers? - perguntou finalmente. - Poderemos ver minha irmã, ao Dusty e aos meninos. E poderíamos passar com eles o Dia de Ação de Graças.

- De acordo - aceitou depois de um comprido silêncio. - Irei.

Ao longo da noite advertiu como crescia a distância entre eles. A natural alegria de Daphne se permutou em amargura e desconfiança. Jogaram cartas com o Winterspoon antes de deitar-se.

Depois de intermináveis carícias, Brant viu como o corpo de Daphne estremecia de prazer entre convulsões.

- Meu Deus, é linda! - sussurrou.

Daphne, cujo corpo tinha lutado de forma inconsciente contra a satisfação, sentiu-se imersa em um redemoinho. No momento em que notou como Brant a penetrava, começou a gemer entrecortadamente.

- Brant, eu...

- Quero que seja feliz - disse muito perto de sua boca. - Quero que seja feliz comigo.

Ela gemeu várias vezes contra seu ombro e o arrastou com ela ao centro da voragem em que se achava imersa.

- Quero que seja feliz - repetiu Brant, parando em cada palavra.
 - Eu também - murmurou ela, entregue.
- Daphne o abraçou com força e sentiu como explodia em seu interior.

Capítulo Vinte

Em Houston fazia um calor excessivo para o mês de novembro e era tão alta a umidade que Daphne sentiu quando desceu do avião, que se empapava de suor.

Toda a família foi ao seu encontro e a engoliram literalmente em um abraço de equipe. Daphne não teve mais remédio que sorrir e esquecer toda sua amargura ante tal explosão de alegria. No vestíbulo do hotel também estava Brant.

- Ficaré aqui concentrado até depois da partida? - perguntou Dusty.
- Sim - confirmou Brant. - Depois Daphne e eu tínhamos planejado invadir sua casa um par de dias.

- Pode dá-lo por feito. Lily e eu planejamos um autêntico churrasco texano para depois da partida - disse Dusty. - Mas te prometo que também haverá peru recheado, tal e como corresponde a uma data tão importante.

Despediram-se e tiveram que enfrentar aos jornalistas concentrados na entrada do hotel. Daphne se agarrou a Brant ao reconhecer a um dos jornalistas.

- Senhora Asher! - gritou. - Bem-vinda a Houston! Qual é sua impressão sobre a partida?

Brant pôde sentir a rigidez no corpo de Daphne. Amaldiçoou-se em silêncio.

- Vá em frente - animou-a com muita ternura. - Estão-lhe esperando. Sempre acerta em suas predições das partidas.

Brant foi se atender a outro repórter, mas não a perdeu de vista. Ao princípio se mostrou tímida, mas pouco a pouco se foi animando. Sorriu ao vê-la gesticular enquanto explicava seu particular ponto de vista, reconheceu sua risada franca e vital. Voltou para escutar o inconfundível sotaque britânico. Sentiu-se orgulhoso e feliz. Ela estava atuando com naturalidade e ele tinha tentado moldá-la a seu gosto. Sentiu nojo de si mesmo.

Tinha sido a roda de imprensa mais divertida a que tinha assistido. Fizeram-se com a vitória na partida. Daphne havia terminado rouca de tanto gritar e Brant havia terminado mais dolorido que nunca.

- Daphne, temos que falar.

- É insaciável, Brant - disse ela com um sorriso travesso. - Ainda me estou recuperando do último assalto e você...

- Deixa-o - interrompeu com a mão. - Não me referia a isso e sabe.

- Não quero chegar tarde ao churrasco - disse enquanto se arrumava frente ao espelho. - Acredito que a limusine que enviou Dusty já está esperando abaixo.

Brant suspirou, mas mordeu a língua. Reconheceu o olhar suplicante nos olhos de Daphne e decidiu esperar. Sabia que tinha que romper o muro defensivo que ela tinha levantado entre eles. Mostrou-se atenta, pormenorizada e selvagem na cama. Mas não tinha podido chegar ao fundo de seu coração.

- Está bem - disse e guardou silêncio.

Sua irmã e Dusty viviam em uma casa de três andares de estilo colonial em um dos bairros mais exclusivos de Houston. Tinham uma propriedade que se estendia até onde alcançava a vista, uma piscina enorme e um lindo jardim. Reinava o bom humor entre todos os convidados e, logo após descer do carro, Daphne se separou dele. Tratou de manter o sorriso durante toda a festa, mas houve momentos em que se sentiu fraquejar. Guardou sempre uma distância prudencial com respeito a ele. Estava molhando um pedaço de omelete em um molho verde de salada de abacate quando escutou a voz de Lily a suas costas.

- Daphne, por que não me acompanha acima um momento? - sugeriu. - Tenho que retocar a maquiagem antes de parecer uma bruxa.

- O que quer arrumar? - perguntou Daphne.

- Já o verás - e a arrastou entre as pessoas pela casa.

- Tem uma casa linda - disse enquanto subiam ao segundo piso.

- Sim.

- E o jantar estava delicioso.

- Sim - replicou. - É aqui, Daphne.

Entraram em uma habitação gigantesca. Todo o apartamento de Brant era mais pequeno que aquele salão em forma de letra I.

- Quero saber o que está passando - perguntou sem preâmbulos.

- Não te entendo - respondeu Daphne.

- Não seja assim. Quero muito a meu irmão - disse Lily. - Pensava que formavam o casal ideal. Sei que está louco por você.

- Eu não acredito - disse com calma.

- Como pode estar tão cega, Daph? Vigiei-lhe toda a noite e você o evitou a

todo momento - fez uma pausa e prosseguiu. - Mamãe me contou do aborto. É uma lástima, mas não uma tragédia. Pode ter mais filhos.

- Brant foi muito amável comigo e eu decidi cumprir minha parte do trato, independentemente de seus sentimentos para mim. A verdade é que eu o desejava. E ele se zangou porque não chegasse a bom término.

- Do que está falando? - perguntou Lily.

- Já o descobrirá - disse Daphne e se dispôs a sair, mas se girou. - De verdade o crie, Lily?

- O que?

- Que Brant me ama.

- Não seja idiota, Daphne. Ouvi como dizia a meu marido que era o homem mais afortunado do mundo. De fato, suas palavras exatas foram, mais ou menos, que uma estrela o tinha guiado até a Inglaterra. Isso não é suficiente para você?

Daphne sentiu que o coração ia estourar em seu peito e uma lágrima correu por sua bochecha. Abraçou a Lily e saiu do salão. Reuniu-se com Dusty e este a acompanhou a um escritório para efetuar uma chamada. Era arriscado, mas tinha que tentá-lo.

Brant estava no jardim, bebendo, e buscando com o olhar a Daphne. Em seu percurso se deteve em uma esplêndida mulher que saía da piscina, virtualmente nua, mas não sentiu absolutamente nada. De repente Dusty chamou a atenção de todo o mundo.

- Temos que lhes anunciar algo importante - avisou. - Se aproximem.

Todos se aproximaram e arrastaram a Brant com eles. Então viu Daphne. Estava falando com um dos executivos da cadeia de televisão.

- Eu gostaria de agradecer ao senhor Donaldson e ao resto de responsáveis pela cadeia -disse Daphne - a oportunidade que me brindaram. Pensei muito em sua oferta e decidi que ainda tenho muito por aprender. Possivelmente se no futuro ainda seguem interessados por mim, possa entrar no vestiário e esvaziar sobre suas cabeças uma garrafa de champanhe. Mas de momento, decidi reduzir meu campo de ação à equipe dos Astros. E o senhor Donaldson concordou.

- É fantástico - disseram todos em uníssono. - Ocupar-se-á sozinho de nós.

- Graças a todos por seu apoio.

Houve um aplauso geral, as taças brindaram em sua honra e Brant forçou um sorriso. Mas não podia pensar claramente e não lhe tirava o olho a sua esposa, rodeada de gente que a felicitava. Brant abriu caminho entre todos e chegou a seu

lado.

- Vamos - disse. - Agora.
- Mas, o que vai pensar Lily?
- Se cale.
- Vai atirar-me à piscina se me negar?
- Não, tombar-te-ei sobre as costas no chão - disse e a arrastou pela mão.

Ela sorriu e soltou uma gargalhada tão cristalina como a água pura. Brant não disse uma palavra até que chegaram à habitação do hotel.

- Sua figura é perfeita. O que quis dizer na festa?
- Bom, comi muita salada de abacate e estou cheia.
- Solta-o de uma vez.
- Zangou-se pelo que disse antes? - disse enquanto se despia obedecendo as

ordens do Brant.

- O que?
- Porque ia limitar-me a fazer algumas entrevistas esta temporada.
- Parece que te falta o fôlego, Daphne - disse Brant. - Quando?
- Bom, primeiro, você...
- Já o entendo! - levantou-a em braços e a levou até a cama. – Sem mais

conversas, querida esposa. Acredito que vamos dispensar Gwendolyne e trocá-lo por um caminhão. Teremos que transladar a Connecticut? Nós vamos comprar um cão?

- Winterspoon é alérgico a cães.
- Acha que nosso filho o chamará tio Oscar? Tio Spoon?
- Eu te amo, Brant.

Dedicou-lhe um cativante sorriso e se fundiram em um interminável abraço.

Fim

